



UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

Sofia Pereira Dias

TRAZER VIDA À BAIXA  
REABILITAÇÃO DO ANTIGO HOSPITAL REAL DE COIMBRA

Dissertação no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura,  
orientada pelo Professor Doutor Rui Pedro Mexia Lobo  
e apresentada ao Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia  
da Universidade de Coimbra.

Dezembro de 2020





UNIVERSIDADE D  
**COIMBRA**

**Trazer vida à baixa: Reabilitação do Antigo Hospital Real de Coimbra**

Sofia Pereira Dias

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA

Sob orientação do Professor Doutor Rui Lobo

Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA

**Coimbra, dezembro de 2020**



## **Agradecimentos**

À minha mãe e ao meu pai,

Ao meu avô pelos lanches de sexta-feira,

À minha família pelo apoio constante,

Aos amigos, principalmente aos do D'ARQ pelas noitadas,

Às companheiras de casa pelas conversas,

Às de sempre por, quase, uma década,

Ao professor Rui Lobo pelo acompanhamento constante neste ano tão atípico,

A ti avó,

Obrigada.



## **Resumo**

Esquecido no centro da cidade de Coimbra, o Antigo Hospital real já foi em tempos um edifício marcante para a Praça do Comércio. Quando D.Manuel subiu ao trono, numa tentativa de se assumir como rei, fez várias obras pelo país, nomeadamente em Coimbra. Assim em 1504 começa a construção do hospital que viria a afirmar a Praça Velha como espaço central da cidade de Coimbra. Durante anos acolheu todos os doentes das proximidades bem como quem viesse de viagem. Com a vinda da Universidade acolheu o primeiro hospital universitário de Coimbra.

Ao longo do tempo foi sempre atualizado para responder às necessidades da época. Foram vários os acrescentos e modificações que teve, o que resulta numa peça que conserva em si vários sinais do tempo bem como estilos arquitetónicos. Manteve o seu estatuto de hospital até este ser transferido para o antigo Colégio dos Jesuítas durante as reformas pombalinas. Após esta mudança o edifício foi vendido em hasta pública. Atualmente ainda tem uma fachada para a praça do comércio. No entanto, já não tem o impacto que teria na altura. Foram vários os programas que o ocuparam ao longo dos anos sendo que os mais recentes desvirtuaram e apropriaram-se indevidamente do espaço.

Com a proposta que desenvolvo nesta tese, pretendo reorganizar o espaço do edifício, nomeadamente libertá-lo de qualquer estrutura que esteja a desvirtuar o património histórico arquitetónico que este contém. É minha intenção que o Antigo Hospital Real de Coimbra deixe de estar tão desprezado e recuperar os elementos fortes do edifício que o tornam um marco na cidade de Coimbra.



## **Abstract**

Forgotten in the center of the city of Coimbra, the former Royal Hospital was once a landmark building in Praça do Comércio. When D. Manuel ascended to the throne, in an attempt to affirm himself as king, he promoted several works around the country, including in Coimbra. Thus, in 1504, construction began on the hospital that would later establish Praça Velha as a central space in the city of Coimbra. For years it welcomed the sick as well as anyone who would be travelling. With the arrival of the University, it hosted the first university hospital in Coimbra.

Over time, the former Royal Hospital has been updated to respond to the needs of each epoch. It suffered several additions and modifications, thus preserving several signs of the time as well as architectural styles. The building maintained its hospital status until this function was transferred to the former College of Jesus during the Pombaline University Reforms. Afterwards, the building was sold in a public auction. Nowadays it still has a facade over Praça do Comércio. However, it no longer has its former impact. Several programs have occupied it over the years, the most recent of which distorted and appropriated the space.

With the proposal developed in this thesis, I intend to reorganize the space of the building, freeing it from any structure that is distorting the architectural historical heritage that it contains. It is my intention that the Old Royal Hospital of Coimbra should no longer be neglected and to recover the main architectural elements of the building that make it a landmark in the city of Coimbra.



## Sumário

Introdução .....	3
Capítulo I: Coimbra .....	7
Evolução Urbana de Coimbra .....	7
Os hospitais de Coimbra .....	13
Capítulo II: A baixa Coimbra .....	19
A Decadência da baixa de Coimbra .....	19
A Praça Velha .....	23
Capítulo III: O Hospital Real .....	27
Contexto histórico .....	27
Contexto urbano .....	31
Caracterização arquitetónica .....	33
1504-1508 fundação .....	33
1567 AMPLIAÇÃO .....	37
1626- ALTERAÇÕES .....	37
Levantamento e Projeto Pombalino de 1779 .....	39
Início do século XX .....	41
Hospital Atualmente .....	41
Capítulo IV: Projeto .....	51
Casos de Estudo .....	51
Programas .....	59
Reorganização do espaço e circulação .....	59
Reabilitação do Pátio .....	67
Memória Descritiva .....	67
Capítulo V: Conclusão .....	79
Anexos Gráficos .....	95



Imagem 1. Vista aérea da Praça do Comércio

## INTRODUÇÃO

O abandono das baixas e dos centros históricos é um problema constante nas cidades portuguesas. Um pouco por todo o país, a população tem vindo a escolher a periferia, local onde são erguidas construções novas, destinadas não só a habitação mas também a comércio e a outros usos que levam as pessoas a essas novas áreas. Um passeio pela baixa de Coimbra, deixa-nos uma imagem clara daquilo em que se transformou. Casas abandonadas ou com incontornáveis marcas do tempo, ruas estreitas e escuras sem iluminação ou segurança e uma falta de programas que mantenha as ruas vivas. É perante este cenário e com enfoque na baixa Coimbrã que escrevo esta dissertação.

No primeiro capítulo pretendo perceber e resumir um pouco da formação urbana de Coimbra e da vantagem estratégica que a cidade tinha, o porquê de ser um ponto incontornável na história de Portugal. Esta análise histórica e do crescimento que a cidade teve ao longo dos séculos vai permitir perceber a evolução que Coimbra teve, fora e dentro das muralhas, e o porquê da importância da Praça Velha e do edifício que é alvo da minha intervenção: o Antigo Hospital Real de Coimbra.

Por o meu objeto de estudo ser um antigo hospital, há uma necessidade de perceber como eram estes estabelecimentos de saúde antes da construção do mesmo, pelo qual incluo na minha dissertação uma breve descrição dos locais onde eram tratados os doentes de Coimbra e arredores antes de o Hospital Real ocupar um espaço na atual Praça do Comércio.

No segundo capítulo abordo um pouco mais a problemática do abandono da baixa, do porquê e quais as soluções que se podem delinear para as mesmas. Este capítulo torna-se relevante pois foi com este estudo que selecionei o programa que pretendia para o

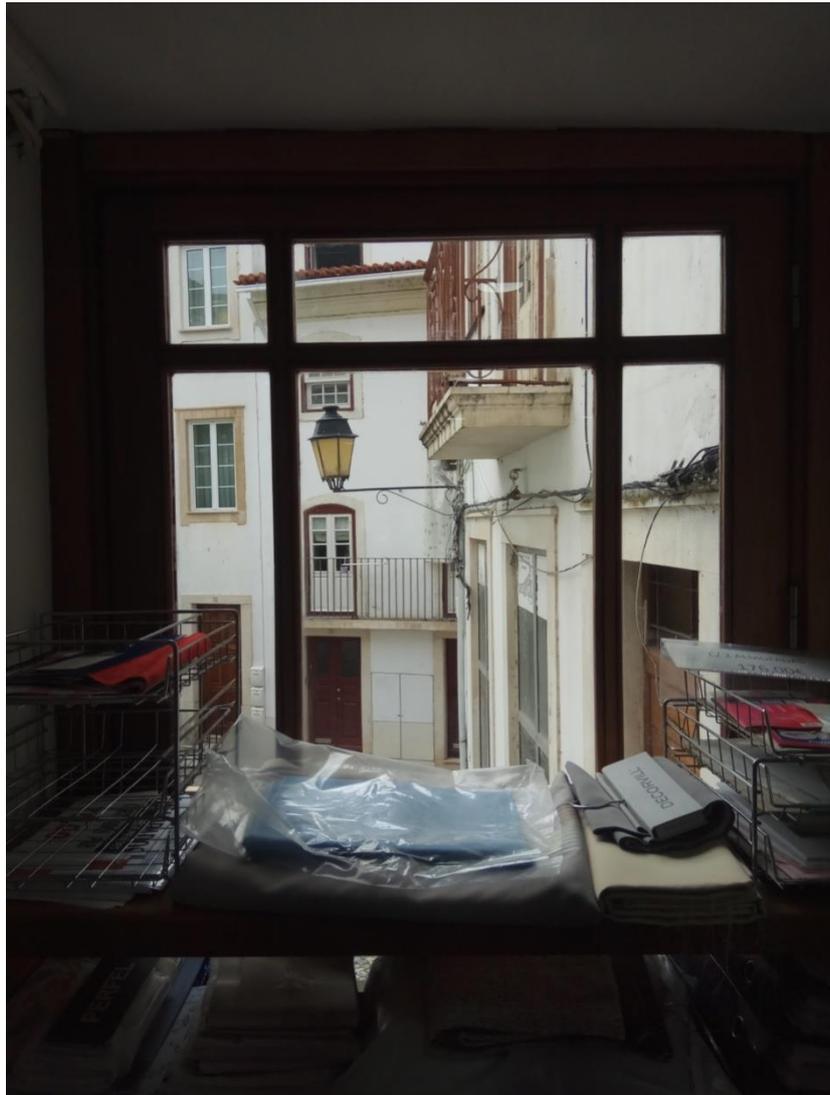


Imagem 2. Loja dos Tecidos

edifício, de maneira a ir de encontro a algumas das soluções apresentadas. O estudo da desertificação da baixa e da escolha que a população tem tendência a fazer pela periferia é sem dúvida um assunto interessante e que vale a pena debater. Tal como as razões pelas quais estes fenómenos acontecem e as soluções que se podem propor para reverter este desleixo de uma área tão importante em Coimbra.

Com a problemática da baixa considerada e com um programa definido para o antigo hospital, há que definir os limites da proposta de intervenção. No terceiro capítulo não só delimito a área que considero importante para a baixinha, como descrevo o edifício que será o objeto do meu estudo, o Antigo Hospital Real. Para poder fazer uma proposta que seja coerente e integrada no contexto, saber a história do mesmo e da envolvente torna-se um passo incontornável neste trabalho. Analisei a história da baixa, principalmente da praça do comércio, como é que esta influenciou a topografia envolvente e como o rio foi um factor fulcral para o desenvolvimento e a edificação da cidade de Coimbra.

A história do hospital também se revela um aspeto extremamente importante, principalmente quando é necessário tomar decisões de projeto. Um conhecimento extenso e sólido da evolução do edifício nomeadamente dos elementos originais e dos acrescentos ao longo dos anos torna-se fundamental quando é necessário sublinhar os elementos mais relevantes do edifício. Para além disso, o conhecimento e familiaridade com os programas que atualmente ocupam o edifício, os espaços que pertencem a cada proprietário e as ligações que existem, ou existiam, entre as diferentes divisões do Hospital são informações relevantes para a componente prática desta dissertação.

No quarto capítulo, aquele que faz a ligação entre a parte teórica do trabalho para a prática, ponho por palavras todo o processo pelo qual passamos até chegar à proposta que apresento aqui nesta dissertação. Desde casos de estudo que considerei relevantes, a exemplos para o meu projeto. Muitas das escolhas feitas foram com base naquilo que vi diferentes arquitetos fazer nestes projetos em que me baseio. Descrevo um pouco a linha de pensamento que tomamos durante o projeto, os aspetos a que demos mais importância, e que por isso se mantêm, e o que consideramos supérfluo. Por fim apresento a intervenção, por meio de um conjunto de desenhos rigorosos acompanhados de uma descrição detalhada.



Imagem 3. Coimbra no final do século XVI, gravura de Hoefnagel publicada por Braun

# CAPÍTULO I: COIMBRA

## EVOLUÇÃO URBANA DE COIMBRA

*“A formação urbana de Coimbra nasceu, indubitavelmente, de um dom da natureza, que colocou ao dispor do Homem uma privilegiada posição geográfica para instalar um primitivo povoado. “<sup>1</sup>*

A cidade de Coimbra que conhecemos hoje, é fruto de muitos anos de história e evolução da antiga cidade romana Aeminium. Desde de sempre que Coimbra teve uma posição topográfica vantajosa. As montanhas e vales da cidade criaram a topografia perfeita para uma defesa fácil e uma boa posição estratégica. O Mondego, que atravessa a cidade, foi em tempos mais abundante e profundo, permitindo que os barcos chegassem por Coimbra vindos do mar. Apesar de só haver vestígios de Coimbra como cidade romana acredita-se que este ocuparam “(...) o monte onde certamente já outras civilizações se teriam estabelecido mas de que não restam vestígios (...)”<sup>2</sup>.

Apesar de se saber que Coimbra teria sido uma cidade romana, apenas em 1888, se pôde confirmar que esta era a cidade Aeminium. Com “(...) a descoberta na Couraça dos Apóstolos de uma inscrição honorífica comemorando Constâncio Cloro dedicada pela Civitas Aeminium resolveu-se definitivamente o velho problema da localização da Aeminium.”<sup>3</sup>. A partir desta descoberta, começaram a ser vários os estudos feitos na cidade, numa tentativa de esboçar um plano para aquela que teria sido a antiga cidade romana.

Coimbra era uma cidade com uma implantação estratégica e por isso, torna-se óbvio que esta tenha tido uma muralha que envolvia o agora centro histórico e que este eventualmente se tenha desenvolvido para lá das mesmas.

---

<sup>1</sup> Carvalho, José Branquinho de.1958.Evolução de Coimbra.Coimbra. pág.5

<sup>2</sup> *Ibidem.* pág.6

<sup>3</sup> Mantas, Vasco Gil.1992.Notas sobre a estrutura urbana de Aeminium.Coimbra. pág.487

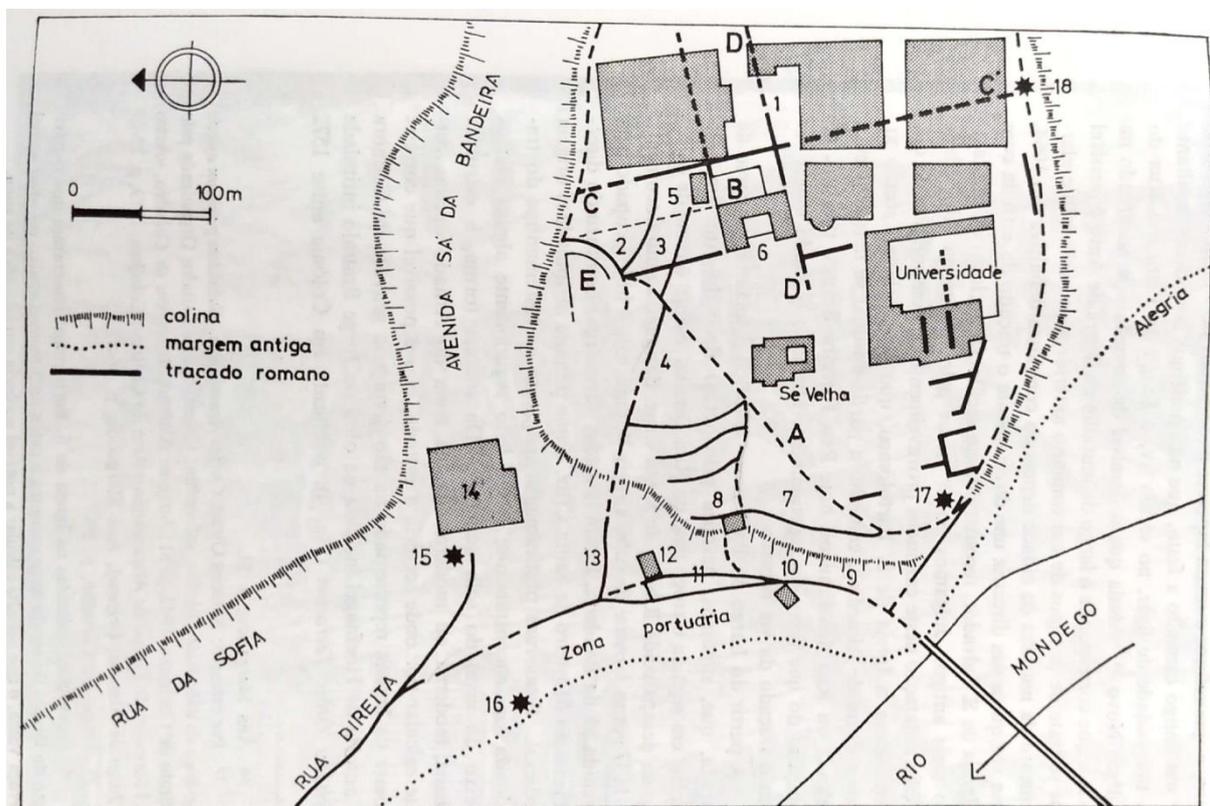


FIG. 3 — Esboço de interpretação de um fotograma da zona antiga de Coimbra (CMC 21.4297); A: traçado provável da muralha romana; B: Forum; CC: Cardo; DD: Decumano; E: teatro romano (?); 1: Largo da Feira; 2: Rua das Flores; 3: Rua do Loureiro; 4: Rua da Matemática; 5: Igreja de S. Salvador; 6: criptopórtico; 7: Rua Fernandes Tomás; 8: Porta de Almedina; 9: Rua dos Gatos; 10: Igreja de S. Bartolomeu; 11: Praça Velha; 12: Igreja de S. Tiago; 13: Rua Velha; 14: Mosteiro de Santa Cruz; 15: *Porta Maurisca* (?); 16: Igreja de Santa Justa (demolida); 17: Porta de Belcouce (demolida); 18: Porta da Traição (demolida).

Sabe-se que a muralha começaria no Mondego, onde haveria uma torre de defesa, seguiria pela atual Rua Ferreira Borges, onde ainda se pode ver o arco de Almedina e subiria pela Torre de Anto até à parte alta da colina. Outro elemento importante para a cidade foi a estrada romana Olisipo-Bracara nomes romanos para, respetivamente Lisboa e Braga. Esta estrada veio fazer de Coimbra uma cidade ponte. Vinha de Conímbriga passava o Mondego e continuava cidade dentro “A partir da Portagem, a via continuava pela Travessa dos Gatos, atravessava a Praça Velha seguindo pela Rua Eduardo Coelho, largo do Poço e Rua Direita.”<sup>4</sup>. Ao contrário do que muitos pensam a Rua Ferreira Borges não fazia parte desta estrada.

Sem duvida que as várias invasões, como as bárbaras no século V, os visigodos e os suevos no século VII e o domínio muçulmano tiveram consequências no desenvolvimento e consolidação de Coimbra. Foi apenas na idade média que a baixa começou a ganhar protagonismo em relação à alta criando duas zonas distintas na cidade. No entanto a zona da baixa tinha uma luta constante com o rio onde “(...) a mobilidade do limite fluvial foi uma das principais condicionantes, senão mesmo A condicionante específica, do desenvolvimento urbanístico de Coimbra.”<sup>5</sup>.

Apenas com a reconquista cristã definitiva, em 1064, Coimbra deixou de precisar de viver dentro de muralhas o que permitiu uma expansão para lá da mesma. A junção do rio e da antiga estrada romana, rapidamente atrai o crescimento da cidade na sua direção o que impulsionou atividades mercantis. Várias foram as construções que começaram a surgir ao longo da via Olisipo-Bracara fazendo com que esta ganhasse um papel importante na formação e organização urbana de Coimbra.

Como refere Vasco Mantas, “O facto das mais antigas igrejas extra-muros de Coimbra acompanharem o traçado da via comprova a sua antiguidade: S.Bartolomeu, S.Tiago, Santa Cruz e Santa Justa(...)”<sup>6</sup>. É ainda de realçar que duas destas quatro igrejas estão situadas na futura praça onde viria a surgir o antigo Hospital Real.

---

<sup>4</sup> Mantas, Vasco Gil.1992.Notas sobre a estrutura urbana de Aeminium.Coimbra. pág.494

<sup>5</sup> Rossa, Walter.2001.Divercidade, Urbanologia do espaço de Coimbra até ao estabelecimento definitivo da Universidade.Coimbra. pág.35

<sup>6</sup> Mantas, Vasco Gil.1992.Notas sobre a estrutura urbana de Aeminium.Coimbra. pág.500

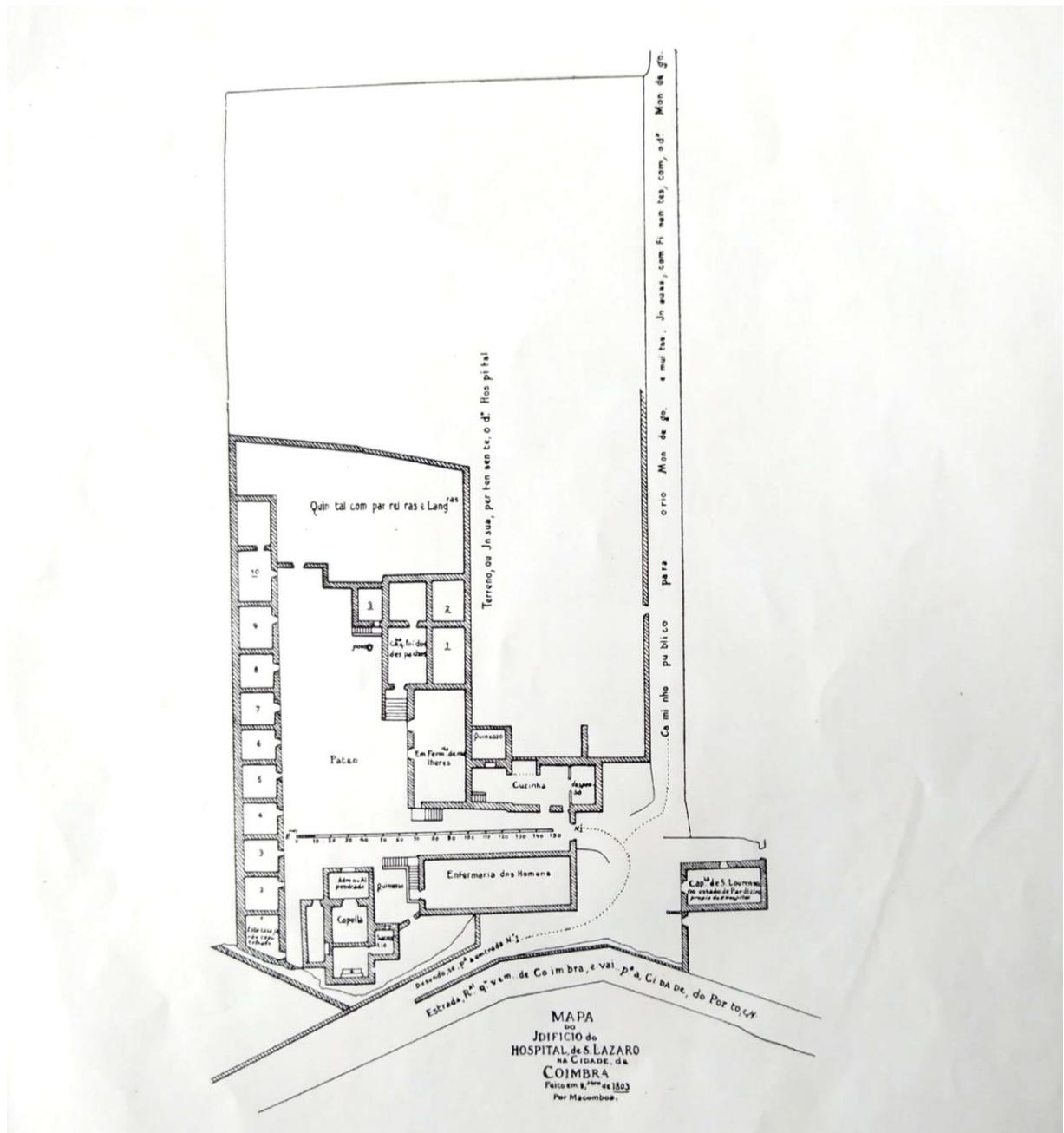


Imagem 5. Planta a mostrar a disposição do hospital de S.Lázaro (Alberto Pessoa 1931)

A forma desta Praça foi determinada não só pela estrada romana como pelas igrejas e o porto fluvial de Aeminium que acredita-se, estaria a ocidente da mesma. Podemos então afirmar que a importância da Praça Velha no desenvolvimento da cidade vem desde dos tempos romanos, a construção do Hospital Real veio sem dúvida aumentar esse impacto, mas a Praça por si só já era um ponto de referência na cidade.

No entanto o elemento que dá mais notoriedade a Coimbra e pela qual é conhecida internacionalmente, a Universidade, só viria a ser instalada na cidade em 1537. D.João III ordena a transferência da Universidade de Lisboa para Coimbra. Pensou instalá-la no Mosteiro de Santa Cruz. Para isso Frei de Brás Sousa, reformador do mosteiro, mandou abrir a Rua da Sofia, para os novos colégios universitários. O desenho desta rua, com uma largura generosa para a época, marcou sem dúvida a estrutura da cidade e tornou-se uma das artérias principais da mesma. Não obstante, a universidade acabou por se instalar no Paço Real, na alta da cidade.

O eixo aqui marcado tornar-se-á relevante tendo em conta que a Rua Ferreira Borges segue o alinhamento desta para unir a Praça 8 de Maio com a Portagem. Foi com o traçado desta nova artéria que a Praça do Comércio cai em desuso. O estudo breve da forma como se desenvolveu a cidade, tema com o qual começo a minha dissertação, torna-se necessário para entender a localização do Hospital Real de Coimbra e a influência que este teve na cidade.



Imagem 6. Portal manuelino do antigo hospital de S.Lázaro (Alberto Pessoa 1931)

## OS HOSPITAIS DE COIMBRA

*“D.Manuel, vendo quão necessária cousa era a dita cidade haver um bom hospital, segundo requer a nobreza dela e a grande passagem que fazem as gentes de todas as partes e mui principalmente nos tempos do Jubileu Santiago, mandou construir à sua custa em Coimbra um hospital honrado e assim cumprindo de todas as cousas que a hospital e recebimento de pobre, convem”<sup>7</sup>*

Para entender a necessidade de um novo hospital na cidade de Coimbra, um que pudesse albergar e tivesse capacidade para tratar os doentes “...na cidade ou até 8 léguas em redor, e ainda os que viessem doentes do mar, embora de mais longe que as ditas 8 léguas.”<sup>8</sup>, é necessário entender as condições em que os existentes hospitais e albergarias funcionavam.

Havia, no início do século XVI catorze hospitais e albergarias, exceptuando o Hospital de S.Lázaro, a maior parte já de “respeitável velhice”<sup>9</sup>. Sabe-se que estas instituições eram muito pobres e que a sua eficiência também ficava aquém do que seria de esperar: o Hospital de S.Nicolau, o Hospital de S.Marcos, o Hospital de Santa Isabel de Hungria, o Hospital dos Milreus, o Hospital de Nossa Senhora da Vitória, o Hospital do Montarroio, o Hospital e confraria de S.Lourenço, o Hospital de Santa Maria de S.Bartolomeu, o Hospital de Santa Maria da Graça, o Hospital de Santa Maria de Vera Cruz, a Albergaria de S.Gião, a Albergaria da Mercê, a Albergaria de Santa Luzia e a Albergaria ou Hospital de S.Cristóvão. Havia algumas que datavam de 1144 como é o caso do de S.Nicolau, 1290 para o de S.Marcos e 1329 para o de Santa Isabel de Hungria.

Todas as instituições tinham em comum o facto de serem muito pequenas e por isso albergavam poucos doentes. Alberto Pessoa expõe o quão pequenas eram as instalações e a capacidade destas albergarias usando o exemplos de três instituições. Nos exemplos descritos, a capacidade das instituições eram de quatro a cinco doentes, como no de Nossa Senhora da Vitória fundado por uma viúva, Ana Afonso no hospital de S.Marcos e no de Santa Maria de S.Bartolomeu.

---

<sup>7</sup> Brito, A. da Rocha.1950.Plantas do Hospital da Praça.Coimbra. pág.3-4

<sup>8</sup> *Ibidem* .pág.5

<sup>9</sup> *Ibidem*. pág-3



Imagem 7. Ruínas do Hospital de S.Lázaro, SIPA

Assim, esses hospitais eram aglomerados de falta de condições, pouco espaço e má gestão. Foi perante este cenário que em 1504 o rei D.Manuel (1469-1495-1521) mandou um dos seus funcionários, Diogo Pires, fazer um reconhecimento e levantamento de todas estas instituições, incluindo os bens que lhes pertenciam. A situação era de tal maneira irreversível que o rei decidiu, juntar todas estas casas em apenas um hospital excepto o de S.Milreus “onde D.Manuel mandava que se recolhessem os doentes incuráveis. Todos esses antigos hospitais passaram a incorporar-se no Hospital Novo por ordem de D.João III.”<sup>10</sup>

Deste conjunto de instituições extintas manteve-se a funcionar o Hospital de S.Lázaro pelas particularidades que tinha. Como se sabe, a idade média foi uma altura de restabelecimentos das rotas comerciais na Europa e no mediterrâneo e enquanto os navios vinham cheios dos mais variados bens, também algumas doenças se espalharam devido às cruzadas. Uma delas, que não teve tanto impacto em Portugal como no resto da Europa, foi a lepra. Com a propagação da doença, chegando a afetar o rei D.Afonso II, foram criadas várias medidas e gafarias para albergar os doentes infetados.<sup>11</sup>

Houve várias gafarias pelo país mas a que nos interessa é a de S.Lázaro. Sabe-se que esta gafaria em específico teve sempre o apoio régio durante vários reinados da dinastia de Aviz, “(...) tinha avultados rendimentos, cobrando rendas e foros de herdades e aldeãs no campo de Coimbra e fora dele, e bem assim de casas, vinhas e olivais (...)”<sup>12</sup>.

Durante anos a administração do hospital foi entregue aos próprios Lázaros até 1774 quando foi entregue à Universidade. Com a expulsão dos Jesuítas foram vários os colégios que ficaram vagos na alta o que fez com que o hospital de S.Lázaro, e não só, fosse passado para um dos edificios vazios. Passaram pelo colégio S.José dos Marianos onde não ficaram muito tempo. Em Junho de 1851 sai outro decreto lei que ordenava que se mudassem para o colégio de S.Jerónimo, e novamente em 1853 para o colégio dos militares.

---

<sup>10</sup> Brito, A. da Rocha.1950.Plantas do Hospital da Praça.Coimbra. pág.4

<sup>11</sup> Parágrafo elaborado com base na descrição de Alberto Pessoa no livro Hospitais de Coimbra

<sup>12</sup> Pessoa,Alberto.1931.Hospitais de Coimbra.Coimbra.Imprensa da Universidade pág.17



Imagem 8. Alpendre da capela do Antigo Hospital de S.lázaro transformado em casa de habitação (Alberto Pessoa 1931)

Após a mudança de local, o antigo edifício que os lázaros ocuparam, ficou devoluto, estava situado “(...) numa ínsua à direita do Mondego, perto da Igreja de Santa Justa.”<sup>13</sup>

Tal como Alberto Pessoa explica no seu livro, acredita-se que o hospital dos Lázaros teria sido sempre ali, pela falta de documentação que prova que teriam estado noutra local, e também por serem as únicas ruínas na zona. Estes vestígios do edifício, ainda hoje podem ser visitados, na azinhaga dos Lázaros ainda que o edifício fosse de um carácter muito simples sem grandes luxos. Sabe-se que a entrada para o pátio era feita “(...) por um portão manuelino, onde se vêem as armas do reino no meio de duas esferas armilares.”<sup>14</sup>. Do resto do edifício, a capela teria sido coberta por uma abóbada “(...) de que mal se adivinham as nervuras porque tudo está preto de fumo e a luz é pouca.”<sup>15</sup>

---

<sup>13</sup> Pessoa, Alberto. 1931. Hospitais de Coimbra. Coimbra. Imprensa da Universidade pág. 18

<sup>14</sup> *Ibidem*

<sup>15</sup> *Ibidem*. pág. 19



Imagem 9. Rua da baixa deserta

## CAPITULO II: A BAIXA COIMBRÃ

### A DECADÊNCIA DA BAIXA DE COIMBRA

*“Basta percorrermos a pé, claro está, a Baixinha, para respirarmos a insalubridade total que aí prevalece: casas sem esgotos, com os seus madeiramentos podres, saguões ocupados com lixos e entulhos, crianças que tem por seu habitat a rua, relativamente estreita, húmida e poluente.”*<sup>16</sup>

A decadência da baixa e dos centros históricos já não é novidade, e algumas ações têm sido tomadas para reverter este fenómeno, longe no entanto, de serem suficientes. Apesar de o centro histórico de Coimbra ser todos os dias um sítio de eleição para os turistas passearem e visitarem, a baixa da cidade está longe de ter a mesma atracção que tem a alta.

Ao percorrer as ruas estreitas da baixa deparamo-nos constantemente com casas abandonadas contribuindo para a decadência da zona. As que não estão abandonadas encontram-se muitas vezes em más condições, algumas por descuido outras por falta de meios para alterar o estado do edificado. A esta situação não é “(...)alheia o nosso sistema legislativo, bloqueador da actualização de rendas, conduzindo a uma penalização dos proprietários, com reflexos diretos nos edifícios (...)”<sup>17</sup> e para que se altere o estado da baixa é preciso identificar as razões pelas quais esta zona da cidade está assim.

O abandono da baixa está, sem dúvida, ligado a uma grande falta de condições das habitações e da oferta em geral. São poucas as lojas que atraem população às ruas da baixinha. Isto leva a que a população que habita a baixa e faz o seu quotidiano na mesma seja escassa e envelhecida, normalmente pessoas de idade que sempre viveram naquela zona. Na minha opinião a reabilitação da baixa passa por delinear uma intervenção com base nestes dois fatores: habitação de qualidade e comércio atrativo.

---

<sup>16</sup>Cunha, Vasco, “Reflexos da terciarização da baixa coimbrã”, in AAVV. 1995. Baixa de Coimbra uma viagem no tempo.Coimbra. GAAG. pág.21

<sup>17</sup> *Ibidem.* pág.21



Imagem 10 ,11 e 12. Portas de edifícios abandonados da baixa

Primeiro a obrigatoriedade da reabilitação de prédios para habitação, sendo que teria de haver um controlo para que estes espaços não fossem todos desviados para o setor terciário, e usados como hostels ou alojamento local. Acompanhado desta intervenção teria de se introduzir programas dinâmicos na envolvente que atraíssem as pessoas, sendo que aqui há uma faixa etária alvo, adolescentes, estudantes e jovens adultos.

Esta escolha recai no facto de a baixa não ser um sítio com acessibilidade fácil, sem parques de estacionamento e muitas vezes sem vias próprias para carros. A faixa etária aqui descrita facilmente se desloca a pé ou em transportes públicos dos quais dependem pois na sua maioria não possuem veículo próprio. A zona da baixa, no coração da cidade, iria permitir-lhes deslocarem-se facilmente para onde precisassem.

Como Vasco Cunha sugere “Tenho, para mim, que, prioritariamente se deveria “agarrar” num quarteirão e ensaiar aí a aplicação prática da sua recuperação. Desde logo limpando o seu miolo, agora utilizado como armazém, libertando esses espaços para zonas verdes, propiciadoras de utilização por parte dos mais novos, já que os arruamentos periféricos, pela sua dimensão se deveriam destinar ao trânsito pedonal.”<sup>18</sup> . Esta aproximação para com a baixa, na minha opinião faz todo o sentido e é esta a linha de pensamento pela qual orientei a minha proposta para o Hospital Real.

---

<sup>18</sup> Cunha, Vasco, “Reflexos da terciarização da baixa coimbrã”, in AAVV. 1995. Baixa de Coimbra uma viagem no tempo.Coimbra. GAAG. pág.22

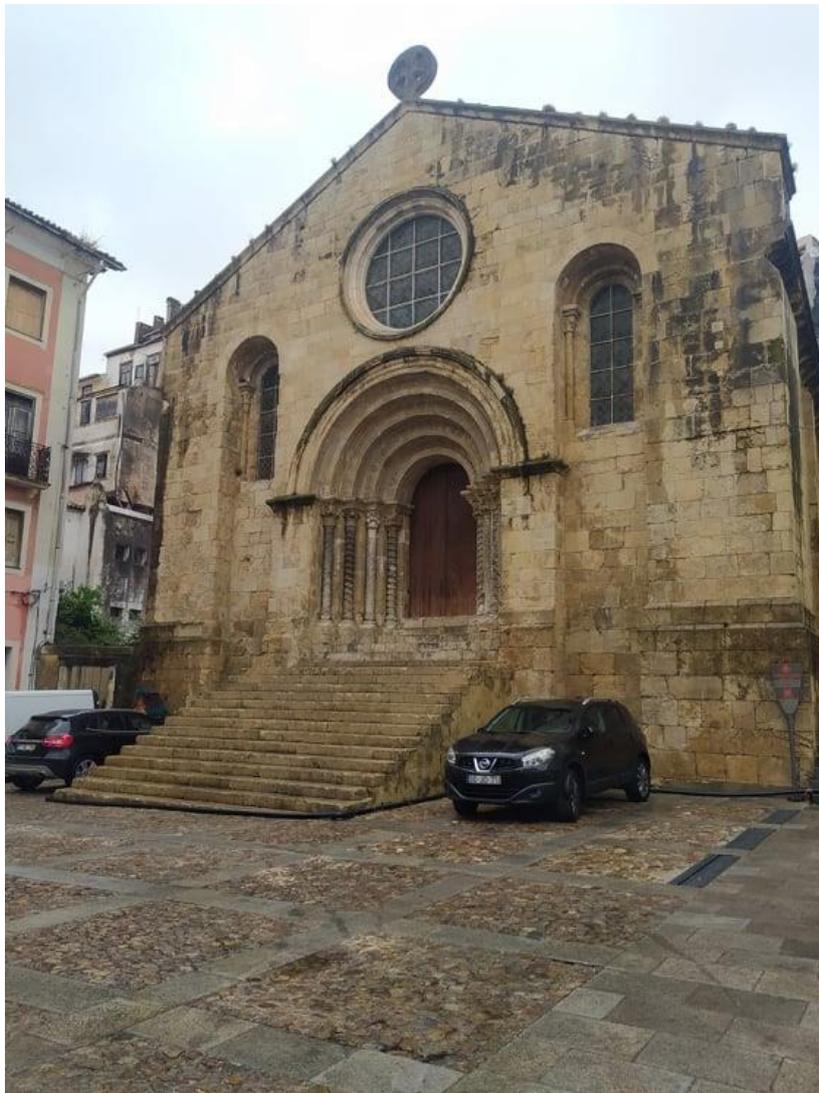


Imagem 13. Igreja de S.Tiago

## A PRAÇA VELHA

*“A Praça do Comércio foi, durante séculos, um dos mais notáveis lugares de actividade coimbrã, mantendo essa primazia graças à sua posição estratégica, próxima do rio e no centro da baixa, acrescida das duas igrejas nos topos e do mercado ali mantido até 1867.”<sup>19</sup>*

Um pouco por todo o país, ao observarmos as principais características das praças das cidades reparamos que normalmente estas são assinaladas pelas igrejas, pelourinhos, câmaras municipais ou estátuas. A Praça do Comércio, ou Praça Velha, não é excepção. Hoje em dia a Praça possui um pelourinho, apesar de haver relatos de que “Em 1664 foi transferido da Praça de S.Bartolomeu para a Portagem o Pelourinho, por estorvar ali a feira diária!”<sup>20</sup>. O que não deixa qualquer dúvida, é o remate da Praça em cada uma das extremidades. Como antes referido, duas das mais antigas igrejas de Coimbra fora da antiga muralha encontram-se a delimitar a Praça do Comércio.

A Igreja de Santiago foi sagrada em 1206. A igreja românica sofreu várias alterações e acrescentos ao longo dos anos. A capela lateral quadrangular, originalmente do lado sul da igreja, data do século XV. Apresenta um estilo gótico já com um gosto tardio e ainda hoje se pode visitar, tendo apenas mudado de posição para o lado norte da igreja. Talvez a alteração mais estranha tenha sido em 1546, com a construção da Igreja da Misericórdia por cima das naves da já existente Igreja de S.Tiago. Esta posição não foi por acaso, pois a igreja de S.Tiago é “(...) o único edifício a nascente da Praça do Comércio que não tem entrada pela actual Rua Ferreira Borges.”<sup>21</sup> Assim a Igreja da misericórdia passa a aproveitar esta diferença de cotas e tem a sua entrada para uma Rua principal.

---

<sup>19</sup> Nunes, Mário, “Passadiço e arco, (desaparecidos) seriam os que apareceram numa casa da praça do comércio?”, in AAVV. 1995. *Baixa de Coimbra uma viagem no tempo*.Coimbra. GAAG. pág.91

<sup>20</sup>Carvalho,J.A. Branquinho. “Coimbra, ontem e hoje, a evolução do largo da portage e da praça 8 de Maio”, in AAVV. 1995. *Baixa de Coimbra uma viagem no tempo*.Coimbra. GAAG. pág.26

<sup>21</sup> Cardoso, João José. 1993/1995. *Santas e casas; as misericórdias do baixo Mondego e as suas igrejas nos séculos XVI e XVII* . Coimbra . Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.



Imagem 14. Igreja de S. Bartolomeu



Imagem 15. Ruínas da igreja do século X, SIPA

Em 1858 quando a câmara de Coimbra decide abrir a atual Rua Visconde da Luz, que está no seguimento da Rua Ferreira Borges, esta construção sofre algumas alterações que ainda hoje são visíveis, nomeadamente o “corte” das absides, capela-mor e laterais. A antiga igreja da misericórdia virá a ser demolida em 1908 e entre 1930-1935 dá-se a intervenção pelos Monumentos Nacionais.

A Igreja de S.Bartolomeu na outra ponta da praça, conta também uma história bastante interessante. Atualmente sobre a construção que lá se encontra pode dizer-se que não terá muito interesse, “(...) escreveu o Dr. António Cardoso Borges de Figueiredo na Coimbra Antiga e Moderna: “Este templo é de uma só nave, de muito simples arquitetura, e nada tem digno de nota(...)”<sup>22</sup>.

A informação de relevo nesta igreja está no entanto por baixo da mesma, onde jazem ruínas de um outro templo que datará do século X. Escavações feitas na zona, revelaram “(...) uma sepultura de pedra e paredes da primitiva igreja.”<sup>23</sup>. Com estas escavações, pode fazer-se um esboço de como a antiga igreja seria e chegar à conclusão que o atual edifício edificado por cima do antigo templo, não seguiu a mesma direção que o referido. A antiga igreja teria “(...) três naves de abóbadas, e orientada, como tôdas, com a porta principal para ocidente.”<sup>24</sup> Foi demolida no século XVII e substituída pela igreja que vemos hoje. Esta descoberta veio trazer algum sentido à direção das ruas que envolvem a igreja, pois estas estão orientadas pelo antigo templo.

---

<sup>22</sup> Pereira, Augusto Nunes, “A igreja de S.Bartolomeu, de Coimbra”, in AAVV. 1995. Baixa de Coimbra uma viagem no tempo.Coimbra. GAAG. pág.37

<sup>23</sup> *Ibidem.* pág.38

<sup>24</sup> *Ibidem.* pág 39



Imagem 16. Hospital no ano 1930 (Alberto Pessoa 1931)

## CAPITULO III: O HOSPITAL REAL

*“Ora na Praça Velha, ainda hoje lá está, triste e decrépito, injuriado pelos homens que há mais de um século o vêm ocupando para a sua habitação ou o seu negócio, o tal edifício onde os doentes se encontravam em 1779 e que foi vendido pouco depois, em 1790.*

*E ainda por lá se encontram, no meio de acrescentos ou modificações ulteriores, restos duma vasta construção manuelina, o que me faz supor, com fundamentada razão, ter sido ai, nesse local a primitiva edificação do tempo do Rei Venturoso.”<sup>25</sup>*

### CONTEXTO HISTÓRICO

O ano era 1504, Coimbra precisava de um bom hospital que fosse capaz de dar respostas aos doentes da cidade. Perante esta necessidade, “D.Manuel mandou a Coimbra, em 1504, o desembargador Diogo Pires para fazer o tomo dos bens de todos os hospitais, capelas, albergarias, confrarias e gafarias(...)”<sup>26</sup>. Percebendo a falta de condições que todas estas pequenas unidades tinham, D.Manuel aproveita todo o inventário e bens que pertenciam às outras instituições, e entrega-as ao novo hospital que iria construir, juntamente com uma quantia de cem mil reis que ele próprio pagava ao hospital.

Ordenou então que se comprassem algumas propriedades na praça de S.Bartolomeu e mandou construir o “(...) Hospital da Praça Velha, que também ficou sendo conhecido através da sua longa existência, pelas expressões de: Hospital Novo, Real, de El-Rei, de D.Manuel, Público, Geral, de Nossa Senhora da Conceição ou só da Conceição.”<sup>27</sup>. É importante aqui fazer a ligação entre o hospital que D.Manuel mandou construir e aquele que o seu antecessor D.João II construiu em Lisboa, o Hospital de Todos os Santos que viria a ser uma referência em Portugal. Ambos os hospitais foram mandados

---

<sup>25</sup> Pessoa,Alberto.1931.Hospitais de Coimbra.Coimbra.Imprensa da Universidade. pág.6

<sup>26</sup> *Ibidem*. pág.5

<sup>27</sup> Brito, A. da Rocha.1950.Plantas do Hospital da Praça.Coimbra. pág.4



Imagem 17. Hospital no ano 1930 (Rafael Marques 2004)

construir pela coroa, e um é equivalente ao outro na respetiva cidade em que são construídos, isto é, tal como o Hospital de Todos os Santos, o Hospital real também foi construído na zona mais central da cidade e com uma escala diferente dos edifícios que o rodeavam.

Na altura em que se começou a edificar o Hospital real, foram compradas propriedades que já existiam no local. Por esta razão, acredita-se que se terá tirado proveito do existente, no entanto não teve muito impacto nos planos do mesmo. Este viria a ser construído em estilo manuelino e com uma escala maior quando comparada aos restantes volumes que ocupavam a praça.

Nesta época, o hospital tinha capacidade para dezassete doentes “(...) distribuídos por duas enfermarias, a dos homens com doze camas e a das mulheres com cinco, números que poderiam ser trocados consoante as necessidades do momento.”<sup>28</sup>. Estas camas eram destinadas a doentes de Coimbra ou que viessem do mar. A capela, que atualmente não é visitável, já data desta primeira construção do hospital, onde estaria ligada com a enfermaria feminina, que também se situava no andar nobre. A capela e a enfermaria teriam uma ligação para que os doentes pudessem assistir à missa todos os dias.

Para além da função principal de Hospital, o edifício serviria também como albergaria para os peregrinos que passavam, e de abrigo para os mendigos que aqui poderiam passar a noite e receber uma refeição.

Com a instalação da universidade na cidade, Coimbra começou a crescer e por isso o hospital recebia cada vez mais pessoas. Por outro lado “A partir de 1568 o Hospital tinha igualmente de atender aos doentes mandados de Montemor, Tentúgal e Pereira.”<sup>29</sup> Locais donde também começou a receber rendimentos. Foi neste contexto que o Hospital Real ganhou mais um título importante na cidade, em 1562, vinte e cinco anos depois de D.João III mandar fixar a Universidade em Coimbra, “ (...) os professores da Faculdade de Medicina, exerciam a Prática, lia-se a Clínica e os estudantes aprendiam a observar os doentes sob a orientação dos mestres. Isto é, o modesto Hospital da Praça, passou de simples estabelecimento de Assistência a Hospitalar Escolar, Hospital Universitário.”<sup>30</sup>.

---

<sup>28</sup> Brito, A. da Rocha. 1950. Plantas do Hospital da Praça. Coimbra. pág.4

<sup>29</sup> *Ibidem*. pág.5

<sup>30</sup> *Ibidem*. pág.5



Imagem 18. Praça Velha como centro de Comércio

Este exemplo de ensino revelou-se ser muito mais proveitoso do que apenas o ensino teórico e permanecerá um grande componente de ensino mesmo estando a universidade na alta.

O bom funcionamento do Hospital Real começa a falhar, segundo relatos encontrados, em 1699 quando o rei recebe rumores de que haveria falhas no dia-a-dia do Hospital. Com vista a confirmar esta informação, o rei delega em Nuno da Silva Teles inquirir sobre o funcionamento do estabelecimento. Deste relatório conclui-se que a vida no hospital estaria desorganizada principalmente devido a um aumento das pessoas que ali procuravam tratamento ou abrigo. Por esta altura já acrescentos tinham sido feitos ao volume inicial, alguns ainda visíveis, outros já inexistentes. “Havia mais doentes, havia mais duas enfermarias para convalescentes, compartimentos para os peregrinos e andantes, com camas, lenha, luz e água, alojamentos para religiosas e seculares, com o seu séquito de criados e animais.”<sup>31</sup>

## **CONTEXTO URBANO**

Como já foi referido anteriormente, o Hospital Real situa-se na Praça Velha, praça de S.Bartolomeu ou Praça do Comércio. Esta Praça foi o resultado da junção dos dois espaços em frente às igrejas por onde terá passado a via romana. Apesar de no início ser uma praça associada à religião, ganhou uma importância inegável na cidade de Coimbra. A sua localização favorável, ao pé do rio, deu impulso para que fosse um espaço mercantil na cidade. Aqui realizavam-se as mais variadas atividades desde festas populares a corridas de touros. No entanto, pode afirmar-se que o Hospital Real veio trazer o elemento necessário para afirmar a centralidade e protagonismo da praça na cidade de Coimbra.

Assim, apesar de ter contribuído para a afirmação da Praça, o Hospital foi desde logo construído num local privilegiado que o permitiu evoluir com a cidade e acompanhar as diferentes mudanças e transformações do edifício. Tanto a praça como o edifício viram passar transformações sociais, temporais e económicas e adaptaram-se a elas.

---

<sup>31</sup> Brito, A. da Rocha.1950.Plantas do Hospital da Praça.Coimbra. pág.12



Imagem 19. Capitel manuelino

Apesar de ser uma praça bastante rica, aquando da ligação da Praça 8 de Maio à Portagem, através da rua Visconde da Luz e Ferreira Borges, a Praça do Comércio caiu sem dúvida em desuso e passou a ser um apêndice da agora rua principal. Claro que não foi este o único fator que contribuiu para este esquecimento. O facto já falado da baixa de Coimbra ter sido lentamente abandonado, e a mudança em 1857 do mercado para o local atual, foram também fatores determinantes para o estado atual da Praça Velha.

## CARACTERIZAÇÃO ARQUITETÓNICA

A formação arquitetónica hipotética do hospital, pode ser acompanhada pelos desenhos dos anexos gráficos desta tese. Todos os desenhos foram realizados a partir de uma base cedida pelo arquiteto João Marta e com base no trabalho desenvolvido pelas alunas Inês Saraiva, Mónica Oliveira e Noémi Loureiro no âmbito da unidade curricular de História da Arquitetura Portuguesa, no ano letivo de 2017/2018.

### 1504-1508 FUNDAÇÃO

D.Manuel manda construir o Hospital Real em 1504. No entanto este só é inaugurado em 1508. Com base nas descrições que li e nas plantas cedidas pelo arquiteto João Marta, sabemos que o edifício tomava a forma de “L” e que teria dois pisos, para ganhar a presença urbana necessária que o edifício exigia. “O complexo hospitaleiro incluía o hospital propriamente dito, uma albergaria, e uma pousada. O hospital desdobrava-se em capela com sacristia, enfermaria, cozinha e dispensa havendo também construções anexas como a casa do hospitaleiro (...)”<sup>32</sup>a estes espaços juntava-se também um lote de terreno, ao qual Maria Helena da Cruz Coelho refere como quintal. Era a intenção de D.Manuel “(..) que se abrisse um poço para serventia da casa(...)”<sup>33</sup>e que as propriedades adjacentes ao Hospital fossem também compradas para futura expansão .

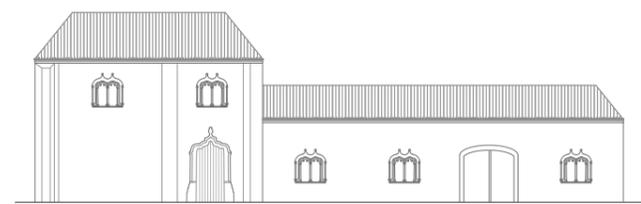
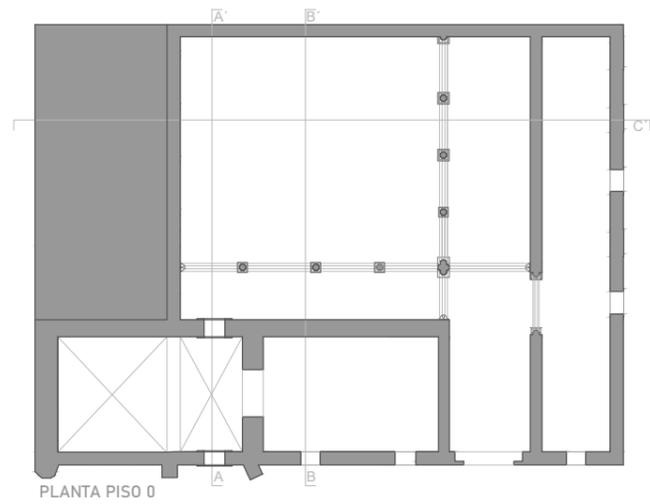
O hospital serviria assim, não só os doentes de Coimbra mas também os peregrinos e viajantes que passassem pela cidade e que poderiam descansar a noite no edifício. Nos desenhos de reconstituição pusemos a hipótese de as janelas originais terem traço



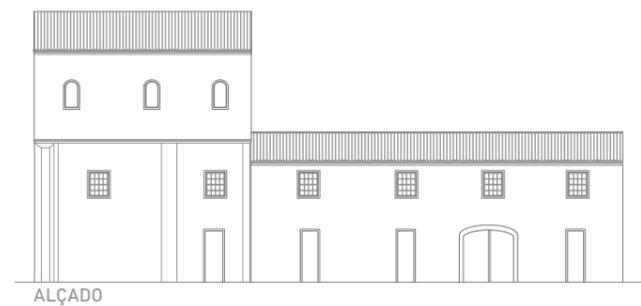
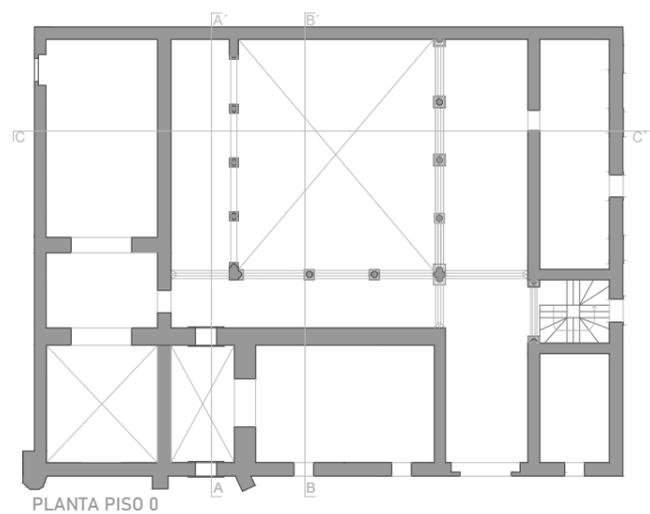
Imagem 20, 21 e 22. Fotos da Capela

<sup>32</sup> Coelho, Maria Helena da Cruz. 1996. A assistência em Coimbra em tempos manuelinos o Hospital Novo. Coimbra. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Pág 232

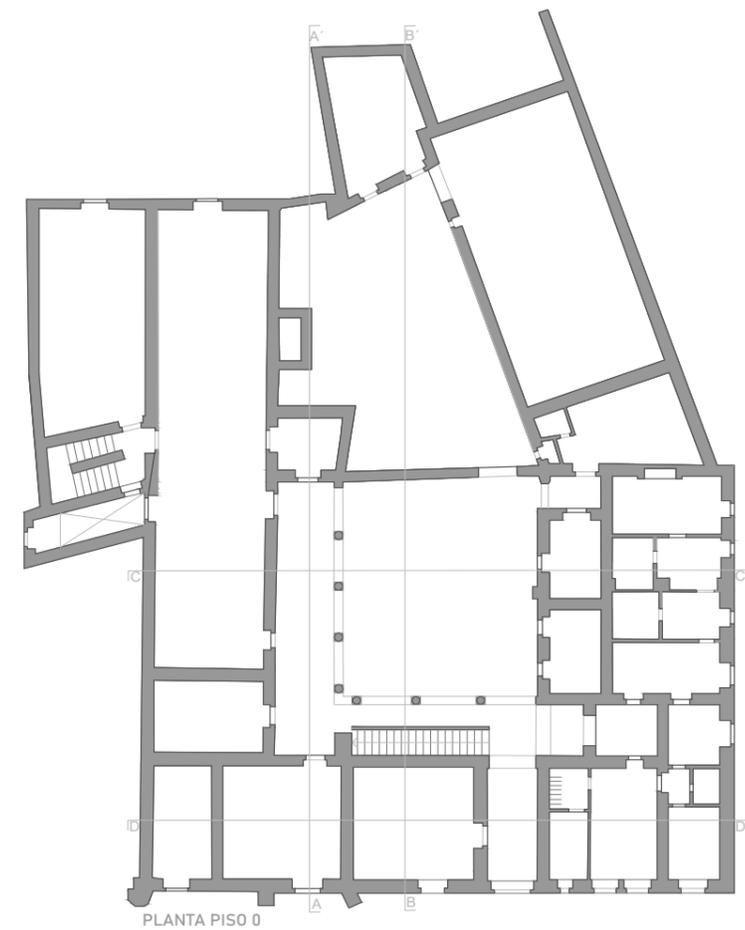
<sup>33</sup> *Ibidem*



1504-1508 FUNDAÇÃO



1626- ALTERAÇÕES



1779- LEVANTAMENTO POMBALINO



ALÇADO EM 1930



ALÇADO EM 1940

SÉCULO XX



manuelinos. Agora são inexistentes, mas na época teriam sido desenhadas, divididas em dois com arcos de ferradura. Os elementos desta altura que ainda existem são as colunas de duas das alas do pátio, aqui que formam “três arcos de curva rebaixada e de arestas fundamente cortadas, manuelinas, sobre colunas de pequeno diâmetro, oitavadas, com cálice dos capitéis igualmente oitavado e desadornado.”<sup>34</sup> Para além destas, ainda pusemos a hipótese de a capela ter uma entrada no piso térreo ao contrario do que acontece agora. Esta possibilidade é defendida pela existência de arcos de pedra no piso térreo que ligariam a capela ao resto do edifício. Existem ainda também alguns arcos de pedra que se encontram no desenho original. Os desenhos desta hipótese correspondem à folha 1 dos anexos gráficos.

## 1567 AMPLIAÇÃO

A intervenção feita nesta altura justifica-se pelo facto de Coimbra ser uma cidade em expansão e havia cada vez mais pessoas e doentes, daí uma necessidade direta de um hospital com mais espaço e mais condições. Para além de Coimbra, o Hospital Real passou a receber também doentes de outras cidades. Com a fixação da universidade na Rua da Sofia o Hospital passou a ter a componente de ensino. Com estas novas funções terá sido acrescentado um novo piso juntamente com uma *loggia* por cima deste, ao que chamavam de “varanda” na altura. Esta estrutura foi erguida ao logo daquela que seria a enfermaria das mulheres e será “ «feita e acabada conforme traça e debuxo que para isso fez João de Ruão». E terá arcos «da altura da varanda velha, com suas colunas, bases e capitéis dóricos em boa proporção» ”<sup>35</sup> Com esta citação entende-se que foi acrescentado o terceiro lado do pátio que também é visível hoje. Com esta diferença temporal entende-se a diferença que há entre o estilo das colunas.

## 1626- ALTERAÇÕES

Foi neste arco de tempo que mais alterações terão sido feitas ao hospital. A mais notória foi sem dúvida na da capela. Partindo do princípio que a capela teria tido uma entrada no piso térreo, esta deixou de existir quando se introduziu a porta, que data deste

---

<sup>34</sup> Pessoa, Alberto. 1931. Hospitais de Coimbra. Coimbra. Imprensa da Universidade. pág. 15

<sup>35</sup> Cardoso, João José. 1993/1995. Santas e casas; as misericórdias do baixo Mondego e as suas igrejas nos séculos XVI e XVII. Coimbra. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Pág. 62



Imagem 23. Porta da Capela atualmente

ano, no primeiro piso. Esta ainda hoje dá acesso à capela, e tem gravado na pedra a inscrição: HAEC EST DOMUS DEI ET PORTA COELI 1626, que traduz para “Esta é a Casa de Deus 1626”. O pátio, ainda ao ar livre, tem três dos lados ocupados por colunas, umas com formas clássicas de ordem toscana, e outras tipicamente manuelinas.

Suportada pelas colunas, foi acrescentada uma galeria a Sul também decorada com colunas mais finas. Nesta galeria outra entrada para a capela. Por não conseguir visitar a capela atualmente, apoio-me apenas na descrição que Alberto Pessoa faz da mesma: “ (...) uma vasta e interessante sala, coberta por uma linda abóbada artesonada, cujas nervuras se apoiam em mísulas decoradas, bem como bocêtes, com folhas de plantas indígenas, interpretadas como era uso dos canteiros góticos ou manuelinos. Forram as paredes azulejos azuis e brancos, do século XVII, dispostos de modo a formar vários desenhos, entre os quais sobressai a cruz que se vê num dos topos.”<sup>36</sup> Ao analisar a fachada mais cuidadosamente, facilmente percebemos quais as portas de sacada correspondentes à capela pois estas destacam-se por terem uns vãos maiores. Para além desta alteração foi ainda acrescentado um piso por cima da capela, com um par de salas com tetos de madeira.

Nesta altura o hospital funcionava praticamente no primeiro e segundo piso. O piso térreo passou a ser ocupado principalmente por comércio, serviços anexos ao hospital e outros programas. Os desenhos desta hipótese correspondem à folha 2 dos anexos gráficos.

### **LEVANTAMENTO E PROJETO POMBALINO DE 1779**

Sabemos que foi durante este arco temporal, mais precisamente em 1772 que o hospital deixou de estar nas instalações da Praça do Comércio. Estando o edifício devoluto, o Marquês de Pombal quis dar-lhe um novo uso. Não é certo aquilo que queria fazer com ele, mas os desenhos do levantamento que mandou realizar permitem-nos ter uma imagem clara daquilo que foi acrescentado no arco temporal de 1626-1779. Podemos ver que a fachada terá sido alterada aproximando-se cada vez mais daquilo que existe atualmente. Foram acrescentadas escadas de acesso ao primeiro piso através do pátio e um dos conjuntos de colunas foi integrado numa parede e no primeiro piso foram acrescentadas

---

<sup>36</sup> Pessoa, Alberto. 1931. Hospitais de Coimbra. Coimbra. Imprensa da Universidade. pág. 7

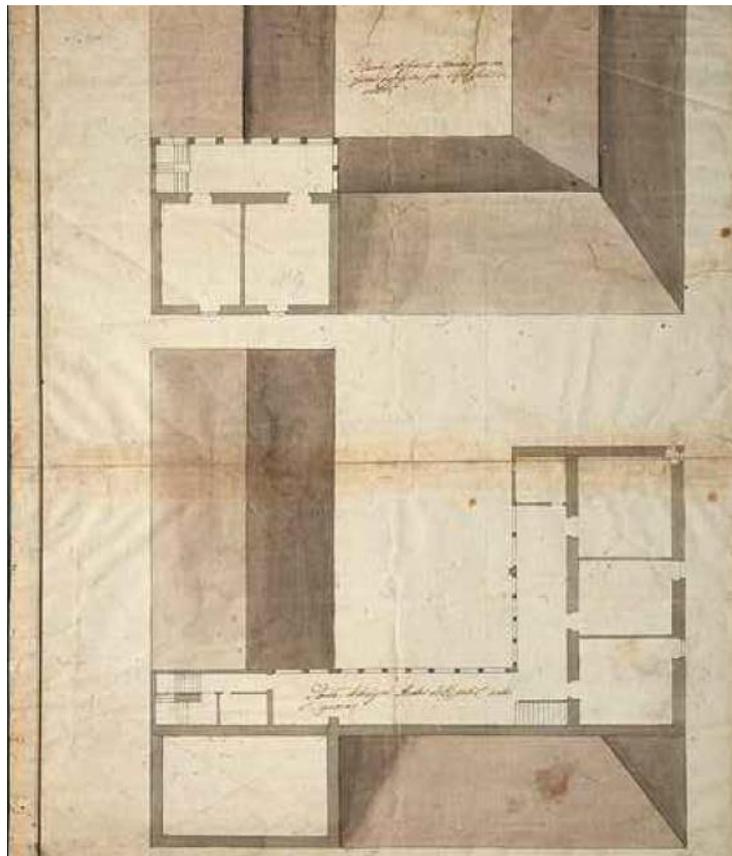
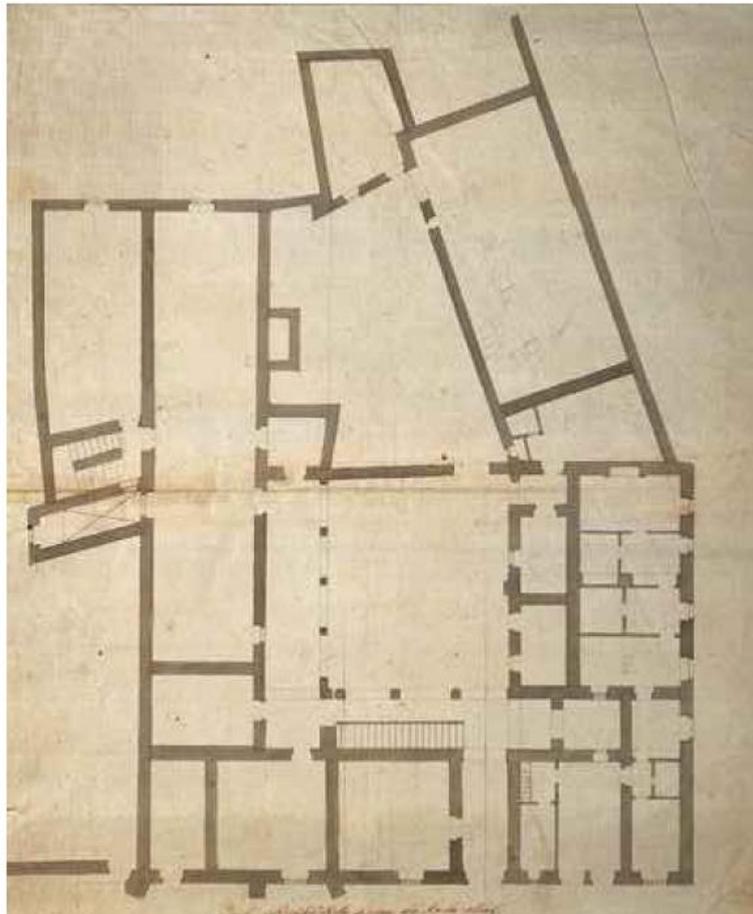


Imagem 24 e 25. Desenhos do levantamento pombalino, Museu Nacional Machado de Castro

mais duas varandas com colunas que acompanham o pátio. Nesta data, com as plantas já se consegue ver uma aproximação à forma atual.

Para além de mandar fazer este levantamento, o Marquês ainda considerou reconstruir o edifício e por isso mandou fazer um projeto para um novo Hospital. O desenho previa uniformizar a planta criando espaços maiores e mais claros, pretendia-se que o claustro fosse alongado acompanhando a forma do edifício, ou seja uma forma irregular. A maior diferença nesta proposta é sem dúvida a fachada principal do edifício que previa três pisos desenhados com um estilo mais complexo do que o que vemos hoje. Os desenhos desta hipótese correspondem à folha 3,4 e 5 dos anexos gráficos.

### INICIO DO SÉCULO XX

Este data é também importante na história do edifício pois é aqui que são acrescentados os últimos dois pisos, tal como conhecemos hoje. Através de fotos, podemos verificar que na década de 1930 a fachada do hospital dividia-se nos dois volumes que ainda hoje se podem distinguir. O da capela, que já se encontrava muito próximo do que vemos hoje, com as duas portas de sacada e as três janelas em arco entaipadas no piso superior. Já o volume da direita foi bastante alterado. No ano de 1930 tinha apenas o piso térreo com várias entradas para os programas que albergava na altura, e o primeiro andar no qual se encontram as portas de sacada que já existiam no levantamento pombalino. Em fotos que datam de 1940 já teriam sido acrescentado os últimos dois pisos, que vem trazer uma uniformidade e ritmo à fachada do edifício. O piso térreo foi o que mais mudou ao longo dos anos sendo que foram abertas passagens à medida que eram necessárias para albergar as diferentes funções que o hospital tomou. Na minha opinião esta constante mudança é o que dá personalidade ao edifício. Os desenhos desta hipótese correspondem à folha 6 dos anexos gráficos.

### HOSPITAL ATUALMENTE

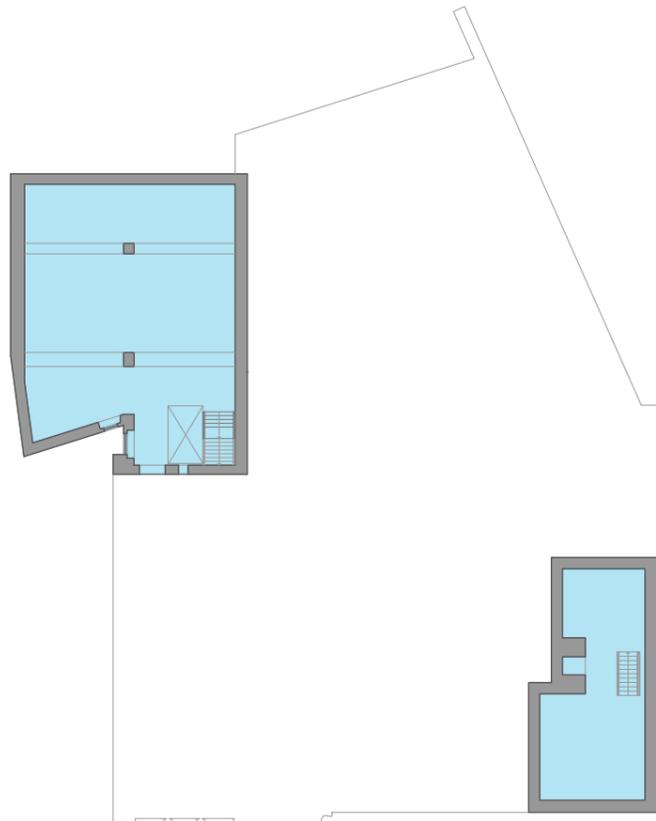
Atualmente, o edifício do antigo Hospital Real de Coimbra está esquecido, como que camuflado no meio dos edifícios que se foram erguendo ao longo da frente poente da Praça Velha. Segundo a descrição de Alberto Pessoa, teria havido uma esfera armilar na fachada, símbolo de D.Manuel, que foi retirada e no seu lugar começaram a aparecer todo o tipo de



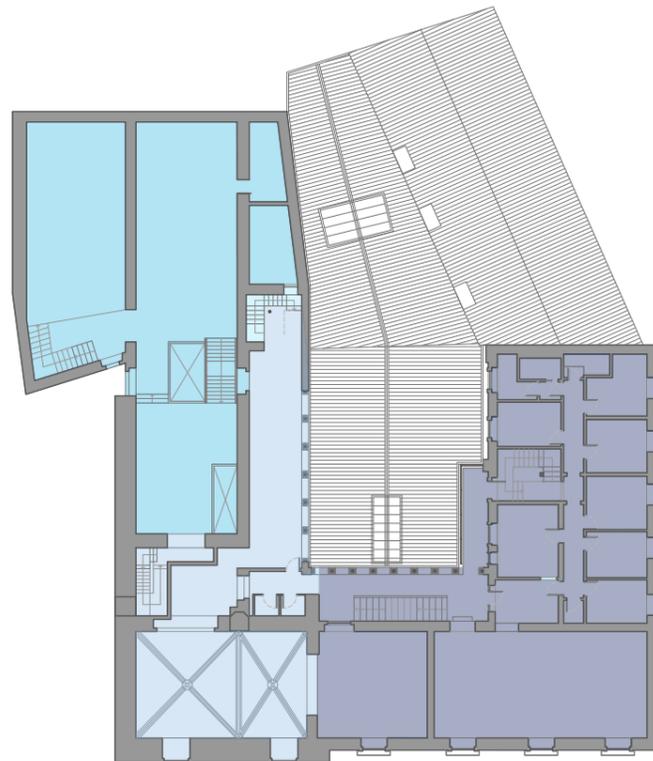
Imagem 26. Loja dos tecidos



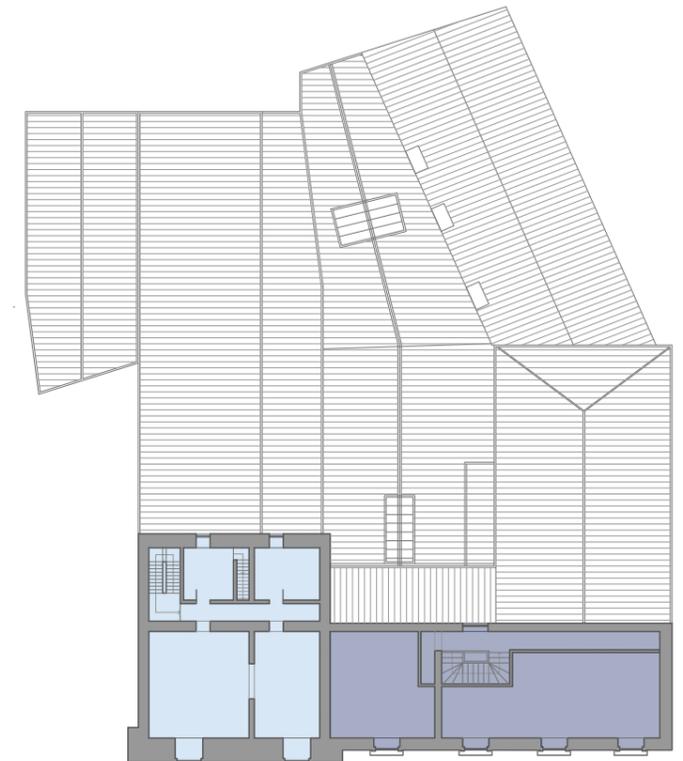
Imagem 27. Colunas do antigo pátio na loja chinesa



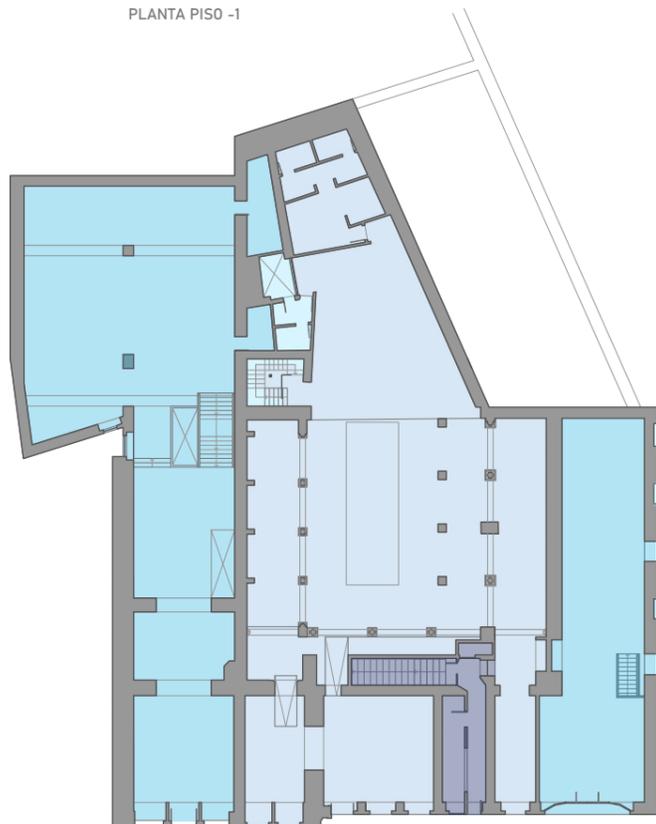
PLANTA PISO -1



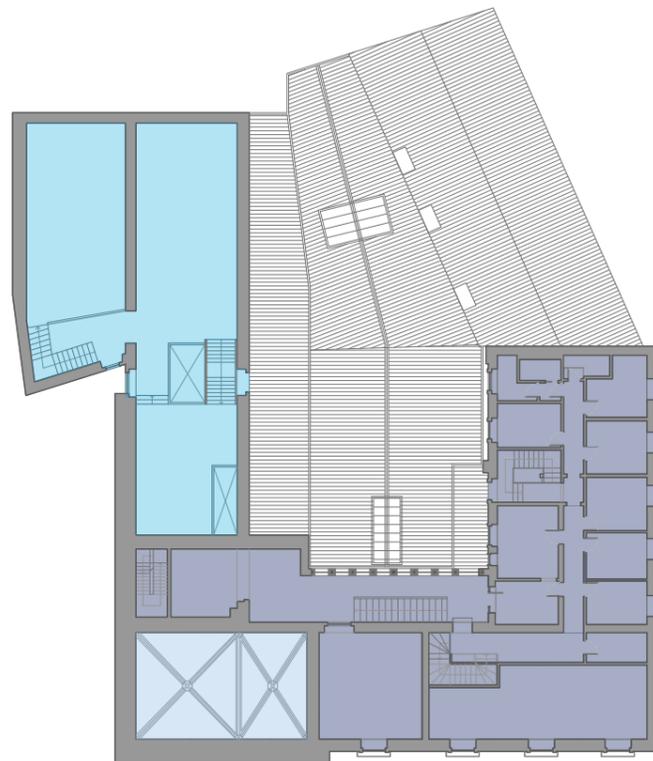
PLANTA PISO 1



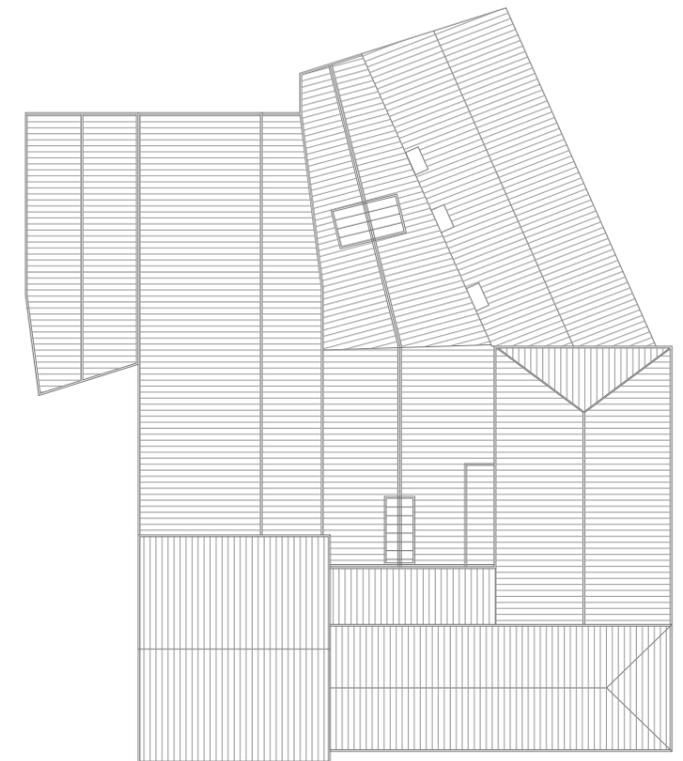
PLANTA PISO 3



PLANTA PISO 0



PLANTA PISO 2



PLANTA COBERTURA

anúncios que os comerciantes puseram no edifício a promover as suas lojas. O papel que o hospital desempenhou na cidade não só como edifício de saúde e de assistência, mas também como edifício marcante da praça Velha de Coimbra, foi há muito esquecido. O Antigo Hospital Real foi ocupado por programas que invadiram o edifício e se apropriaram abruptamente dos espaços. No entanto os restos de uma construção manuelina ainda são claros e ninguém fica indiferente às colunas ainda existentes do pátio, em tempos aberto. Aos arcos que marcam as passagens para as diferentes divisões, ou às varandas definidas por colunas.

Para descrever melhor o edifício atual, dividi em quatro grupos os diferentes espaços. O primeiro é a loja dos tecidos que ocupa grande parte do volume sul do edifício. A loja está aberta como comércio local e foi-me possível visitar todo o espaço sem restrições. Neste espaço são de notar os caixilhos de madeira de dois dos três vãos da entrada da loja, e o teto de madeira que podemos ver assim que entramos. Este é composto por doze vigas que o suportam.

Os dois arcos que compõem os primeiros momentos da loja terão sido acrescentados aquando da ampliação de 1626 e por isso uma mais-valia para a minha proposta. Passando o segundo arco temos acesso a uma escadaria, moderna e sem interesse, que liga os três andares da loja. Esclareço aqui que a loja tem cinco cotas diferentes ao todo. No entanto há pisos que estão separados apenas por três degraus, um total de aproximadamente cinquenta centímetros pelo que considero que a loja dos tecidos tem três pisos.

No andar de baixo há ainda vestígios de uma janela e de um arco que poderia ser onde o antigo edifício acabava e abria para a rua. Atualmente o edifício avança mais e abre para o Largo do Romal por três vãos, um de maior dimensão. Estes vãos têm ainda os caixilhos de madeira tal como o da entrada principal, reforçados por uma porta de metal provavelmente para evitar que haja furtos. Apesar da existência desta ligação para o Beco do Romal, a entrada da loja faz-se unicamente pela Praça do Comércio.

A partir do andar de entrada, sobe-se três degraus para um espaço mais amplo, onde estão os escritórios da administração. Ao analisar as plantas, facilmente se repara que estes espaços foram claramente acrescentados posteriormente ao volume principal do hospital. As janelas abertas neste piso, viram também para o Largo do Romal e têm caixilhos de madeira em guilhotina. No terceiro e último andar está uma oficina para as costureiras com uma exposição de todos os tecidos que a loja vende. É também neste piso que está aquela



Imagem 28. Vista do último andar da residência

que considero a particularidade mais importante da loja. Atualmente fechado, existe um arco que abria para uma antecâmara que ligava esta parte do edifício diretamente à capela.

Em segundo lugar passo a descrever a loja chinesa, possivelmente o programa mais controverso. Esta loja ocupa aquela que considero ser uma das partes mais importantes do Antigo Hospital Real: o pátio. A entrada desta loja faz-se por um dos seis vãos que esta possui na fachada principal. O interior da loja contém, para além da estrutura principal do pátio, vários arcos que fazem a ligação entre as diferentes partes da loja.

As colunas que compõem o pátio são ainda visíveis, mas muitas delas estão obstruídas com prateleiras e diversos objetos para venda. O espaço do pátio em si também se encontra ocupado de expositores com os mais diversos produtos. Na continuação do pátio, e segundo as plantas cedidas pelo arquiteto João Marta, estão várias divisões, nas quais não é permitido entrar. Junto a estes existem umas escadas que dão acesso ao piso de cima. Por sua vez este acesso vai dar à galeria sul do piso superior, que une à galeria nascente, onde está o segundo acesso à capela. Este espaço não é visitável pelo que não tenho certezas das condições do mesmo. Baseei a minha intervenção nestas áreas apenas nas fotos e descrições que encontrei das mesmas.

Em terceiro lugar a pensão-residencial, que está lá atualmente, é um espaço mal organizado. A entrada da residencial faz-se por aquela que haveria de ser a entrada principal do antigo hospital. Tem um balcão de recepção o qual, nas variadas ocasiões em que visitei o edifício, nunca vi ser usado. Após este momento da recepção, entra-se diretamente para a residência por umas escadas. Ao subir as escadas estamos imediatamente na galeria nascente do primeiro andar do pátio, que serve como espaço de distribuição da residência. A partir desta galeria existe a porta de acesso à capela que está interdita pois pertence aos proprietários da loja chinesa.

As escadas da galeria são um dos pontos verticais de acesso do edifício sendo que há mais uma comunicação vertical na ala norte entre os quartos. É a partir das galerias que podemos aceder à sala comum no ângulo nordeste do edifício, única sala de convívio do edifício todo, e duas cozinhas. A ala norte deste piso está dividida entre quartos, maioritariamente duplos e casas de banho partilhadas por todos os residentes.

O segundo andar é relativamente semelhante ao inferior. Ao analisar a planta, percebe-se que não há qualquer linha orientadora, ou módulo, para a distribuição das



Imagem 29. Loja dos tecidos

divisões. Os quartos, tal como as casas de banho, foram colocados onde era possível à medida que a residencial foi precisando, existindo até uma casa de banho que abre directamente para a galeria. A sala de convívio é apenas um espaço amplo com mobílias que não são as apropriadas para o espaço onde se encontram.

Por fim existe ainda no R/C da ala Norte do edifício um espaço que em Novembro se encontrava fechado e sem qualquer utilização. No entanto, aquando de uma visita mais recente ao edifício, este mesmo espaço estava a sofrer obras de requalificação por parte da loja de tecido Jorge Mendes. Com esta alteração, pude visitar a futura loja, sendo que o mais interessante é a existência de metade de um arco, que ligaria este espaço à zona do pátio, e que atualmente está tapado. As escadas que fazem ligação à cave são do mesmo carácter que as existentes na loja dos tecidos e igualmente sem interesse. No piso inferior podemos ver o que é, sem dúvida, um dos alicerces do edifício, onde foram encaixadas prateleiras. Existe uma linha de janelas elevadas que dá para a Rua das Azeiteiras.

As várias visitas que fiz ao edifício acrescentaram sempre alguma informação relevante. No espaço de um ano vi que foram feitas mudanças em praticamente todos os espaços principais do antigo hospital. A loja chinesa levantou paredes divisórias que infelizmente taparam alguns dos arcos. A loja dos tecidos ocupou a loja que estava vazia em Novembro de 2019 e a residência tomou um carácter turístico. Isto é, a residência que durante o ano alberga estudantes, durante o verão é adaptada para alojamento local e recebe turistas.

É de lamentar a impossibilidade de visitar a capela que ainda será, sem dúvida, um dos pontos altos do edifício e uma relíquia escondida na Praça do Comércio. Os desenhos desta hipótese correspondem à folha 7, 8 e 9 dos anexos gráficos.



Imagem 30, 31 e 32. Centro de Artes Visuais

## CAPITULO IV: PROJETO

### CASOS DE ESTUDO

No desenvolver deste trabalho, houve uma necessidade de um estudo de várias referências arquitectónicas. Foi ao analisar estes projetos que me apercebi de diferentes intervenções e aproximações em relação ao património construído sendo que a importância dada ao mesmo varia para cada projeto e isso reflete-se no resultado final do mesmo. Tendo como base a minha intenção de recuperar a essência do hospital, descobrindo o pátio e reabrindo a capela, sempre com atenção à história do edifício, tomei estes exemplos como base para a minha proposta de intervenção. O que me levou a escolher estes exemplos foi sem dúvida o elemento em comum a todos eles e ao meu edifício: o pátio. Em todos os projetos o pátio torna-se um elemento importante no desenvolvimento do edifício e toma um papel principal na organização do mesmo. Para além disso, estes exemplos ajudaram-me a tomar diversas decisões ao longo do processo projetual.

Um dos primeiros casos de estudo que se tornou relevante foi o Centro de Artes Visuais que fica no Pátio da Inquisição, junto à Rua da Sofia em Coimbra. Tendo em conta que é um restauro de grande qualidade e tão perto, não podia deixar de ser um caso de estudo para o meu trabalho. Era um dos antigos colégios, e foi remodelado para albergar um programa extenso que prevê arquivos, salas de montagem, salas de exposição, biblioteca, gabinetes entre outros. A intervenção de João Mendes Ribeiro passou por adaptar o edifício a um novo programa tendo em conta o valor histórico que o mesmo tinha.<sup>37</sup>

No piso térreo encontra-se um espaço para exposições que é versátil devido ao uso de painéis móveis e rotativos que permitem desenhar o espaço consoante a necessidade que se pretende tirar do mesmo. As estruturas arqueológicas foram preservadas. É introduzida uma nova estrutura de madeira para dar resposta à necessidade de criar novos espaços. No piso superior o teto foi retirado de maneira a revelar as vigas estruturais dos telhados.

---

<sup>37</sup> Texto escrito com base na informação da página online do Centro de Artes Virtuais, consultada a 22 de janeiro

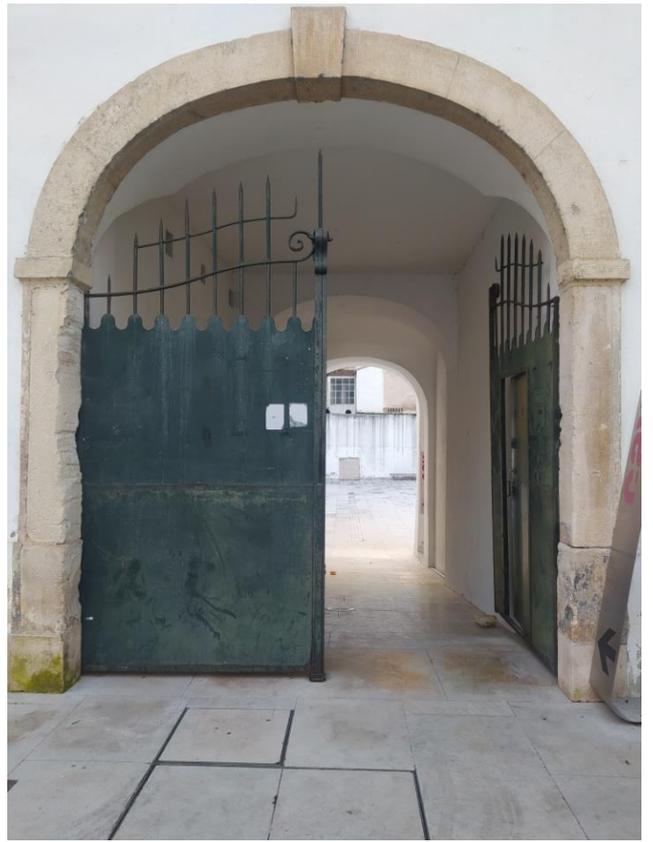


Imagem 33 e 34. Centro de Artes Visuais

Durante a visita a este edifício, retirei também alguns apontamentos para o desenvolvimento do meu projeto. Apesar do sistema usado na sala principal de visitas ser bastante inteligente, a parte mais interessante deste edifício está no andar superior do mesmo. Ao subir as escadas deparamo-nos com a já referida sala ao comprido com o teto suportado por vigas de madeira que já pertenciam ao edifício. No meio desta sala está uma grande caixa de madeira que acomoda todos os laboratórios e as casas de banho do edifício. É precisamente este cenário, vigas estruturais de madeira que pretendo replicar no meu projeto no café.

Mais que o edifício em si, foi também importante ver e entender a ligação entre o Pátio da Inquisição e o pátio do Centro de Artes Visuais. O Pátio da inquisição, é também como que um praça onde se encontram alguns edifício com variados programas. É deste pátio que se faz a ligação para o espaço do Centro de Artes Visuais, através de um arco de pedra. O arquiteto João Mendes Ribeiro usou o mesmo pavimento para fazer a ligação entre a entrada e o resto do espaço ao ar livre. Não podia deixar de ver as semelhanças e retirar o exemplo para também fazer a ligação entre a Praça do Comércio e o pátio do Antigo Hospital Real.

Em segundo lugar, tomei como exemplo a intervenção no espaço público do Pátio das Escolas da Universidade de Coimbra por Gonçalo Byrne. O arquiteto teve, sem dúvida, um grande respeito pela história da universidade e a sua intervenção deixa que a importância dos edifícios que desenham o pátio sobressaia. Estando este terreno num local privilegiado da cidade, no cimo de uma colina com uma vista magnífica para o Mondego.

Durante muitos anos foi usado como estacionamento automóvel e queria-se que este espaço, se ligasse à universidade e consequentemente à cidade de uma forma natural para que a comunidade pudesse tirar partido do mesmo. Gonçalo Byrne reaproveita o lajeado de pedra periférico pré-existente e traça várias linhas que unem os diferentes pontos relevantes do pátio uns aos outros. Fora destas linhas o terreno é em saibro e ao longo da fachada do colégio S.Pedro plantou-se um conjunto de árvores que oferecem um local de sombra e descanso aos visitantes.<sup>38</sup>

---

<sup>38</sup> Texto escrito com base na informação da página online Gonçalo Byrne Arquitetos, acedida a 12 de setembro

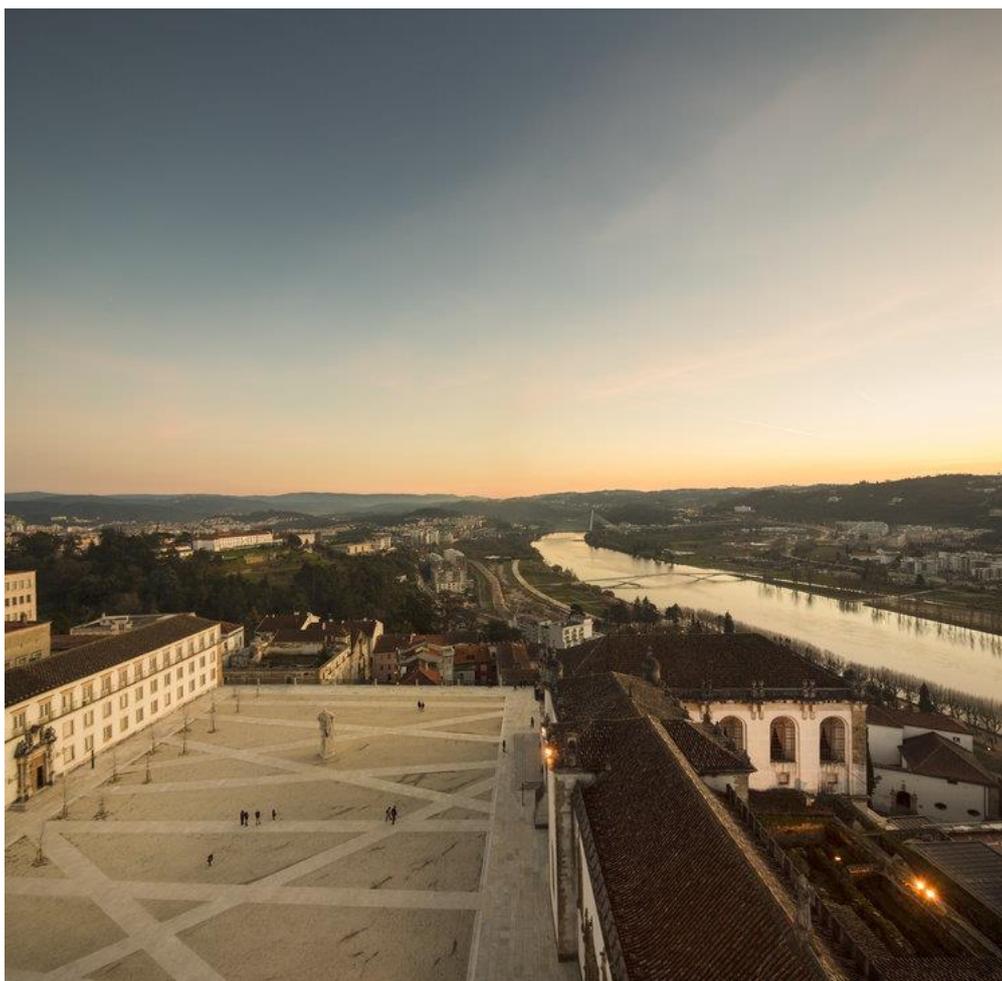


Imagem 35 e 36. Paço das Escolas antes e depois da intervenção de Gonçalo Byrne

Deste caso de estudo retiro a simplicidade do lajeado e o saibro, uma solução prática e funcional para além de esteticamente agradável. É minha intenção que o pátio do meu edifício tenha materiais semelhantes aos aqui escolhidos.

O Museu Grão Vasco em Viseu foi também um projeto que tive em conta. Ainda hoje faz parte da volumetria principal da envolvente à sé da cidade e é um edifício que se destaca claramente no perfil de Viseu, não só pela cota a que se encontra mas também por não ter nenhum equivalente. Um volume em que o material principal é o granito, desenvolve-se interiormente em longas galerias e apesar das mudanças a que o tempo obrigou ainda é possível ver alguns elementos originais. Foi inicialmente construído com o intuito de proporcionar um espaço para a aprendizagem do clero, um seminário. As obras iniciaram-se a 6 de Junho de 1613 pelo pedreiro e mestre-de-obras do seminário Domingos Rodrigues. O edifício foi crescendo com a catedral nomeadamente no acrescento do piso superior, que foi feito ao mesmo tempo que o piso superior do claustro da sé era também construído.

O Museu Nacional Grão Vasco reúne então uma colecção constituída por diversas obras provenientes de igrejas da região principalmente da autoria de Vasco Fernandes. Foi fundado a 16 de Março de 1916 com o objetivo de preservar este património. Ao longo dos anos o edifício foi sendo ocupado e desvirtuado e foram vários os problemas que surgiram com a conservação de infra-estruturas básicas.

Perante esta situação o arquiteto Eduardo Souto Moura interveio no edifício entre 2001 e 2003, reorganizando e limpando o interior do mesmo de elementos desvirtuantes e adaptando os espaços ao programa do museu.<sup>39</sup>

A entrada do museu faz-se na praça delimitada pelo edifício da que envolve a Sé de Viseu. Imediatamente após a entrada, temos acesso do lado esquerdo à exposição temporária, em frente a um dos dois pátios do museu e do lado direito à receção do mesmo. É a partir da receção que Souto Moura liga também a loja do museu a um acesso ao segundo pátio e à cafetaria.

---

<sup>39</sup> Texto escrito com base na informação da página online do Museu Grão Vasco, consultada a 23 de janeiro

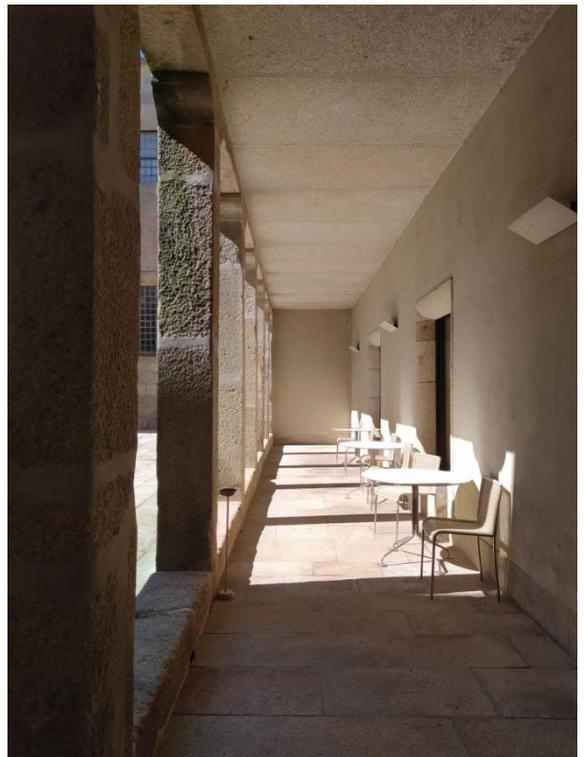


Imagem 37 e 38. Museu Grão Vasco

O acesso à exposição permanente faz-se por umas escadas imponentes que ligam aos dois pisos superiores. A exibição desenvolve-se à volta dos pátios. No entanto perde-se esta noção durante a visita porque a maior parte das janelas do pátio estão tapadas, certamente para melhor conservação das obras.

A visita ao museu faz-se por um percurso claramente bem planeado e coerente. Deste caso de estudo quero apontar principalmente a escolha de caixilhos. Estes foram completamente substituídos por novos, sendo que o desenho dos antigos é completamente diferente daquele que atualmente podemos ver hoje em dia. Esta questão foi bastante pertinente para mim pois durante o processo tive de optar por retirar os caixilhos atuais do Antigo Hospital Real e substituí-los por uns que permitissem um maior isolamento, decisão que tomei com base no que Souto Moura fez no museu Grão Vasco.



Imagem 39 e 40. Hospital Real, alçado principal

## PROGRAMAS

Delineamos o programa que achamos adequado ao edifício e às necessidades da zona envolvente. Como foi referido anteriormente, para atrair pessoas à baixa é necessário criar programas e espaço para serem usufruídos, habitações e comércio. São exatamente estes três programas que proponho que ocupem o Antigo Hospital de Coimbra.

Em primeiro, o espaço atualmente ocupado pela loja dos tecidos Jorge Mendes seria destinada a um café e restaurante. A particularidade deste estabelecimento e aquilo que o faria distinguir-se dos outros e atrair pessoas é o facto de a capela passar a pertencer ao café, onde seriam realizados, concertos, exposições eventos e actuações de artistas locais.

A loja dos tecidos, considero que é um elemento importante da praça, pois faz há muito parte dela e está já guardada na memória das pessoas de Coimbra. Por esta razão consideramos importante não retirar a loja do edifício. Assim, quando começamos a distribuir os programas pelos espaços, definimos que a loja dos tecidos iria ocupar a área que em novembro de 2019 se encontrava vazia. Esta ocupação acabou por ser feita e atualmente o espaço que estava devoluto é agora ocupado pela loja dos tecidos. Perante esta alteração, atualizámos a distribuição do programa: a loja dos tecidos passará apenas a ocupar o espaço a norte do edifício.

Por fim, a atual residência universitária/hostel também corresponde a um dos programas necessários na baixa. No entanto, atualmente está desorganizada, sem qualquer lógica e com espaços muito mal aproveitados. Na minha proposta reorganizo por completo o interior da residência e inclusive atribuo mais alguma área que atualmente pertence à loja chinesa.

## REORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E CIRCULAÇÃO

Após um estudo aprofundado do edifício e da Praça que o contem, foi possível compreender um pouco melhor, a evolução que o mesmo teve até aos dias de hoje. As ocupações que teve, e que o transformaram, e as várias mudanças sociais levaram-no ao estado atual. Com esta linha de pensamento, e tendo em conta que a minha prioridade

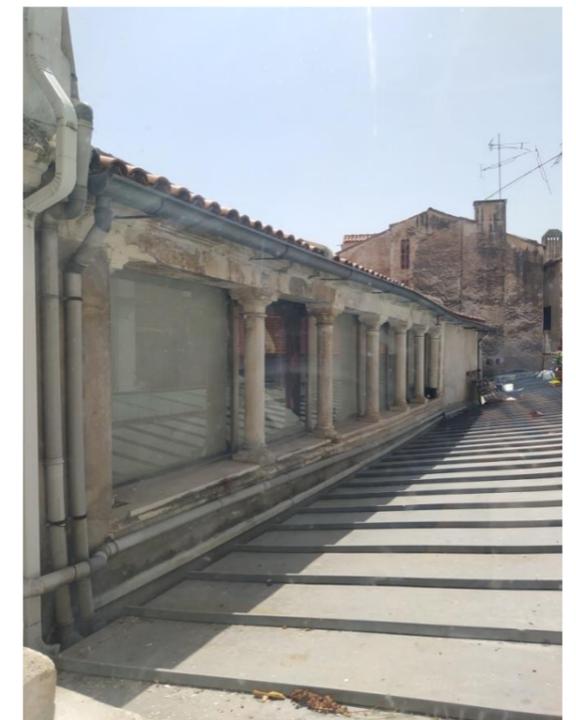
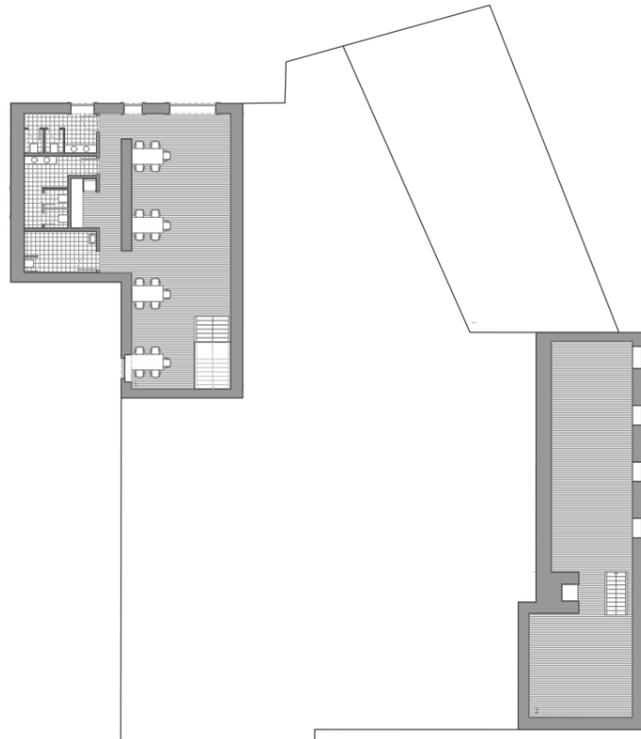
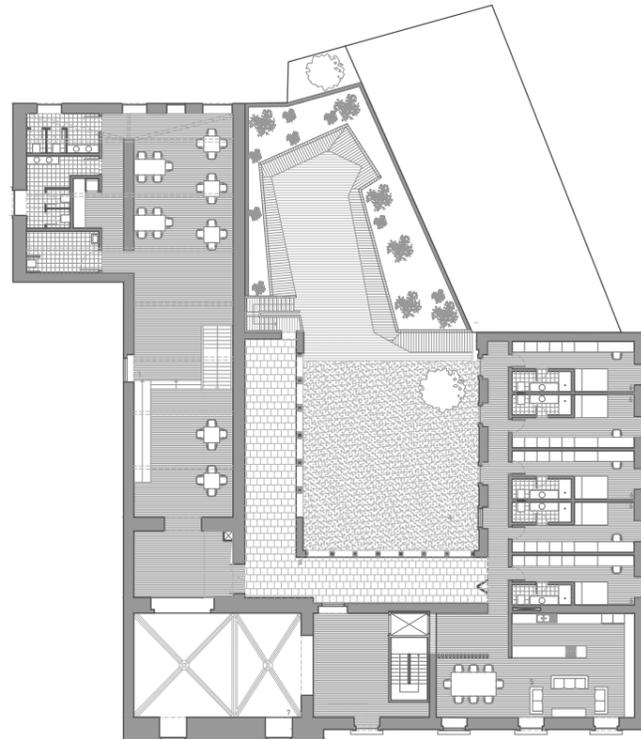


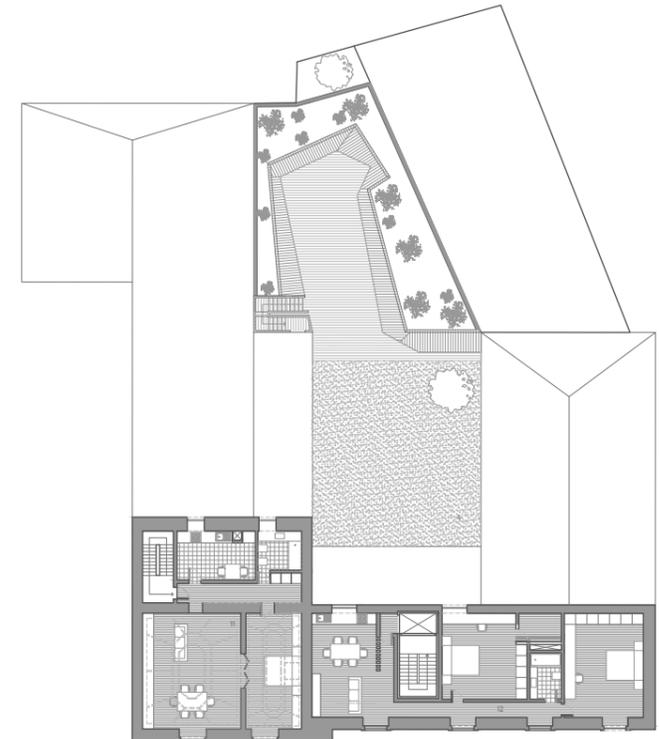
Imagem 41 e 42. Arcos e colunas



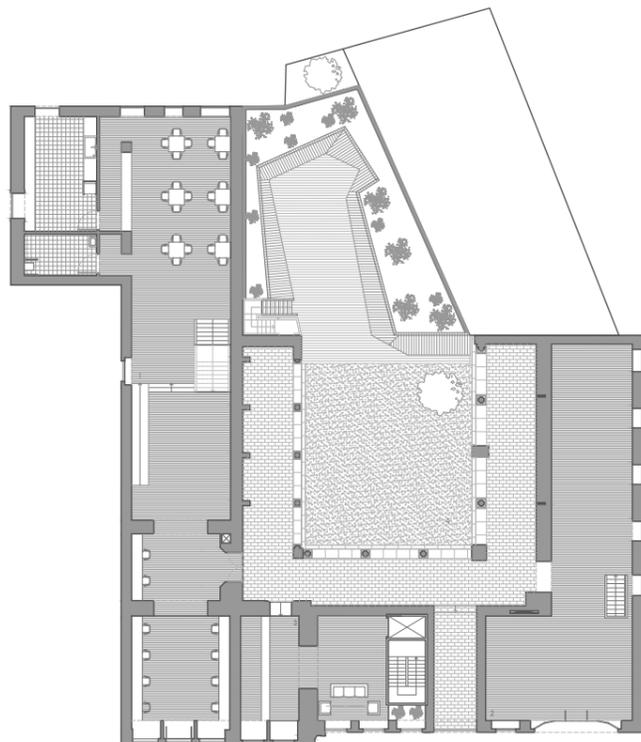
PLANTA PISO -1



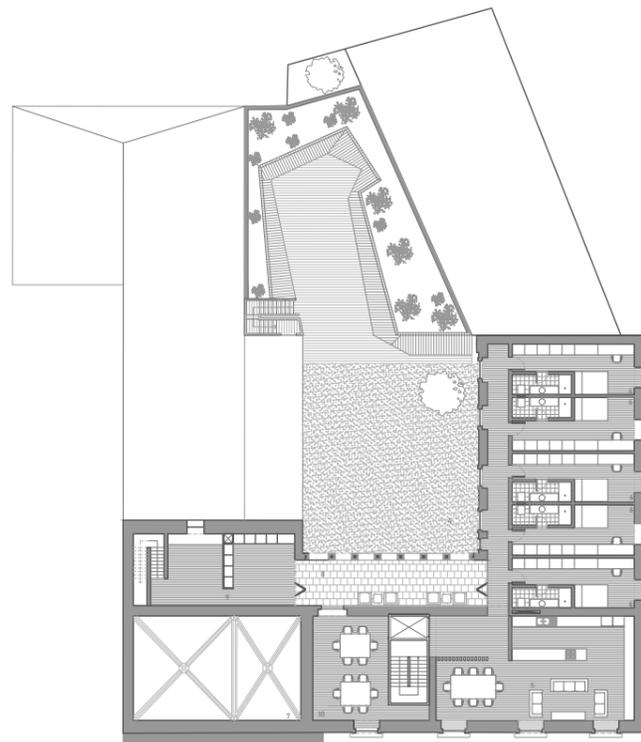
PLANTA PISO 1



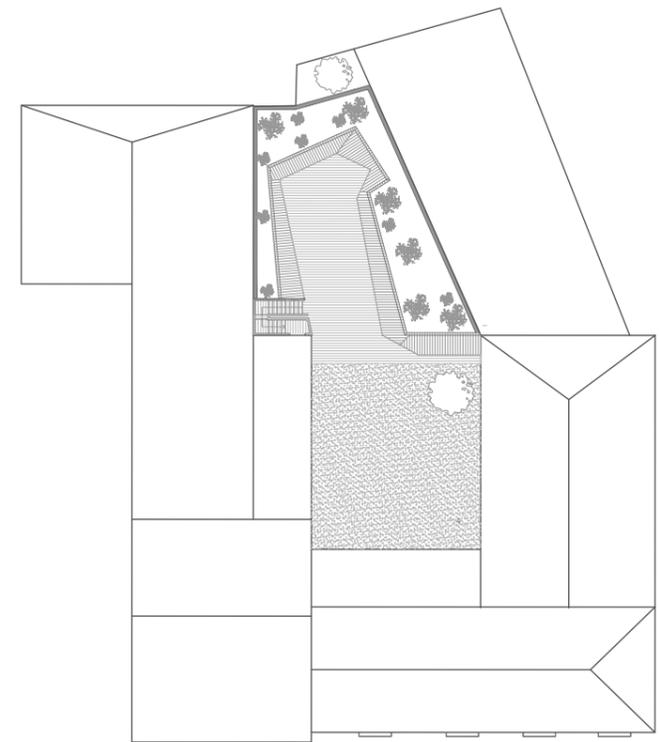
PLANTA PISO 3



PLANTA PISO 0



PLANTA PISO 2



PLANTA COBERTURA

1. Café 2. Loja dos Tecidos 3. Recepção da residência 4. Pátio 5. Cozinha/Sala de estar 6. Quarto 7. Capela 8. Galerias 9. Lavandaria 10. Sala de estudo 11. Apartamento T1 12. Apartamento T2



sempre abrir o claustro e dar um significado à capela, tentei delinear um programa com uma solução prática e que seja necessária para o público-alvo referido anteriormente. Isto é, que a população, principalmente estudantes e jovens adultos, sintam a necessidade de usar os programas idealizados, tornando assim o Antigo Hospital Real uma referência na cidade de Coimbra de maneira a que não continue desconhecido e perdido na Praça Velha. Ao criar um programa novo de interesse, nasce também uma curiosidade sobre o edifício em si e a história do mesmo.

Olhando para a história do edifício podemos afirmar que ao longo dos anos foi-se adaptando e evidentemente foram feitos acréscimos para servir as necessidades do momento e assim tornar-se útil à população. Tendo em conta esta ideia do que é necessário para o momento, mantenho os elementos estruturais e de valor histórico, Reorganizei o interior do antigo hospital com novas funções que respondem às necessidades atuais. Desta maneira, o objetivo de atrair e trazer mais vida a baixa de Coimbra torna-se claro. Com uma população em constante crescimento e com constantes alterações sociais, faz todo o sentido pensar no agora mas também no futuro e a facilidade que o edifício terá para se adaptar. O Hospital Real tem a vantagem de fazer parte da história de Coimbra, como proponho, e na minha intervenção, passar a ter um espaço verde no centro da cidade de Coimbra: o Pátio.

A história do edifício descrita anteriormente é muito rica, e o facto de estar numa das praças mais velhas da cidade, torna incontornável a necessidade de saber mais sobre a fundação do edifício e respeitar os volumes adicionados ao longo dos anos. Com esta análise, consegui perceber quais os elementos fundamentais, ou seja aqueles que não queria mexer, como as colunas existentes, tanto as do pátio como as galerias superiores, a capela, e as aberturas da fachada principal, apesar de estas já terem sido feitas mais tarde. Em contraste identifiquei outros elementos que precisava de retirar imediatamente como a estrutura que cobre o pátio e todos os anexos para lá do mesmo, bem como todas as escadas que fazem a ligação das galerias que já são acrescentos posteriores e sem qualquer interesse arquitetónico, para além de roubarem espaço à mesma.

Estudei algumas linhas de pensamento que considero serem fundamentais para a reabilitação do Antigo Hospital Real nomeadamente, limpar todas as infra-estruturas e elementos que estão a obstruir a leitura clara de elementos fundamentais do edifício. Manter tudo o que dá personalidade ao mesmo, como as colunas, arcos e portas de pedra,



Imagem 43. Janela atual da residência

bem como elementos de interesse que foram acrescentados ao longo dos anos. Uniformizar, as coberturas dos diversos volumes tanto em material como em desenho, de modo a que não destoe do desenho da baixinha. Reorganizar os espaços internos que atualmente se encontram mal aproveitados e com uma organização labiríntica.

Com base nos desenhos cedidos pelo arquiteto João Marta e os levantamentos que foram possíveis realizar, atualizámos os desenhos para representarem o mais aproximadamente possível o atual edifício do Antigo Hospital Real de Coimbra. Após isto fizemos uma análise e assinalámos todas as áreas e volumes que consideramos serem supérfluos. Áreas que foram acrescentadas como anexos e que nada trazem ao edifício. Estes espaços descritos encontravam-se principalmente na loja Jorge Mendes e na loja chinesa. São eles: os espaços onde são atualmente os escritórios da loja Jorge Mendes, bem como alguns espaços que não estão a ser usados. Na loja chinesa, anexos dos quais não foi possível confirmar com certeza a função dos mesmos.

O espaço no andar da residência que eles designam de “varanda” foi também eliminado por ser um acrescento sem coerência e que nada traz de vantajoso para o espaço. Ao retirar este elemento o alçado Norte do pátio fica semelhante ao que seria antes. Com a eliminação destes espaços, a planta do hospital tornou-se mais coerente e clara, com áreas generosas para albergar o novo programa que proponho.

De seguida, assinalei todas as paredes ou passagens que tivessem um exemplar significativo de um arco ou porta, como é o caso de muitas das paredes da loja chinesa, da porta da igreja e até algumas da residência. Estas paredes moldam o espaço e deram-me as linhas-guia para organizar o meu projeto e desenho a partir das mesmas.

Outra decisão importante foi manter ou não os caixilhos atuais. Apesar de estes caixilhos terem interesse, e darem uma personalidade inegável às fachadas do hospital, mantê-las não foi possível. As caixilharias não estão a ser cuidadas como deveriam e o isolamento que elas dão é pouco. Esta decisão alterou sem dúvida o carácter das fachadas do hospital, principalmente da principal, que vira para a praça. No entanto tentámos manter um resto da linha que existia ao escolher caixilhos de duas portadas.

Quanto à circulação dentro dos espaços, tivemos em conta a posição atual dos mesmos e mantivemos os que consideramos fundamentais para a boa circulação e utilização do espaço. No entanto devido ao facto de a maioria destas escadas estarem em má



Imagem 44. Arcos da loja chinesa

diferentes espaços do hospital com os programas que delinee para o mesmo: o café concerto, a residência universitária e a nova loja dos tecidos Jorge Mendes.

Um dos grandes pontos de viragem da minha proposta é sem dúvida a abertura do pátio ao público. Inicialmente estava apenas a desenhar o pátio como uma extensão do café e por isso pertencia a este. No entanto, decidimos que tendo em conta a importância que este tem no edifício e o espaço de lazer que se pode retirar do mesmo, fazia todo o sentido que se tornasse uma área pública. Assim, apesar de retirar área a uma das lojas, um dos vãos da fachada principal do edifício leva-nos diretamente para o pátio.

Para a ligação entre a entrada pela praça do comércio até ao pátio, optei por usar o mesmo tipo de pavimento, um lajeado que permite criar um ligação e uma sensação de continuidade desde a entrada do edifício, continuando em redor do pátio. Ao passar por esta entrada, e descer os dois degraus que fazem o acesso ao pátio, o visitante depara-se com uma área generosa e cheia de história. O centro está em saibro para permitir um escoamento das águas, e a estrutura de madeira, que está elevada da cota do pátio vinte centímetros, oferece um lugar de permanência onde as pessoas se podem sentar e aproveitar um bocadinho de natureza no centro da baixa.

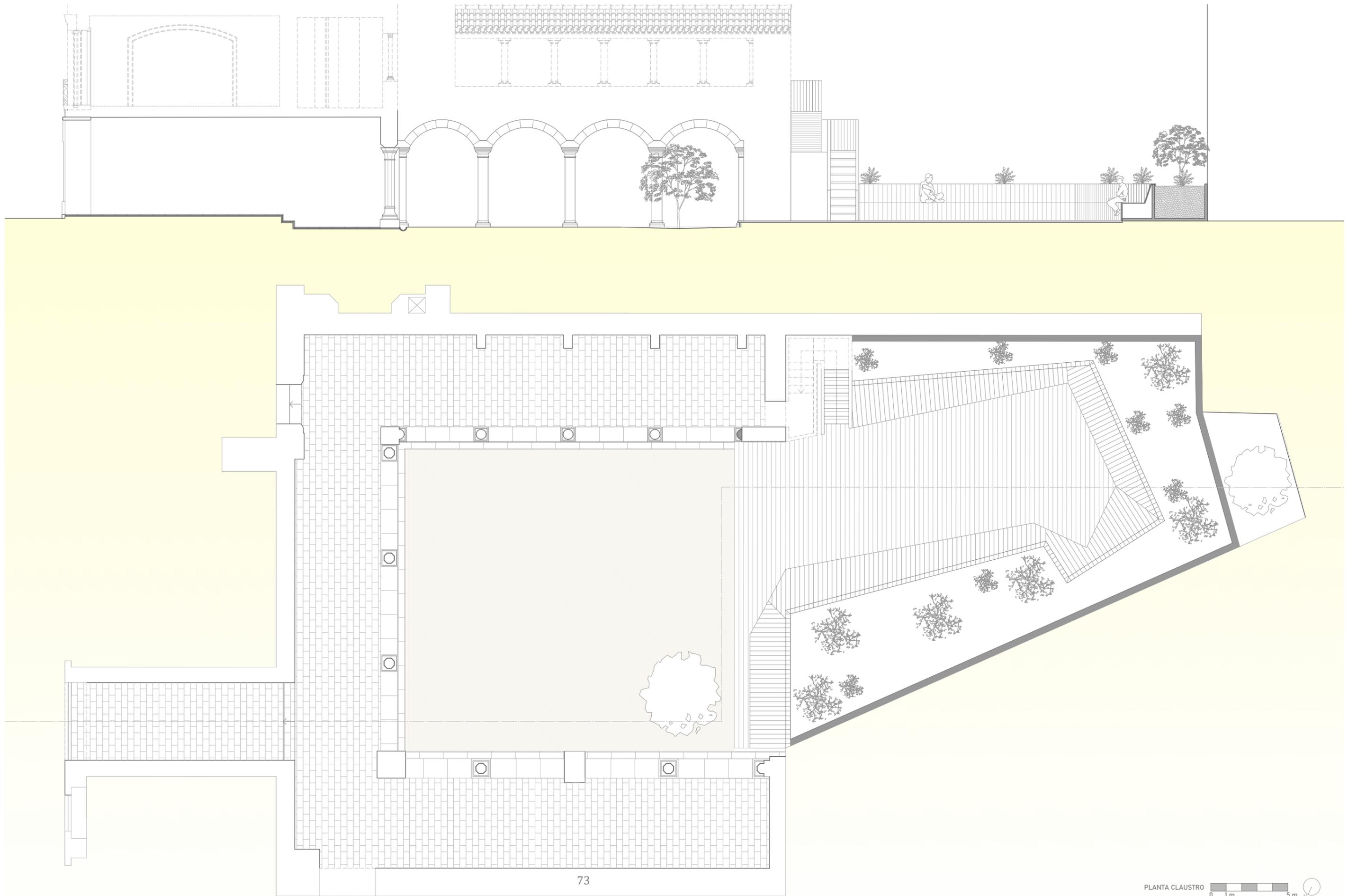
A capela é o outro elemento que queria destacar no edifício. Por esta razão faz todo o sentido reabrir a ligação entre esta e o café. Esta ligação, será claramente o arco do segundo piso da loja que dá acesso diretamente à capela. Será também por esta conexão que o café poderá funcionar durante eventos que se realizem na capela.

O café em si tem uma distribuição muito simples. O corpo alongado está ocupado com mesas altas que encaixam na parede, para que o corredor principal formado pelos arcos seja destacado. No mesmo piso estão as casas de banho, a cozinha e o balcão, juntamente com algumas mesas. Decidi que faria sentido abrir o café para o Largo do Romal. Durante as visitas que fiz ao edifício tomei nota de que várias vezes havia pessoas sentadas nos bancos do largo, pelo que, se houver a oferta de um café, fará todo o sentido que estas, e outras pessoas tirem proveito deste programa. Assim, o piso de entrada do café é onde se concentram todas as funções. O piso inferior faz a ligação com o Largo do Romal e o piso superior, a comunicação com a capela.

A residência universitária é o espaço que mais intervenção precisou. Após a análise do espaço apenas as paredes principais ficaram. Ou seja, paredes que pertenciam a alçados ou, como referido anteriormente, que tivessem algum elemento de interesse. Todas as restantes



Imagem 45. Arco loja dos tecidos



73

PLANTA CLAUSTRO 0 1m 5m N

diferentes espaços do hospital com os programas que delineei para o mesmo: o café concerto, a residência universitária e a nova loja dos tecidos Jorge Mendes.

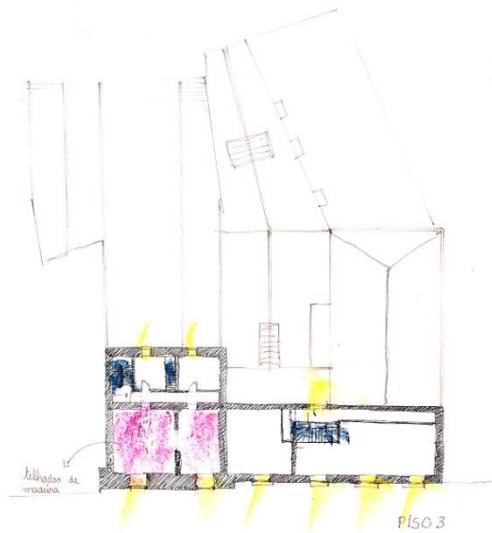
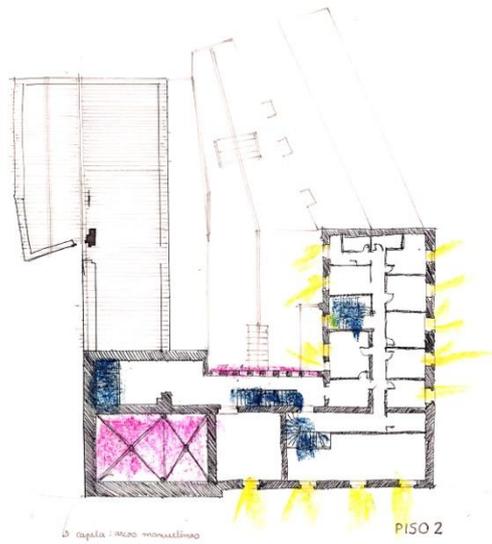
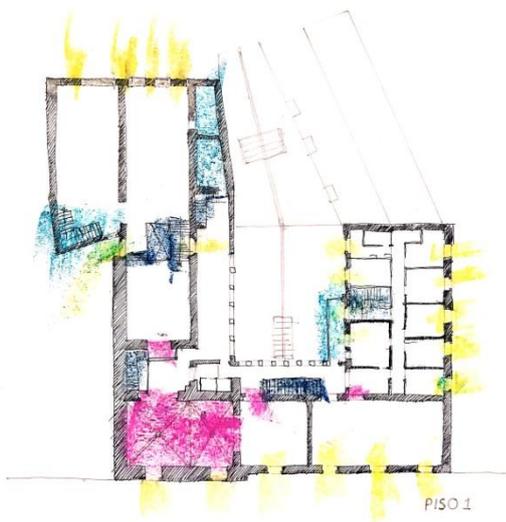
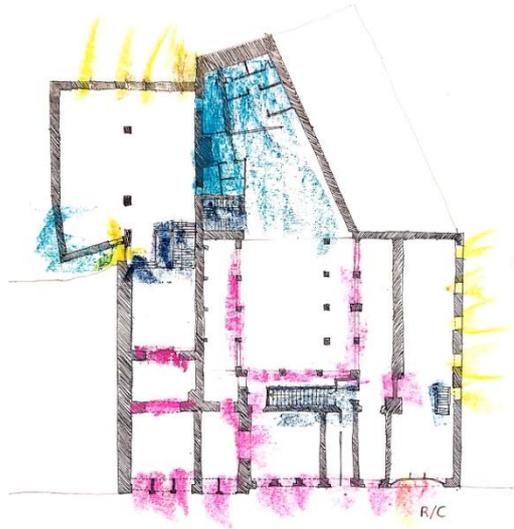
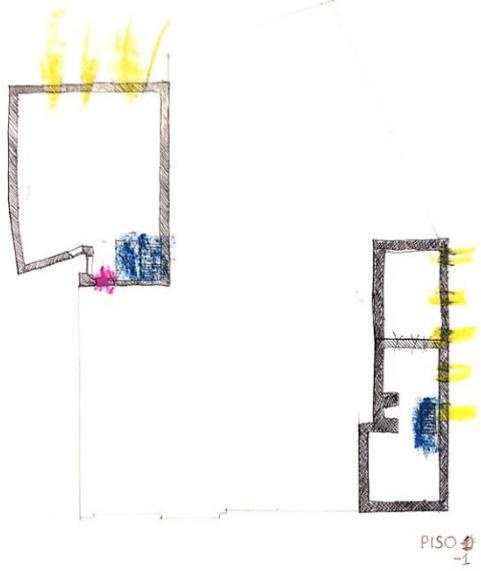
Um dos grandes pontos de viragem da minha proposta é sem dúvida a abertura do pátio ao público. Inicialmente estava apenas a desenhar o pátio como uma extensão do café e por isso pertencia a este. No entanto, decidimos que tendo em conta a importância que este tem no edifício e o espaço de lazer que se pode retirar do mesmo, fazia todo o sentido que se tornasse uma área pública. Assim, apesar de retirar área a uma das lojas, um dos vãos da fachada principal do edifício leva-nos diretamente para o pátio.

Para a ligação entre a entrada pela praça do comércio até ao pátio, optei por usar o mesmo tipo de pavimento, um lajeado que permite criar uma ligação e uma sensação de continuidade desde a entrada do edifício, continuando em redor do pátio. Ao passar por esta entrada, e descer os dois degraus que fazem o acesso ao pátio, o visitante depara-se com uma área generosa e cheia de história. O centro está em saibro para permitir um escoamento das águas, e a estrutura de madeira, que está elevada da cota do pátio vinte centímetros, oferece um lugar de permanência onde as pessoas se podem sentar e aproveitar um bocadinho de natureza no centro da baixa.

A capela é o outro elemento que queria destacar no edifício. Por esta razão faz todo o sentido reabrir a ligação entre esta e o café. Esta ligação, será claramente o arco do segundo piso da loja que dá acesso diretamente à capela. Será também por esta conexão que o café poderá funcionar durante eventos que se realizem na capela.

O café em si tem uma distribuição muito simples. O corpo alongado está ocupado com mesas altas que encaixam na parede, para que o corredor principal formado pelos arcos seja destacado. No mesmo piso estão as casas de banho, a cozinha e o balcão, juntamente com algumas mesas. Decidi que faria sentido abrir o café para o Largo do Romal. Durante as visitas que fiz ao edifício tomei nota de que várias vezes havia pessoas sentadas nos bancos do largo, pelo que, se houver a oferta de um café, fará todo o sentido que estas, e outras pessoas tirem proveito deste programa. Assim, o piso de entrada do café é onde se concentram todas as funções. O piso inferior faz a ligação com o Largo do Romal e o piso superior, a comunicação com a capela.

A residência universitária é o espaço que mais intervenção precisou. Após a análise do espaço apenas as paredes principais ficaram. Ou seja, paredes que pertenciam a alçados ou, como referido anteriormente, que tivessem algum elemento de interesse. Todas as restantes



que ocupavam o interior foram retiradas. A prioridade foi reorganizar o interior. Assim, tendo em conta o espaço que já lhe pertencia e atribuindo mais alguma área que faz todo o sentido que fosse da residência, inclui um total de dez suites, divididas em dois andares independentes, isto é, cada andar tem cozinha e sala para serem usufruídos pelos residentes.

O espaço partilhado entre estes dois andares é uma sala de estudo que funciona também como espaço de arrumo e uma lavandaria que serve como antecâmara ao andar de cima. No último piso do edifício decidi desenhar não apenas quartos, mas apartamentos completos. Um deles de tipologia T1 com cozinha e sala separada, quarto e casa de banho e um segundo de tipologia T2, com sala e cozinha juntos e dois quartos individuais com casa de banho partilhada. As galerias do Antigo Hospital passam aqui a estar abertas e usadas como espaço de circulação e de estar.

Por último, a questão que mais dúvidas trouxe, foram os caixilhos. Como referido anteriormente, ao olhar para as fachadas do hospital, não se pode negar que os caixilhos atuais fazem parte e influenciam muito o carácter do edifício e a frente que apresenta para a Praça do Comércio. No entanto, com uma análise mais próxima confirmamos que os caixilhos, apesar de terem um desenho único, falham muito em termos de isolamento. Para além destes, há ainda umas portadas de madeira no interior que, tal como os caixilhos, têm um desenho único. Foram estudadas duas opções: substituição da caixilharia existente por uma nova caixilharia em madeira mantendo a solução de abertura em duas folhas. A segunda opção seria a conservação da caixilharia existente e introdução de uma segunda caixilharia interior em aço inox. Ambas as soluções têm vantagens e desvantagens.

No caso de substituição total da caixilharia, perde-se o desenho atual e com ele um pouco da personalidade do edifício, no entanto ganha-se em termos de isolamento pois uma solução contemporânea terá um desempenho superior tanto em termos acústicos como térmicos. Se optarmos por manter a caixilharia original introduzindo uma nova, existe a vantagem de manter os alçados do edifício o mais fielmente possível. No entanto, o espaço disponível para introduzir um caixilho novo é muito limitado pelo que teria de ser um com um perfil fino e iria impedir que o caixilho original abrisse a 90°.

Para a execução dos desenhos optamos pela primeira opção, tirar a caixilharia antiga e por uma nova. No entanto incluo também nos anexos gráficos alguns estudos da segunda opção.

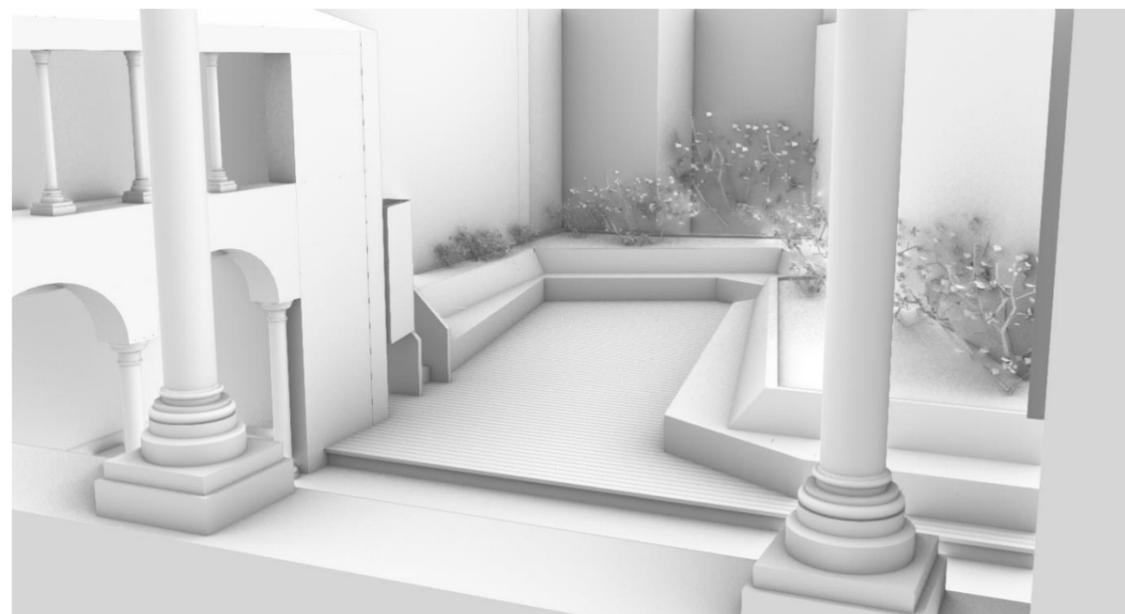
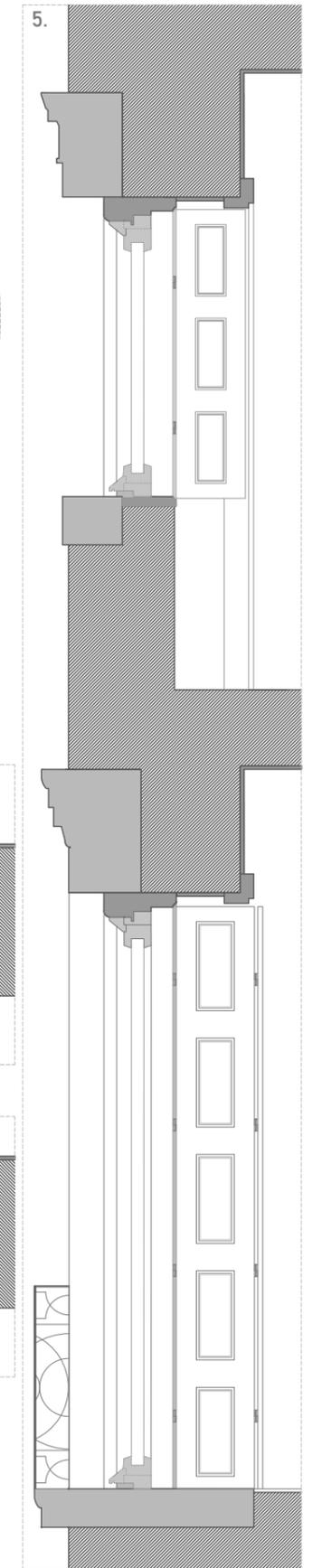
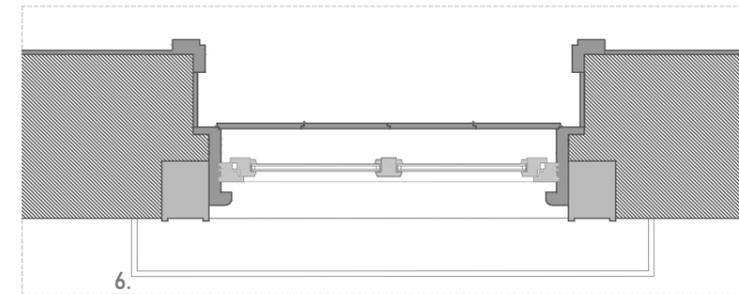
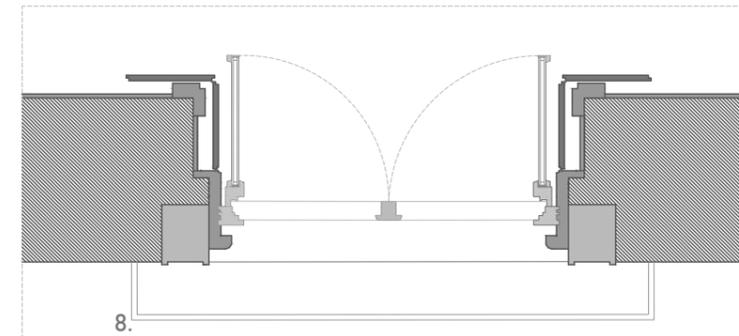
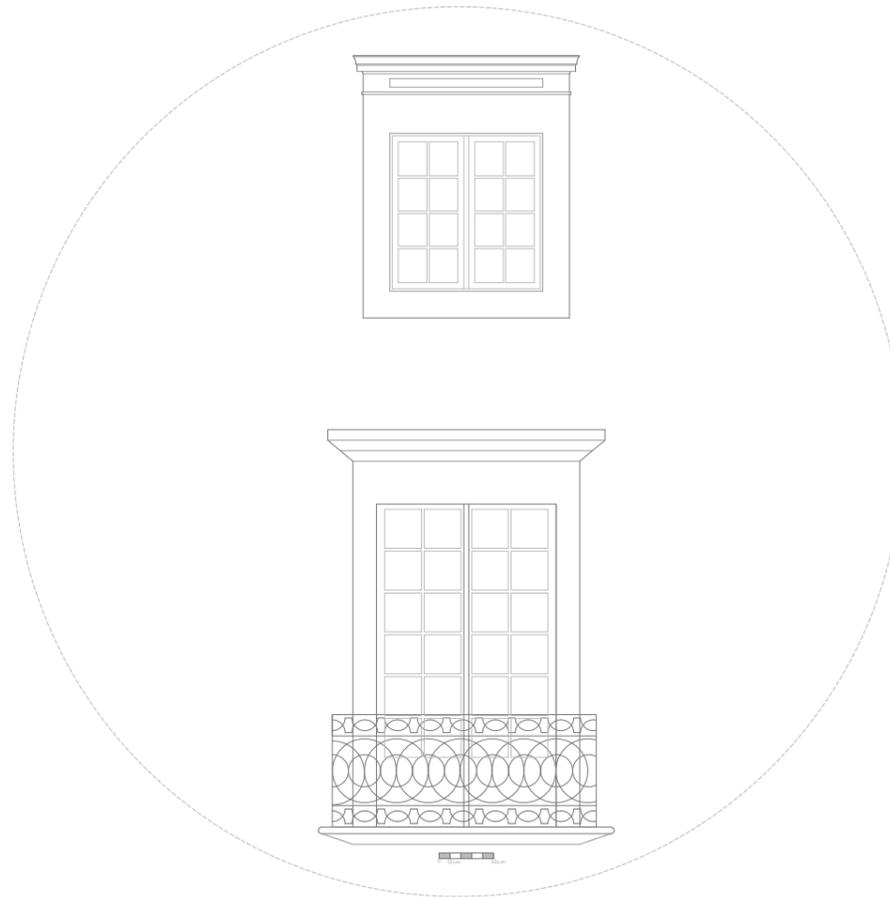
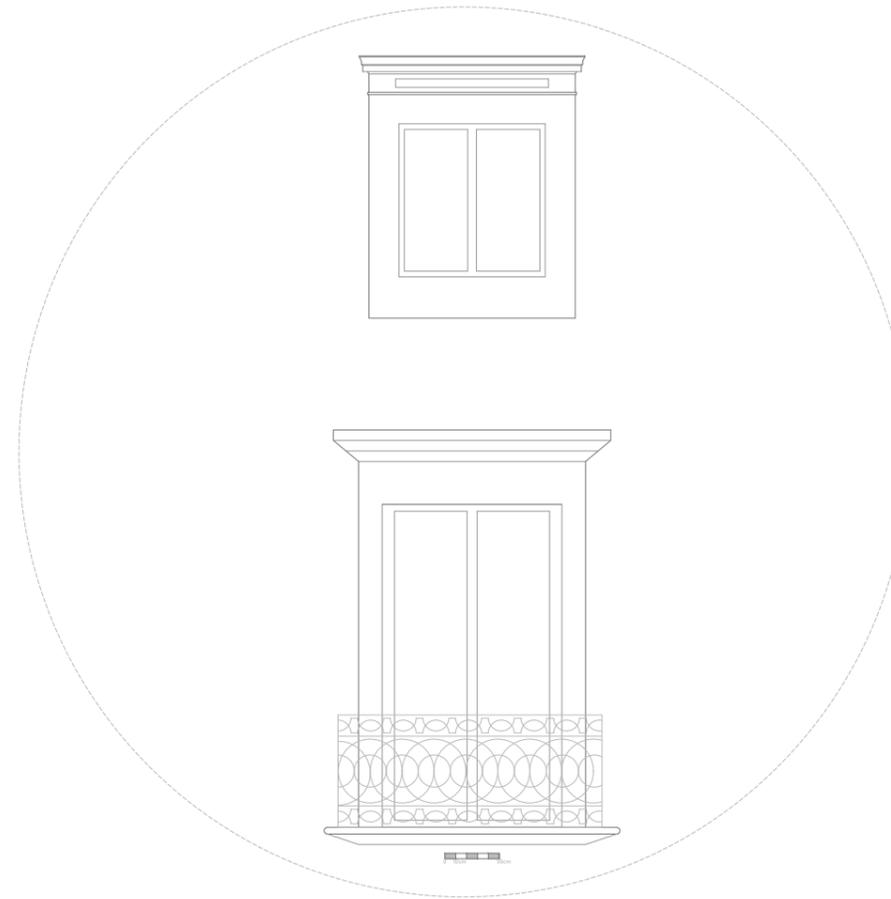
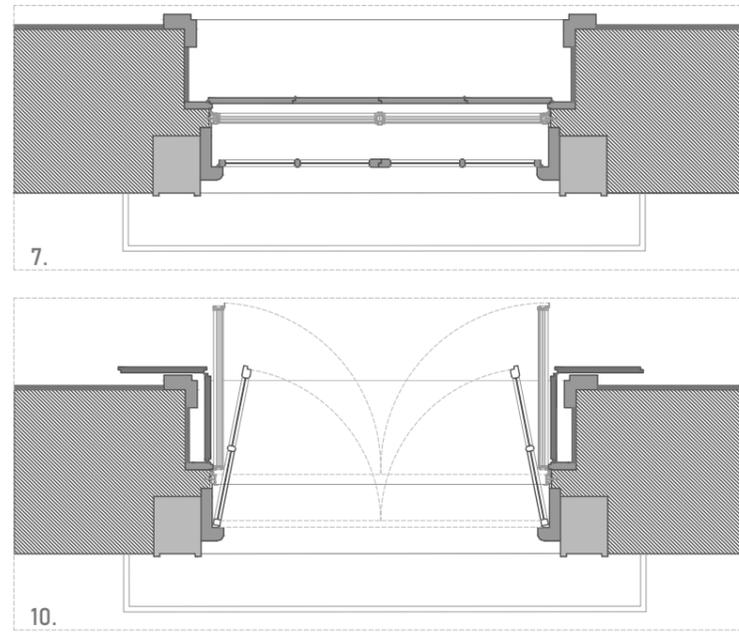
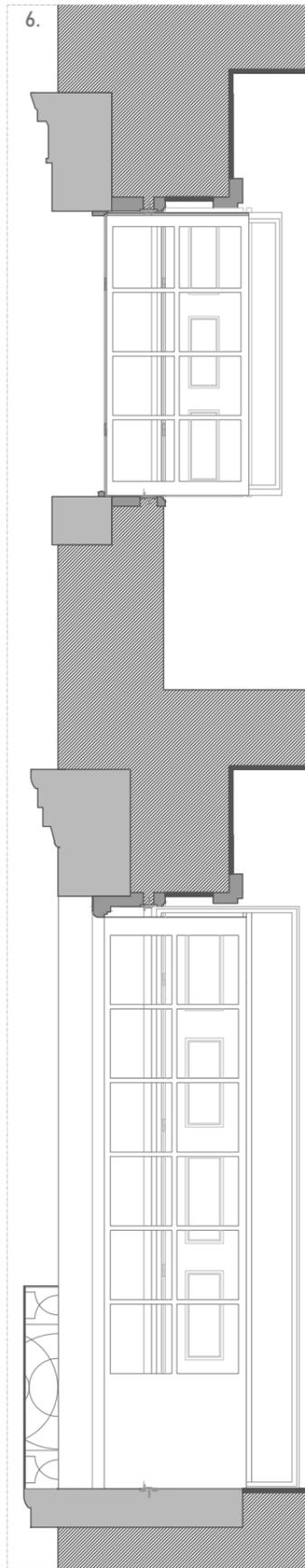


Imagem 47 e 48. Renders da proposta



## CAPÍTULO V: CONCLUSÃO

O abandono da baixa foi um tema importante no desenvolvimento desta dissertação. A análise das ruas da baixinha e o estado em que estão, abandonadas e escuras, levam-na a ser uma área da cidade de Coimbra e não usufruída pela comunidade. A população que ainda habita as casas é uma população envelhecida e os programas oferecidos, maioritariamente pequeno comércio, não são suficientes para trazerem movimento às ruas desertas.

Esta problemática deveria estar no topo das prioridades da cidade de Coimbra, pois a baixa é um indiscutível núcleo de história da cidade. Para que se comece a delinear uma solução, várias são as vertentes que deveriam estar implicadas. Não é só uma problemática de arquitetura mas de um conjunto diverso de áreas que juntas conseguiram delinear um plano de ação que traria um papel maior da baixa na cidade.

Na minha opinião, um bom ponto de partida para o início deste plano é sem dúvida a praça do Comércio. Esta praça já foi um centro indiscutível de Coimbra, e durante anos realizavam-se ali todos os eventos importantes da cidade. O facto de estar diretamente ligada com a Rua Ferreira Borges e Visconde da Luz que atualmente formam uma das grandes artérias da cidade é uma vantagem. A força que estas ruas têm e a quantidade de pessoas que nelas andam, poderiam ser desviadas para a Praça do comércio se houver programas atrativos na mesma. A partir da Praça é um desenrolar de ruas da baixa que precisam urgentemente de intervenção. Com os programas certos seriam sem duvida uma grande mais-valia para a baixa.

O papel do Hospital Real, torna-se aqui chave para a reabilitação desta Praça. As duas igrejas já atraem duas categorias de visitantes: uns que apenas querem ver as mesmas e prosseguem a sua visita; e pessoas locais, maioritariamente de idade avançada, que apenas vão à Praça para assistir à missa. Um edifício com o carácter histórico do Hospital Real, ainda mais com um programa atrativo, poderia trazer uma nova população à Praça que conseguisse dinamizar este espaço urbano.

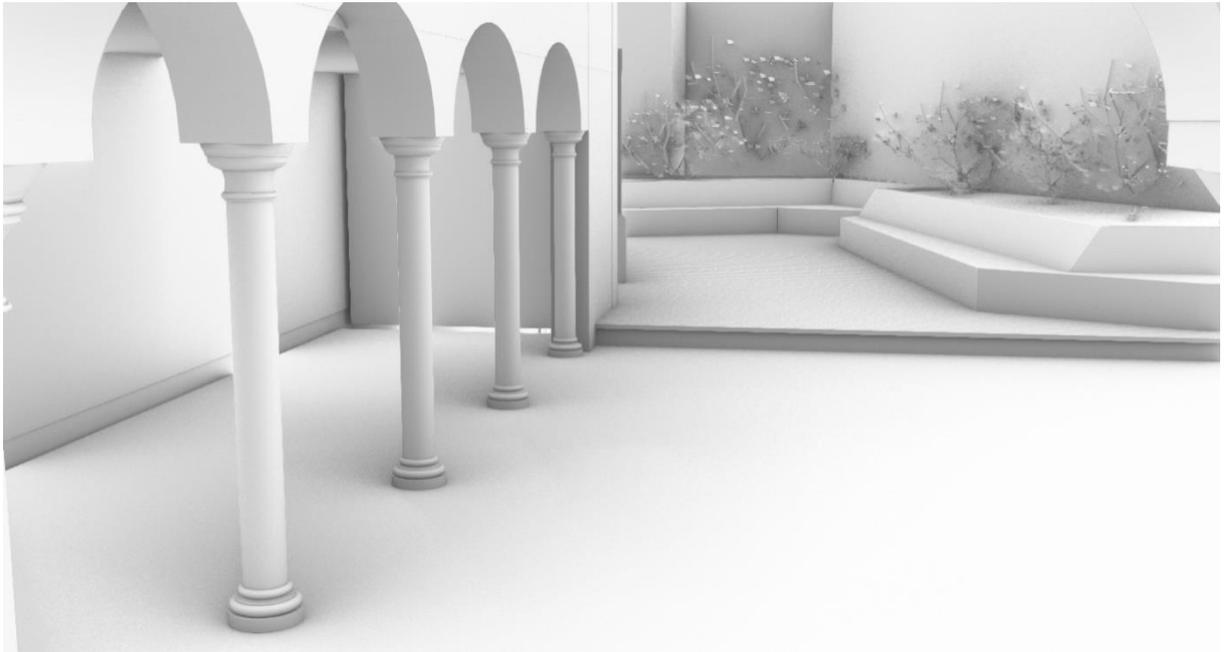


Imagem 49 e 50. Renders da proposta

Numa altura em que cada vez mais temos de repensar antes de construir, faz todo o sentido olhar e reaproveitar aquilo que já está feito. Na cidade de Coimbra e um pouco por todo o país, existem edifícios abandonados e deixados à sua sorte que com as devidas alterações seriam uma vantagem para a cidade e para a população que nela habita. Estes edifícios, que normalmente acompanham as linhas estruturantes dos centros históricos, deverão fazer parte na dinamização do mesmo. Este reaproveitamento de construções já feitas, faz todo o sentido para os habitantes locais que não se querem ver obrigados a ir para a periferia, bem como para os turistas que cada vez mais procuram estes centros históricos para terem uma experiência o mais local possível.

Assim, tirando partido da vertente prática desta dissertação, o plano delineado para o Hospital Real, traz sem dúvida à baixa um programa de interesse, entre o café-concerto que oferece música ao vivo, exposições e atuações, eventos que atraem todas as faixas etárias tanto de locais, como turistas. A residência de estudantes diretamente virada para jovens que conseguem deslocar-se facilmente e tem uma grande vantagem em estar no centro da cidade, oferece uma afluência de vida constante ao edifício. A Loja dos Tecidos, que mantém o carácter típico do edifício e da praça e já traz uma carteira de clientes habituais. E, por fim, o pátio de carácter público que oferece um pouco de natureza no meio de uma praça tão deserta.

Esta dissertação transmite a necessidade de cada vez mais dar valor ao que já está construído e reaproveitar edifícios históricos ou abandonados. Coimbra está repleta de edifícios que poderiam ser reabilitados e usados para dar à cidade mais movimento e mais vida.



## BIBLIOGRAFIA

Almeida, M.Lopes. 1937. *Documentos da Reforma Pombalina*. Volume I. Coimbra. Universidade de Coimbra

Brito, A. da Rocha. 1950. *Plantas do Hospital da Praça* . Coimbra.

Cardoso, João José. 1993/1995. *Santas e casas; as misericórdias do baixo Mondego e as suas igrejas nos séculos XVI e XVII* . Coimbra . Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Carvalho, José Branquinho de. 1958. *Evolução de Coimbra* .Coimbra.

Carvalho, José Branquinho de . “Coimbra, ontem e hoje, a evolução do largo da portage e da praça 8 de Maio”, in AAVV. 1995. *Baixa de Coimbra uma viagem no tempo*. Coimbra . GAAG.

Coelho, Maria Helena da Cruz. 1996. *A assistência em Coimbra em tempos manuelinos o Hospital Novo*. Coimbra. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Correia, Vergílio e Gonçalves, A.Nogueira. 1947. *Inventário Artístico de Portugal - Cidade de Coimbra*. Parte II. Academia de Belas Artes. Lisboa

Craveiro, Maria de Lurdes. 1990. *Manuel Alves Macomboa Arquitecto Da Reforma Pombalina Da Universidade de Coimbra*. 1ªedição.Coimbra. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.



Cunha, Vasco, “Reflexos da terciarização da baixa coimbrã”, in AAVV. 1995. *Baixa de Coimbra uma viagem no tempo*. Coimbra. GAAG.

Dias, Pedro. 1982. *A arquitetura de Coimbra na transição do gótico para a renascença: 1490-1540*. Coimbra

Dias, Pedro. 1993. *Actas Do Colóquio a Universidade e a Arte*. 1ª edição. Instituto de História da Arte Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra

Loureiro, Fernando Pinto. 1947. *Arquivo Coimbrão*. Volume X. Coimbra. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Mantas, Vasco Gil. 1992. *Notas sobre a estrutura urbana de Aeminium*. Coimbra

Marques, Rafael. 2004. *Coimbra através dos tempos*. Coimbra. Gráfica de Coimbra

Nunes, Mário, “Passadiço e arco, (desaparecidos) seriam os que apareceram numa casa da praça do comércio?”, in AAVV. 1995. *Baixa de Coimbra uma viagem no tempo*. Coimbra. GAAG.

Oliveira, António. 1971. *A vida económica e social de Coimbra de 1537 a 1640*. Volume II. Coimbra. Universidade de Coimbra.

Pereira, Augusto Nunes, “A igreja de S.Bartolomeu, de Coimbra”, in AAVV. 1995. *Baixa de Coimbra uma viagem no tempo*. Coimbra. GAAG.



Pessoa, Alberto. 1931. *Hospitais de Coimbra*. Coimbra. Imprensa da Universidade

Rossa, Walter. 2001. *Diversidade, Urbanologia do espaço de Coimbra até ao estabelecimento definitivo da Universidade*. Coimbra. Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra.

Sousa, Fábio. 2011. *Projeto para o novo Museu Académico e Residência de Estudantes: O papel do antigo Hospital Real na estratégia de requalificação da Baixa de Coimbra*. Faculdade de Ciências e Tecnologias na Universidade de Coimbra. Coimbra

Vetrone, Mariana. 2018. *Diálogos Com a Preexistência : Leitura Crítica de Projetos de Intervenção No Patrimônio Cultural Edificado de Coimbra Nas Últimas Décadas*. Universidade de Coimbra. Coimbra.

## **TRABALHOS CONSULTADOS**

Hospital Real de Coimbra: de 1508 a 2018, Trabalho realizado por Inês Saraiva, Mónica Oliveira e Noémi Loureiro no ano letivo de 2017/2018 no âmbito da unidade curricular de História da Arquitetura Portuguesa II sob a orientação do Professor Rui Lobo.

## **WEBGRAFIA**

“Pátio Das Escolas Home — GONÇALO BYRNE ARQUITECTOS.” Acedido a 14 de Setembro de 2020. <https://www.goncalobyrnearquitectos.com/patio-das-escolas-home>.

“Cav - Centro de Artes Visuais.” Acedido a 14 de Setembro de 2020. [http://cav-ef.net/cav\\_sobrenos\\_cav\\_edificio.htm](http://cav-ef.net/cav_sobrenos_cav_edificio.htm).

“DGPC | Pesquisa Geral.” Acedido a 21 de agosto de 2020. <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/>

“HISTÓRIA – Museu Nacional Grão Vasco.” Acedido a 23 de Janeiro de 2020. <http://www.museunacionalgraovasco.gov.pt/?p=106>.



“Monumentos.” Acedido a 9 de Setembro de 2020.

[http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SitePageContents.aspx?id=08a335ea-db85-4fdd-862b-fe6e623e44a8](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SitePageContents.aspx?id=08a335ea-db85-4fdd-862b-fe6e623e44a8).

“Coimbra Viva, Sociedade de Reabilitação Urbana.” Acedido a 13 de Dezembro de 2020.

[https://www.farmaciadigital.com/coimbravivasru-pt/pdf/praca\\_do\\_comercio.pdf](https://www.farmaciadigital.com/coimbravivasru-pt/pdf/praca_do_comercio.pdf)



## ÍNDICE DE IMAGENS

**Imagem 1** – Google Earth

**Imagem 2** – Fotografia da autora

**Imagem 3** – Imagem cedida pelo professor Rui Lobo

**Imagem 4** - Livro: *Notas sobre a estrutura urbana de Aeminium*, Mantas V.

**Imagem 5** - Livro: *Hospitais de Coimbra*, Pessoa A.

**Imagem 6** - Livro: *Hospitais de Coimbra*, Pessoa A.

**Imagem 7**- Sistema de Informação para o Património Arquitetónico

**Imagem 8**- Sistema de Informação para o Património Arquitetónico

**Imagem 9** - Fotografia da autora

**Imagem 10** - Fotografia da autora

**Imagem 11** - Fotografia da autora

**Imagem 12** - Fotografia da autora

**Imagem 13** - Fotografia da autora

**Imagem 14** - Fotografia da autora

**Imagem 15** - Sistema de Informação para o Património Arquitetónico

**Imagem 16** - Livro: *Hospitais de Coimbra*, Pessoa A.

**Imagem 17** - Livro: *Coimbra através dos tempos*, Marques R.

**Imagem 18** - Foto cedida pelo arquiteto João Marta

**Imagem 19** - Fotografia da autora

**Imagem 20** - Foto cedida pelo arquiteto João Marta

**Imagem 21** - Foto cedida pelo arquiteto João Marta

**Imagem 22**- Foto cedida pelo arquiteto João Marta

**Imagem 23**- Fotografia da autora

**Imagem 24**- MatrizPix, Direcção Geral do património Cultural

**Imagem 25**- MatrizPix, Direcção Geral do património Cultural

**Imagem 26** - Fotografia da autora

**Imagem 27** - Fotografia da autora

**Imagem 28** - Fotografia da autora

**Imagem 29**- Fotografia da autora

**Imagem 30**- Fotografia da autora



**Imagem 31** - Fotografia da autora  
**Imagem 32** - Fotografia da autora  
**Imagem 33** - Fotografia da autora  
**Imagem 34** - Fotografia da autora  
**Imagem 35**- <https://www.goncalobyrnearquitectos.com/patio-das-escolas-home>  
**Imagem 36**- Sistema de Informação para o Património Arquitetónico  
**Imagem 37**- Fotografia da autora  
**Imagem 38**- Fotografia da autora  
**Imagem 39**- Fotografia da autora  
**Imagem 40** - Fotografia da autora  
**Imagem 41**- Fotografia da autora  
**Imagem 42**- Fotografia da autora  
**Imagem 43**- Fotografia da autora  
**Imagem 44**- Fotografia da autora  
**Imagem 45**- Fotografia da autora  
**Imagem 46**- Render  
**Imagem 47**- Render  
**Imagem 48**- Render  
**Imagem 49**- Render

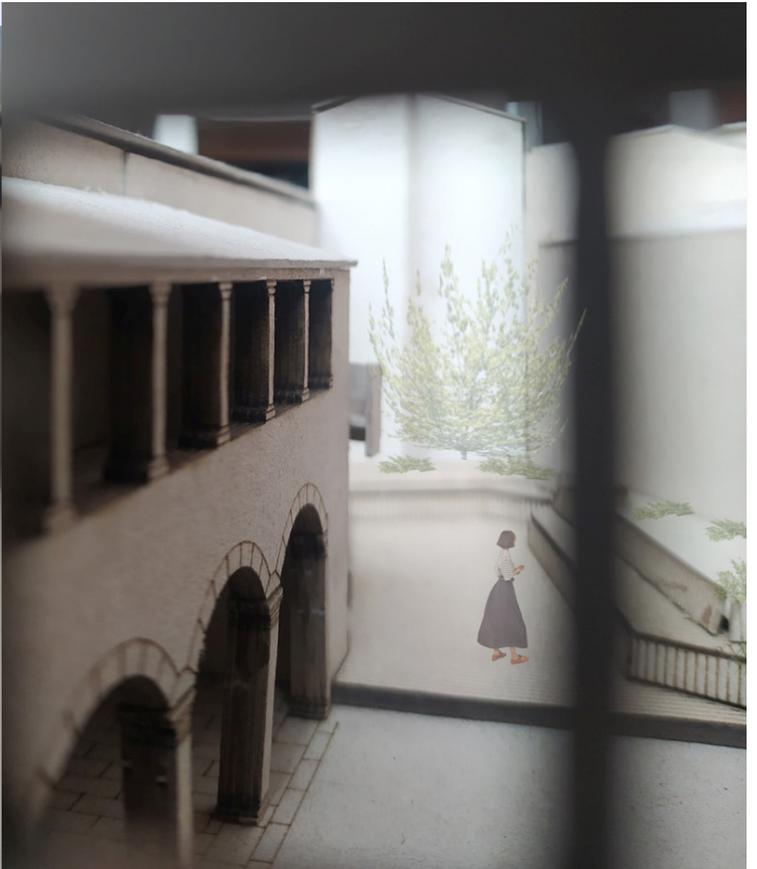


## **ANEXOS GRÁFICOS**



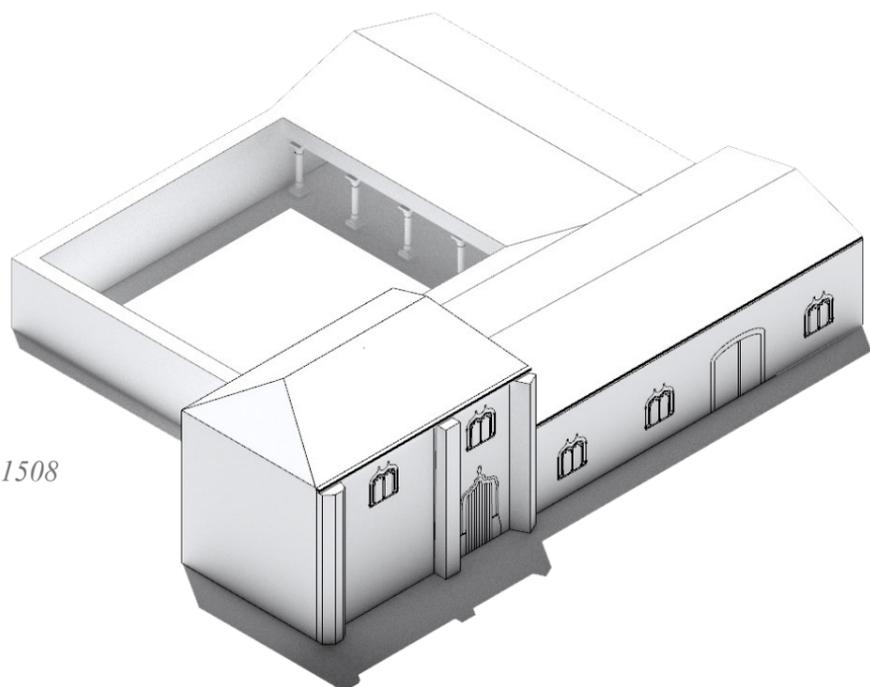


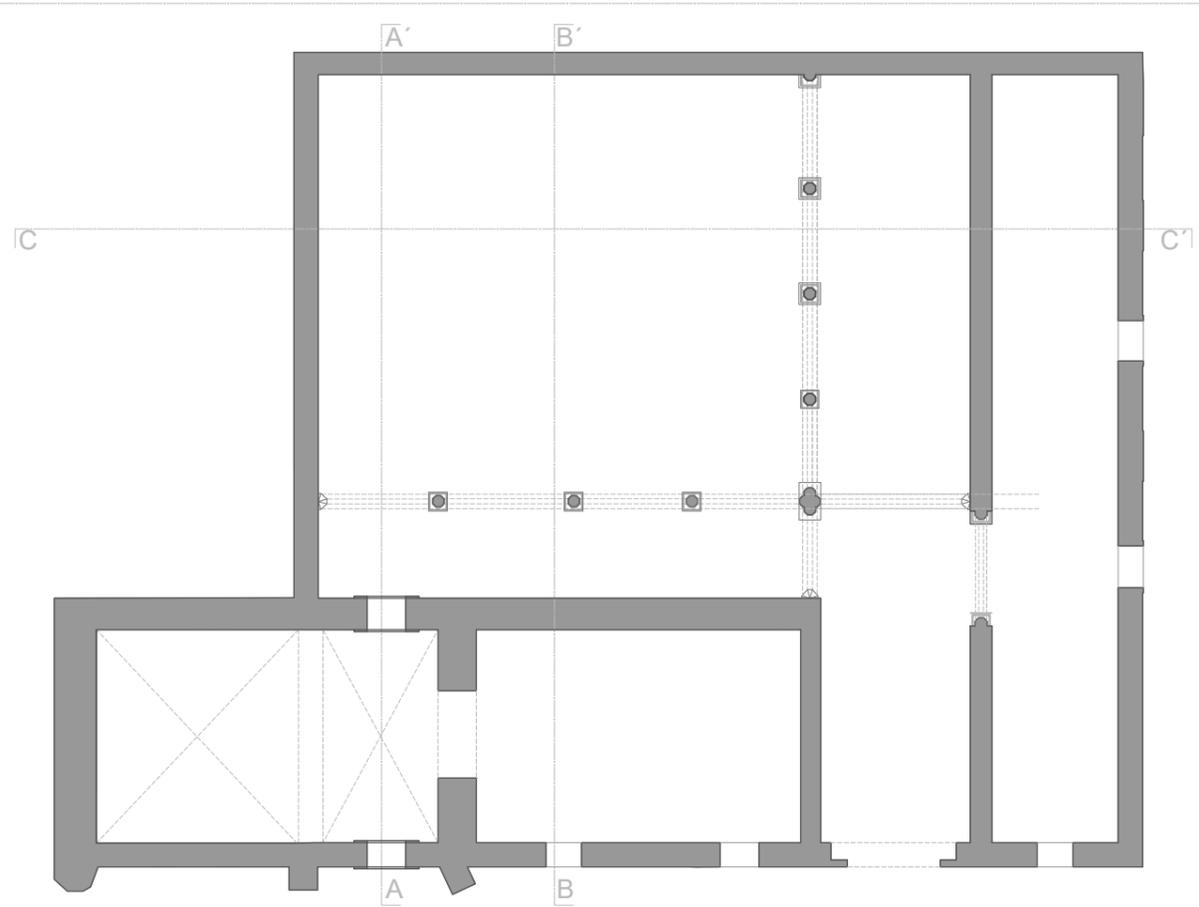




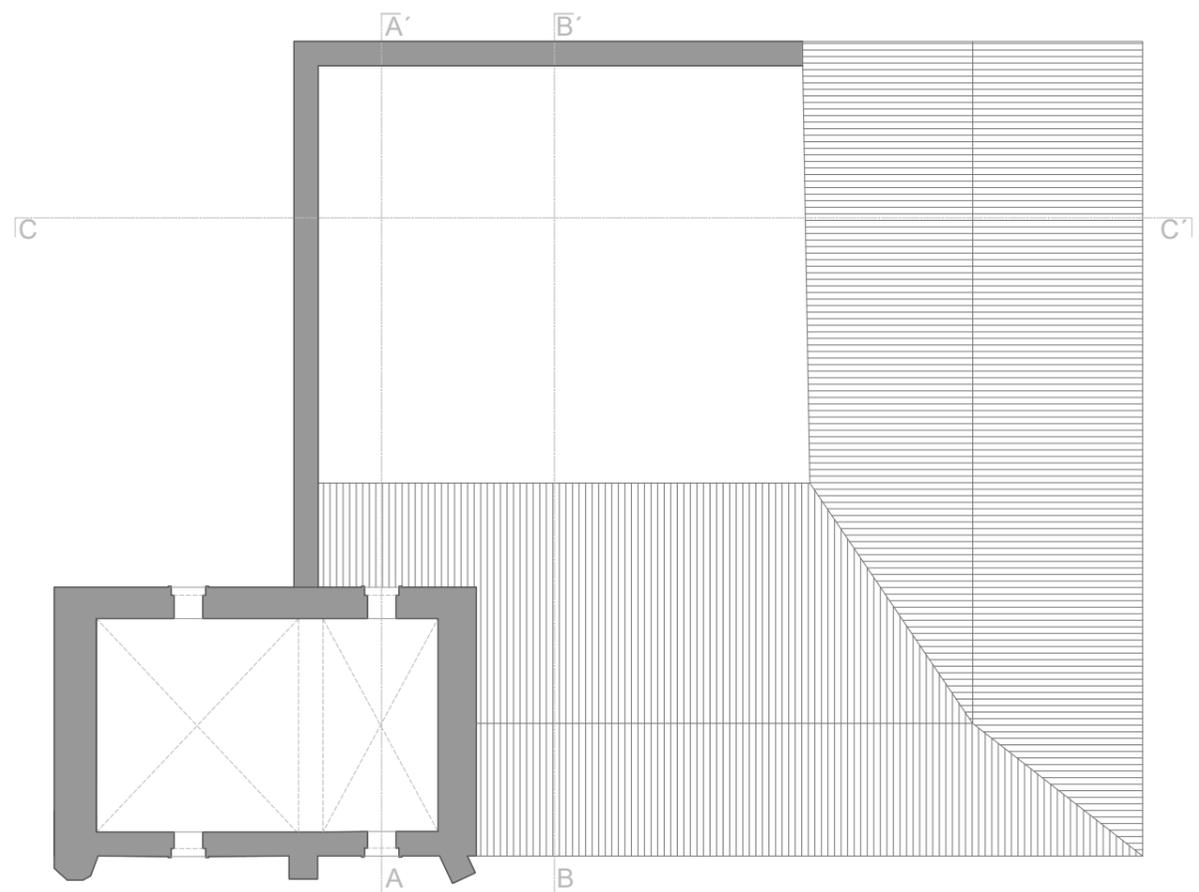


*Fundação 1504-1508*  
*Escala 1/200*  
*Folha 1*

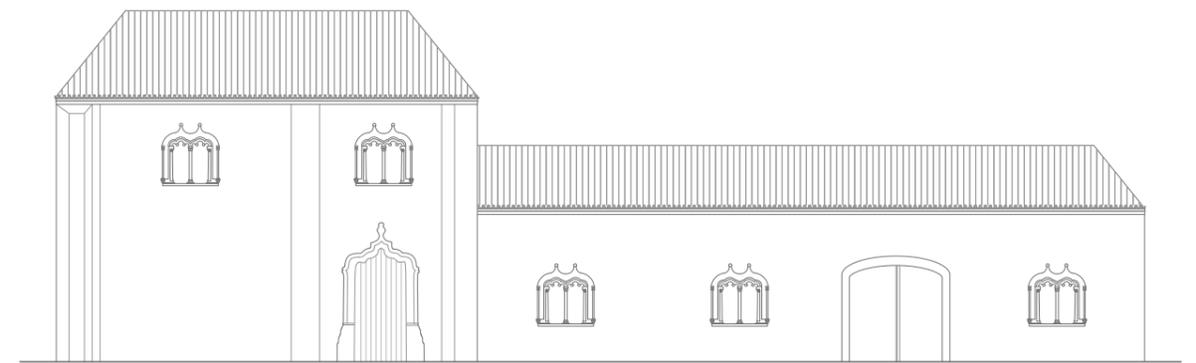




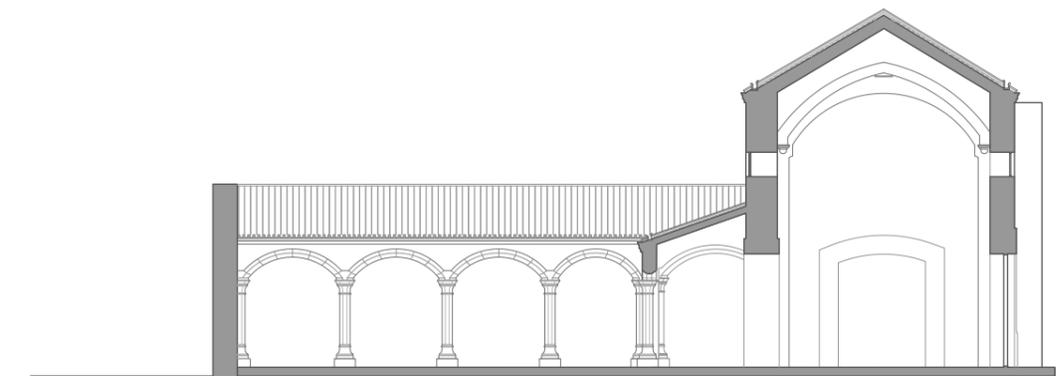
PLANTA PISO 0



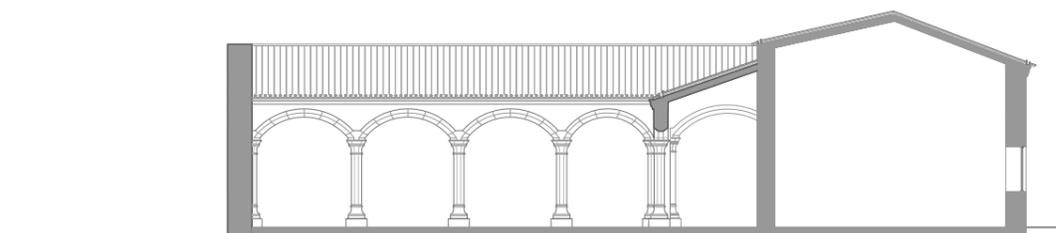
PLANTA PISO 1



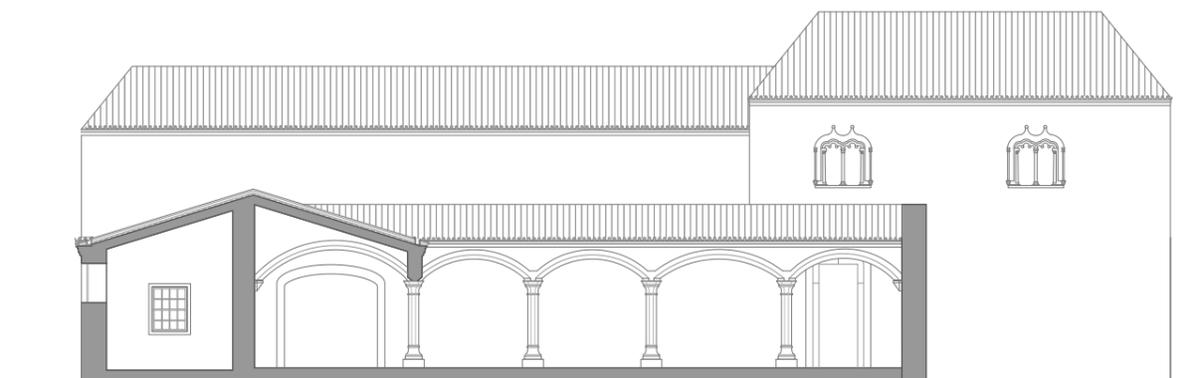
ALÇADO



CORTE AA'

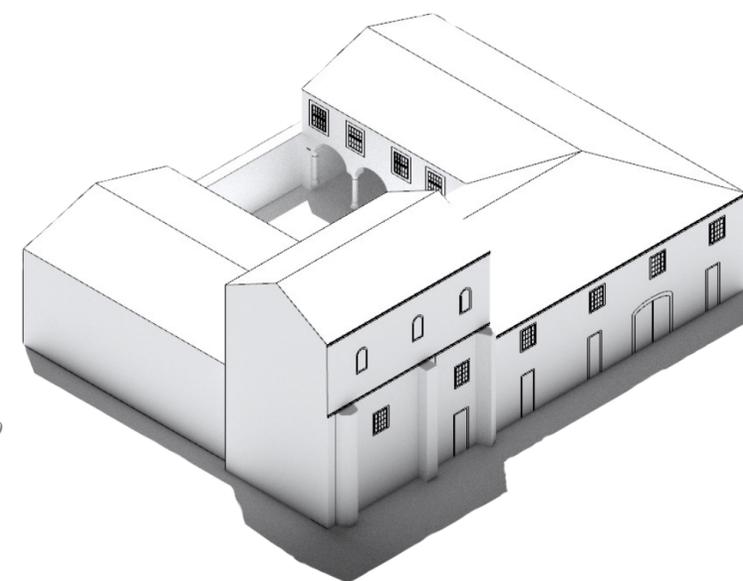


CORTE BB'

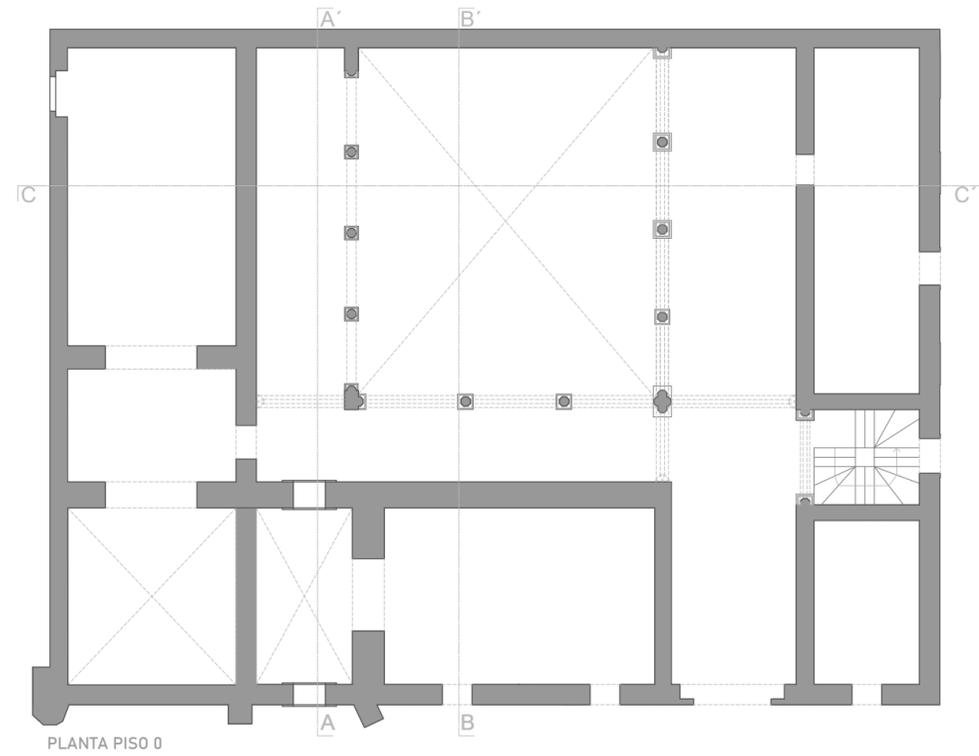


CORTE CC'

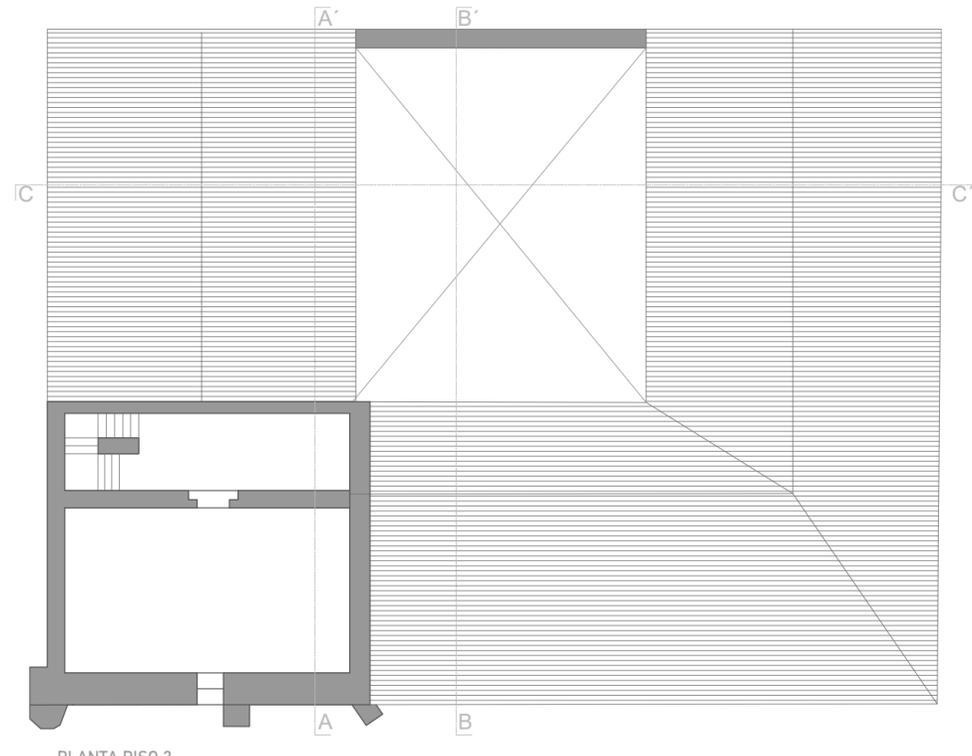




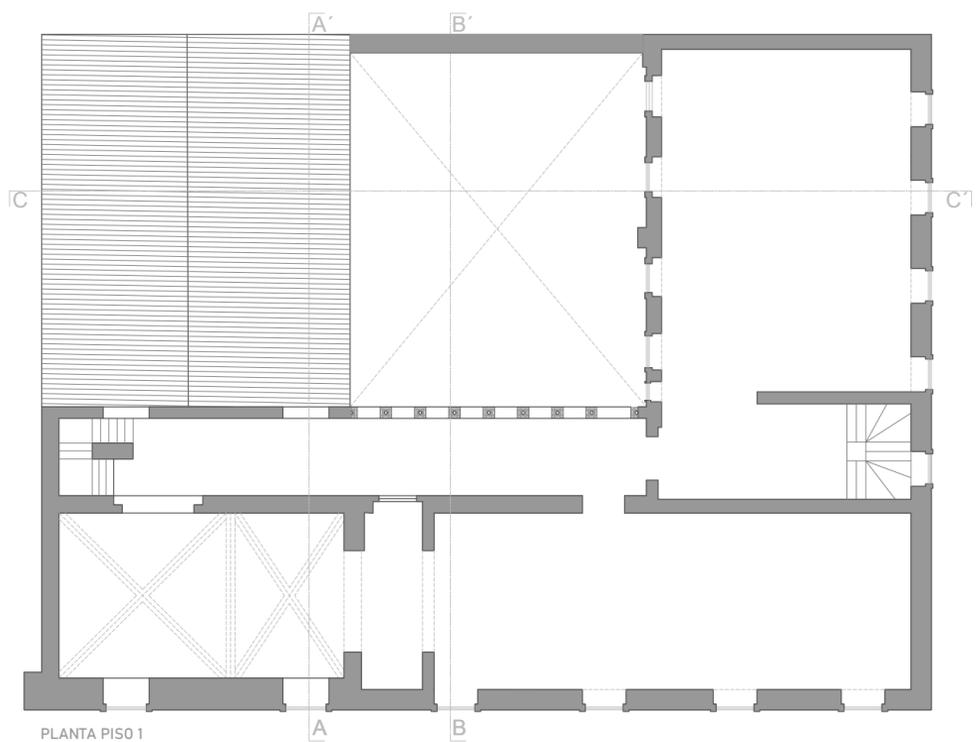
*Arco Temporal 1626-1779  
Escala 1/200  
Folha 2*



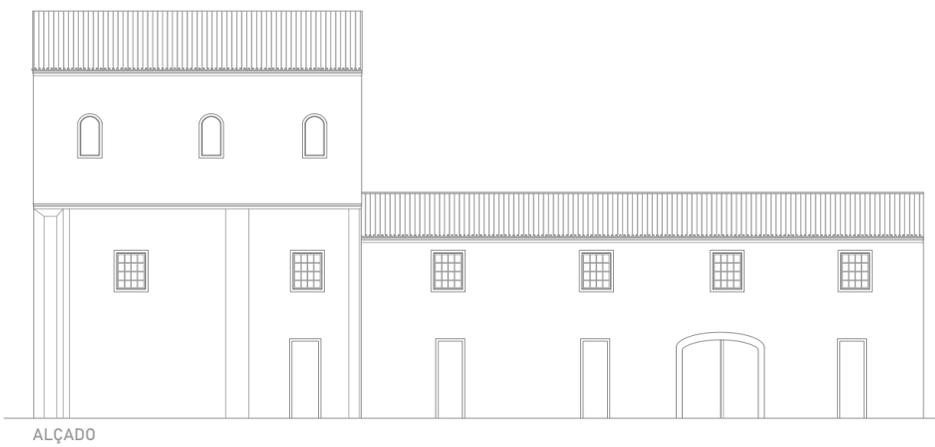
PLANTA PISO 0



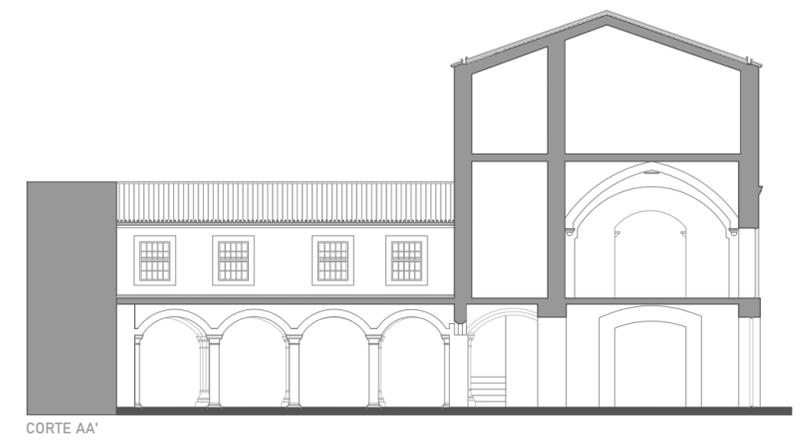
PLANTA PISO 2



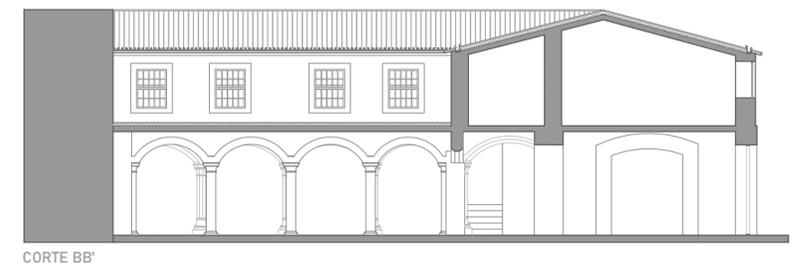
PLANTA PISO 1



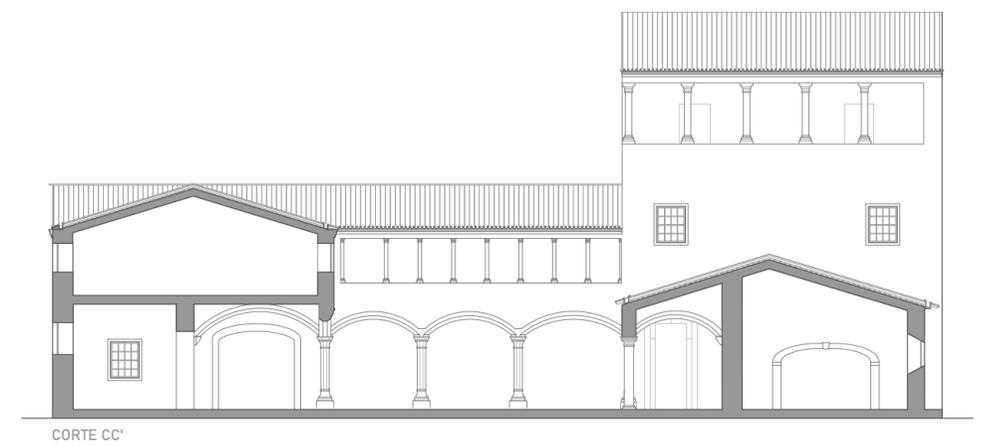
ALÇADO



CORTE AA'



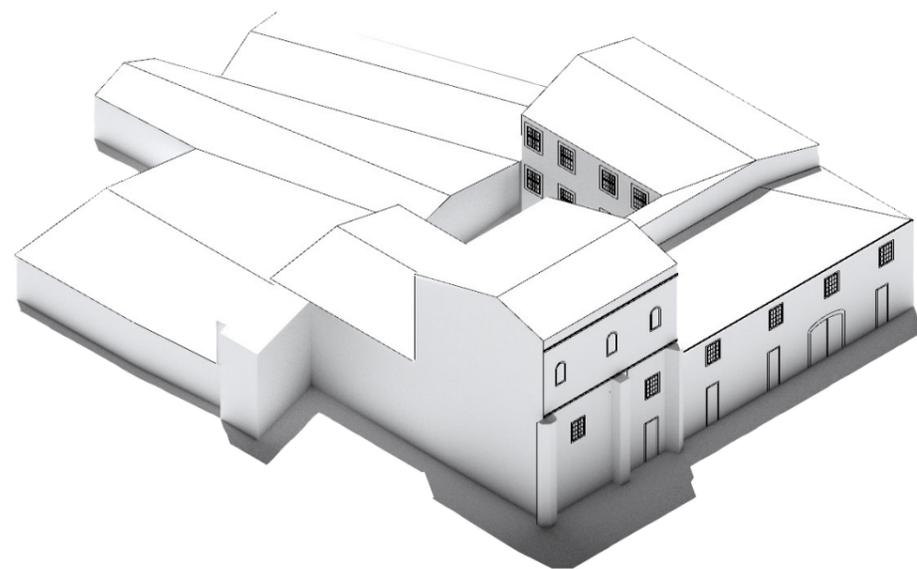
CORTE BB'

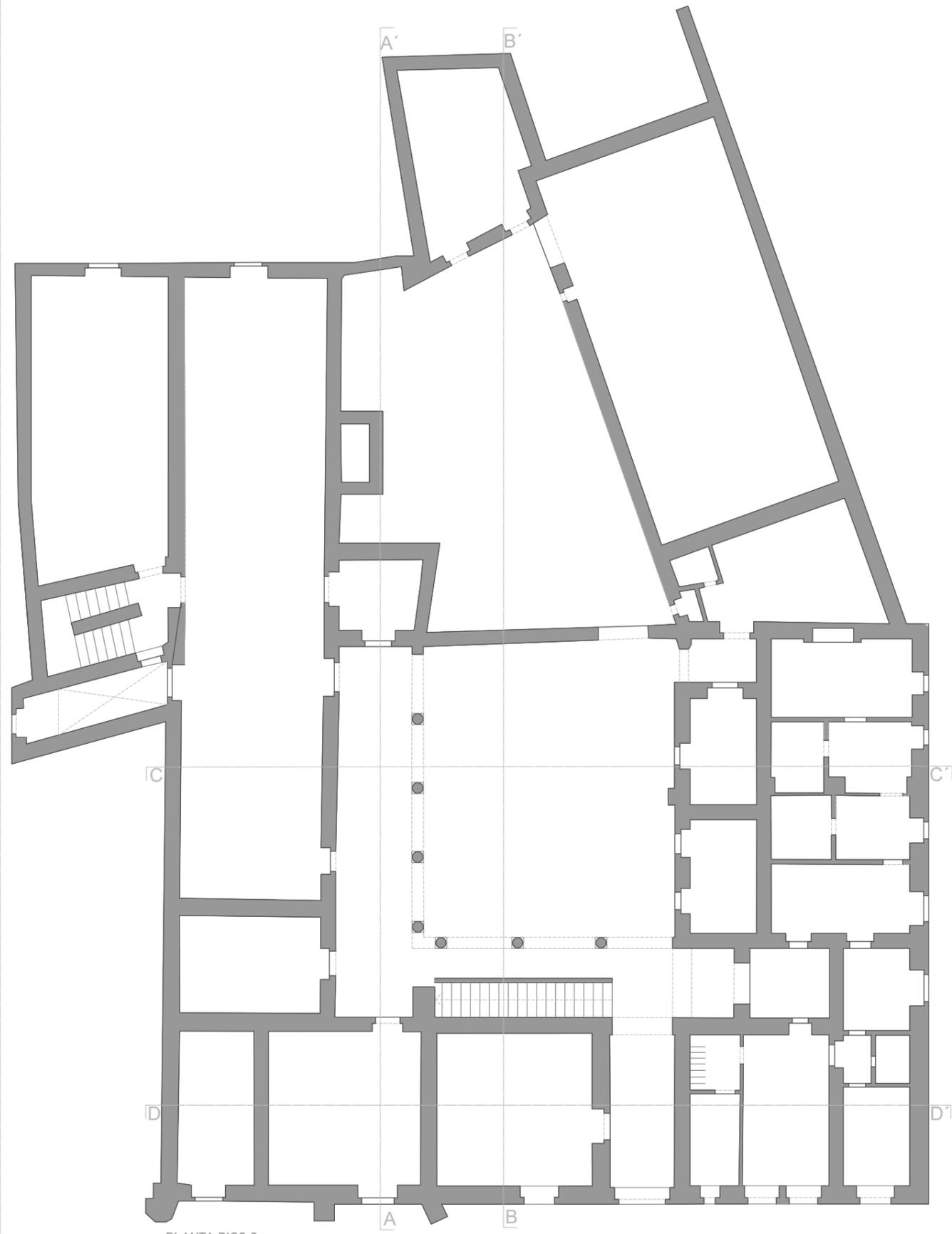


CORTE CC'

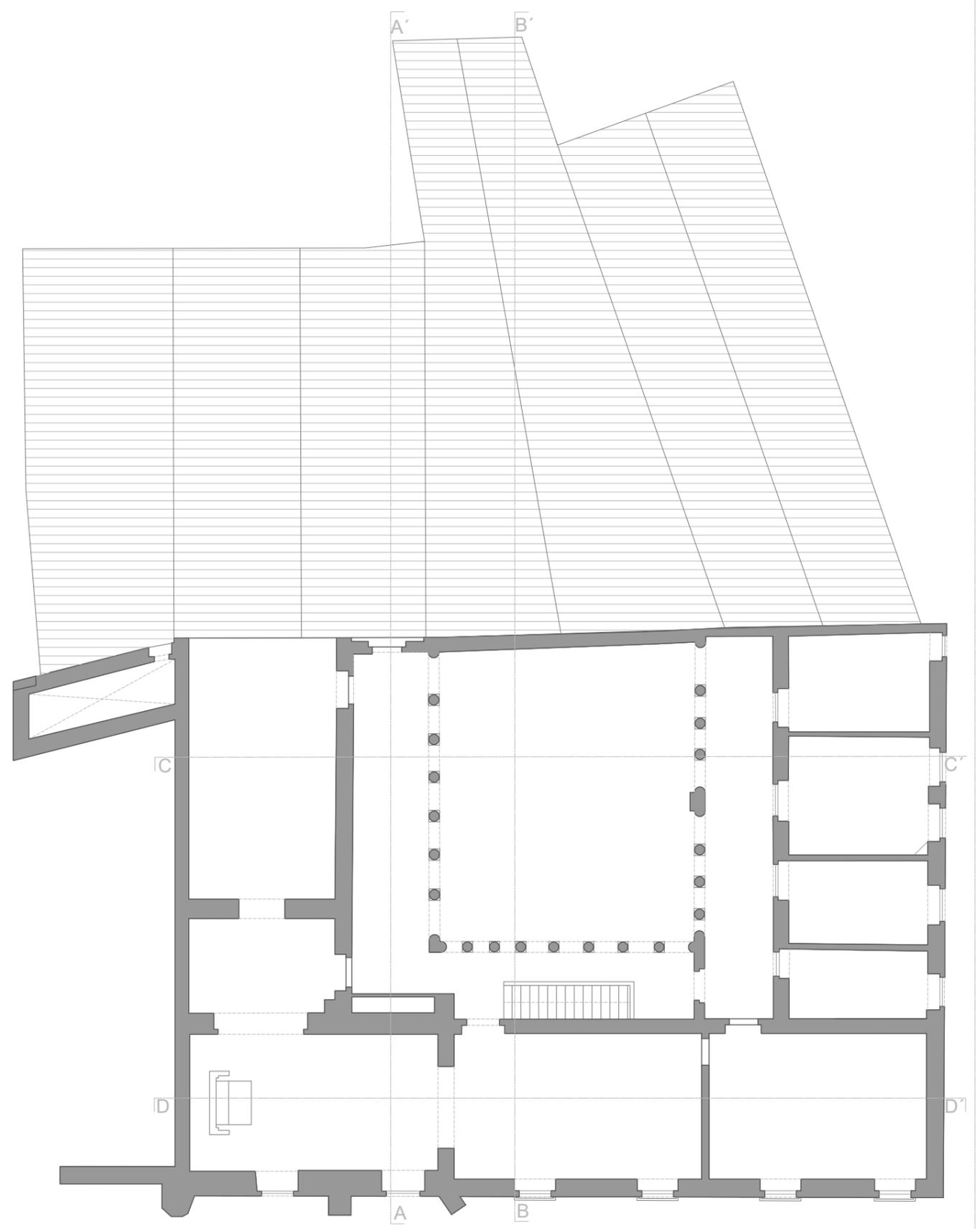


*Levantamento Pombalino 1779  
Escala 1/200  
Folha 3*



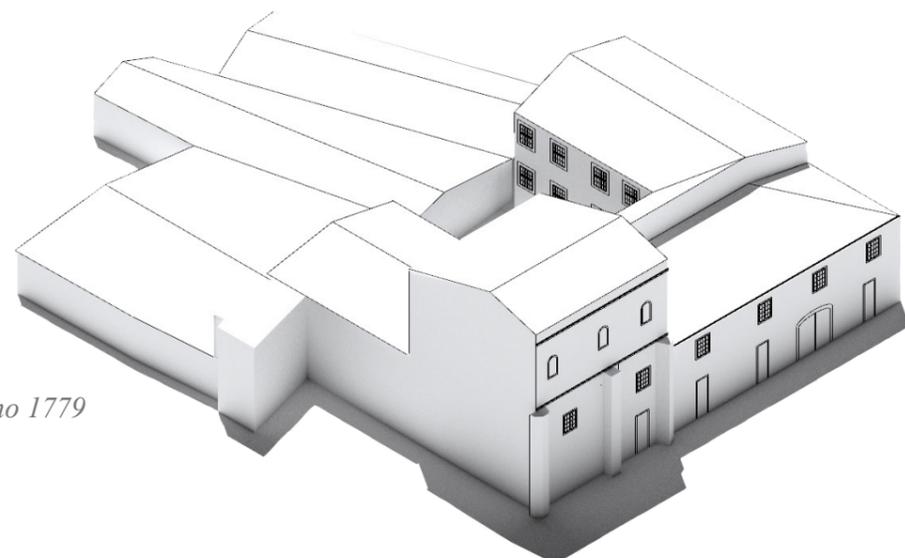


PLANTA PISO 0

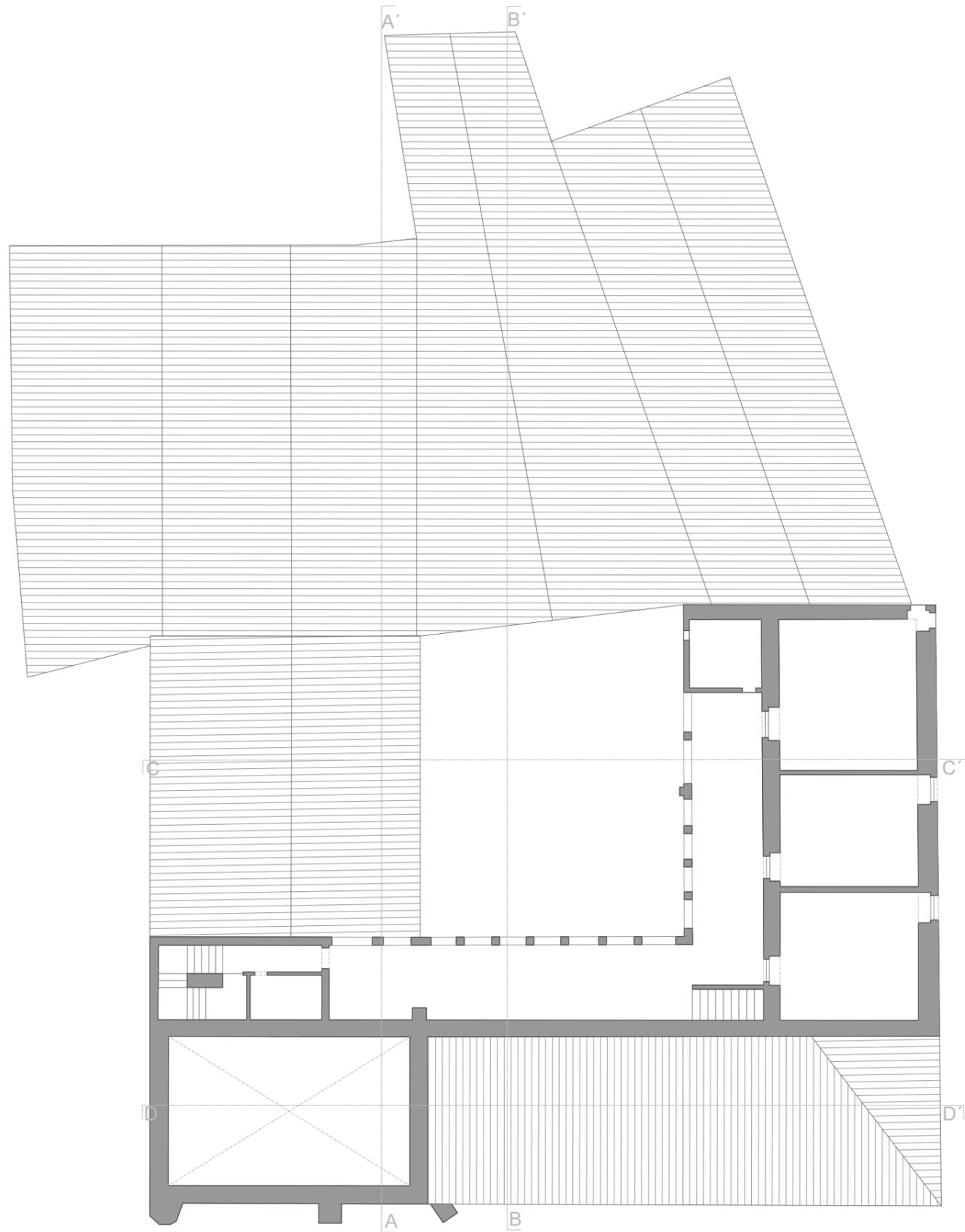


PLANTA PISO 1

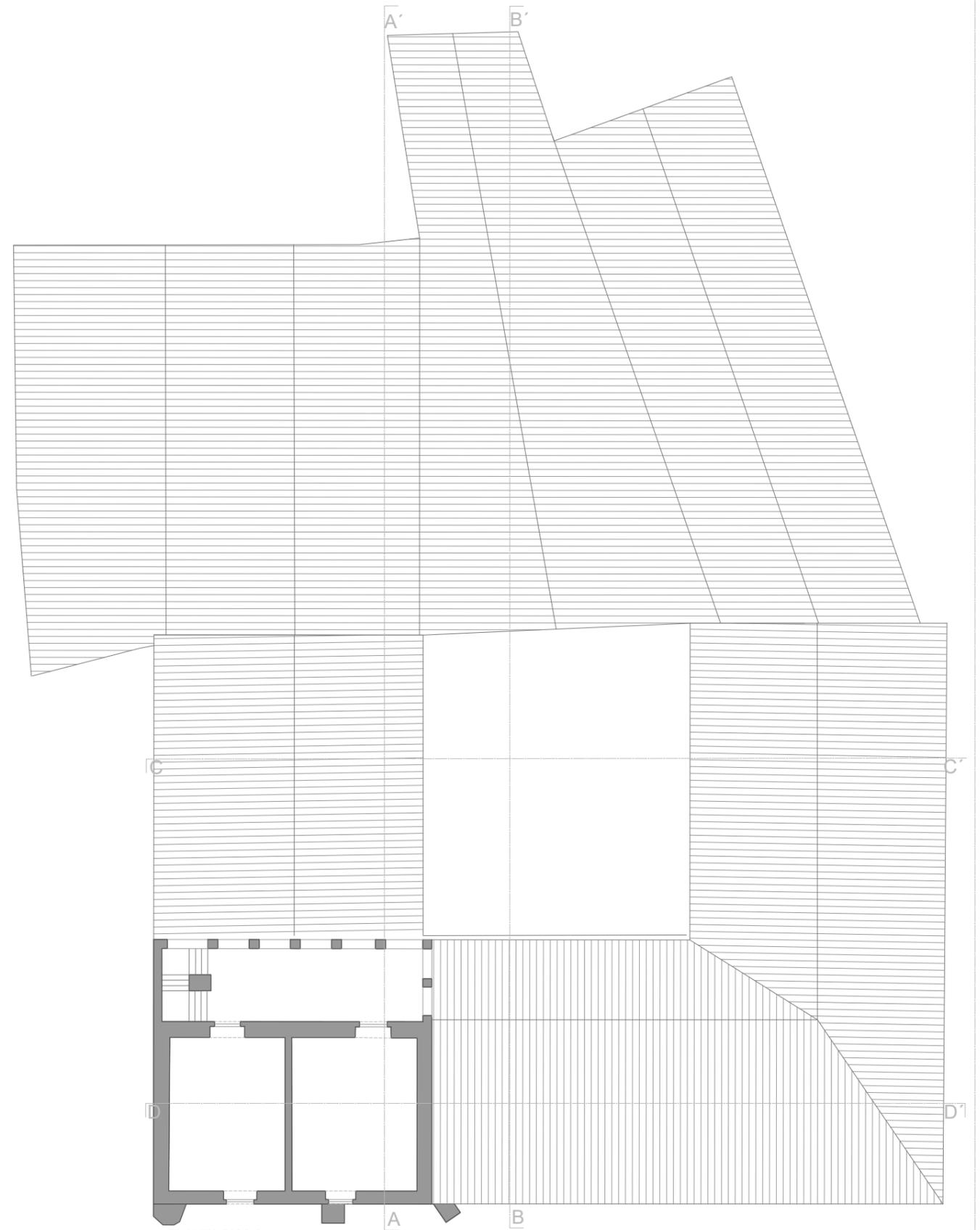




*Levantamento Pombalino 1779*  
*Escala 1/200*  
*Folha 4*



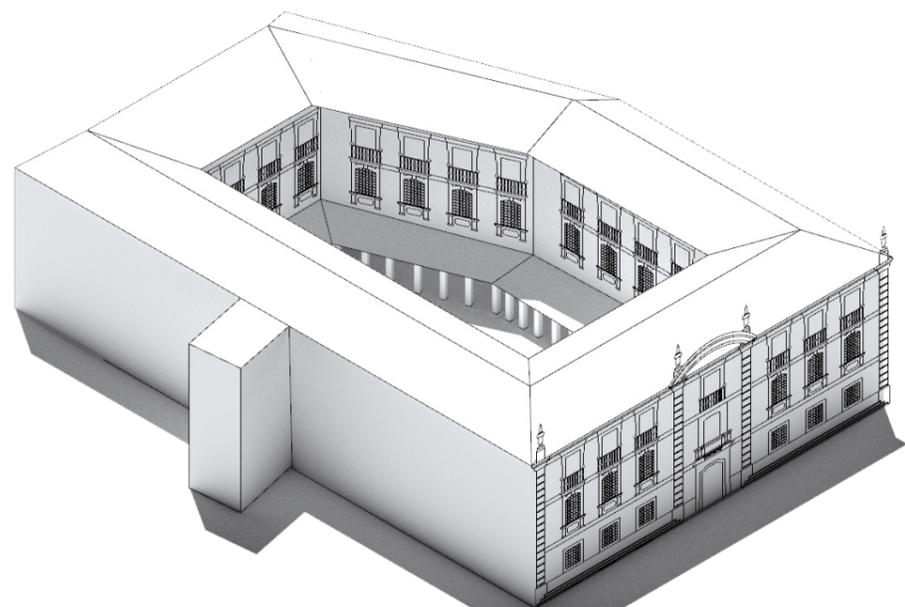
PLANTA PISO 2

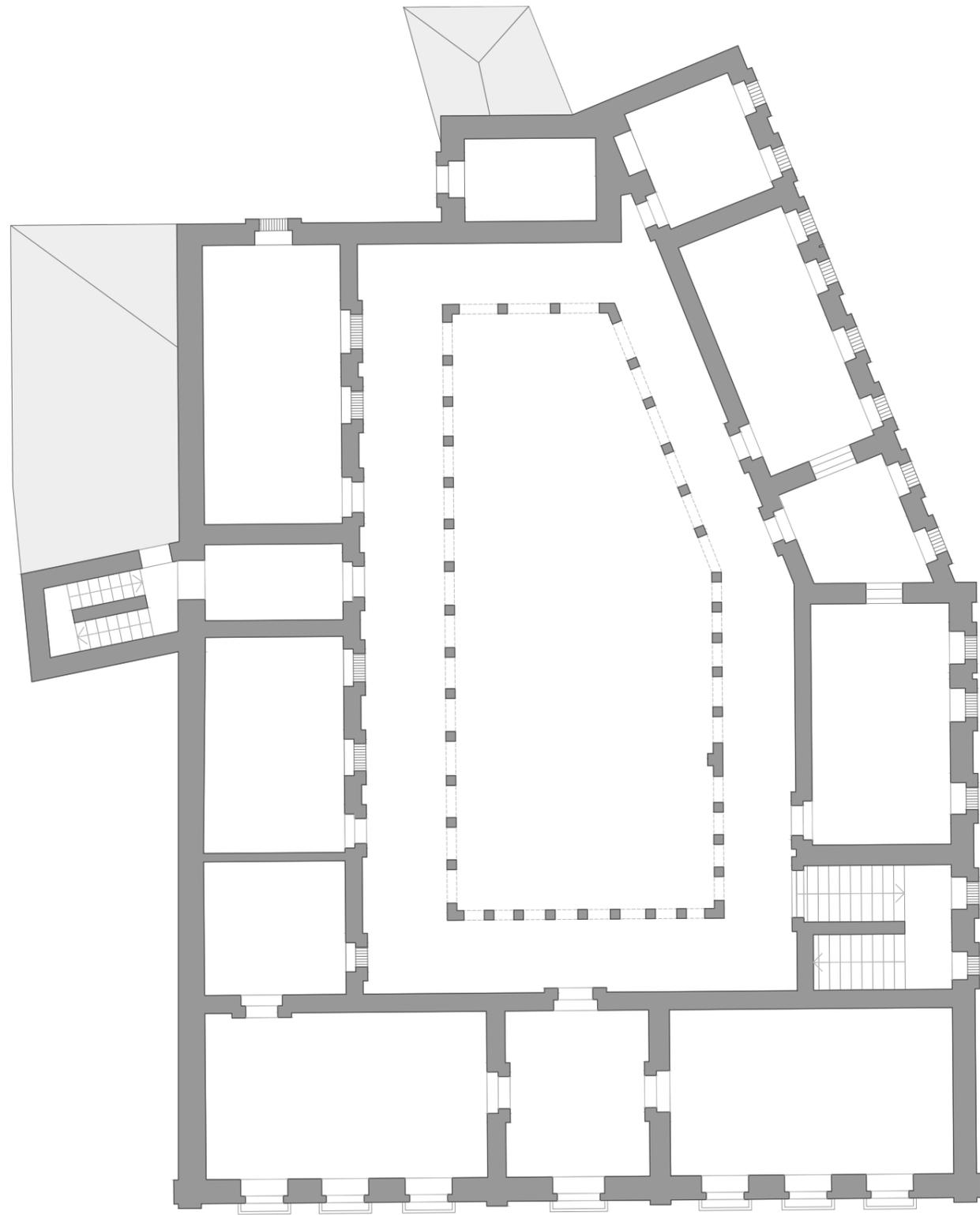


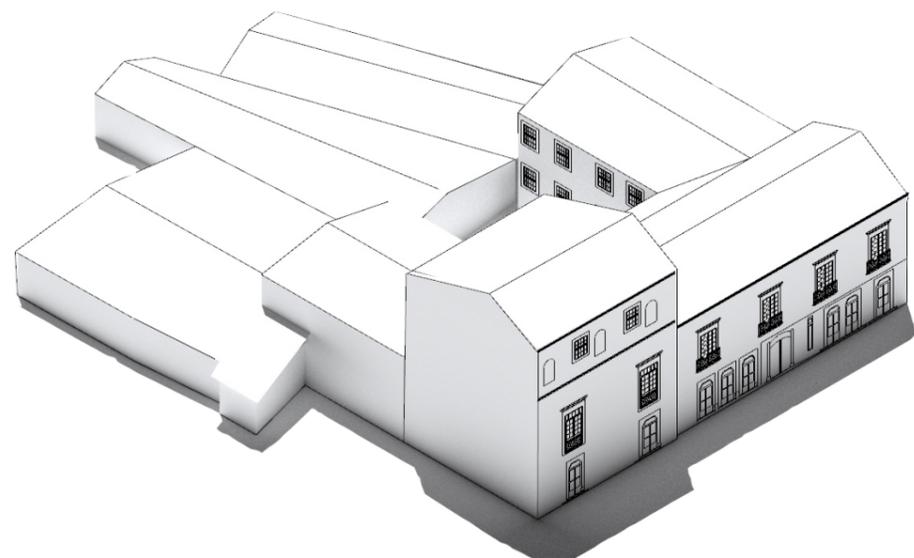
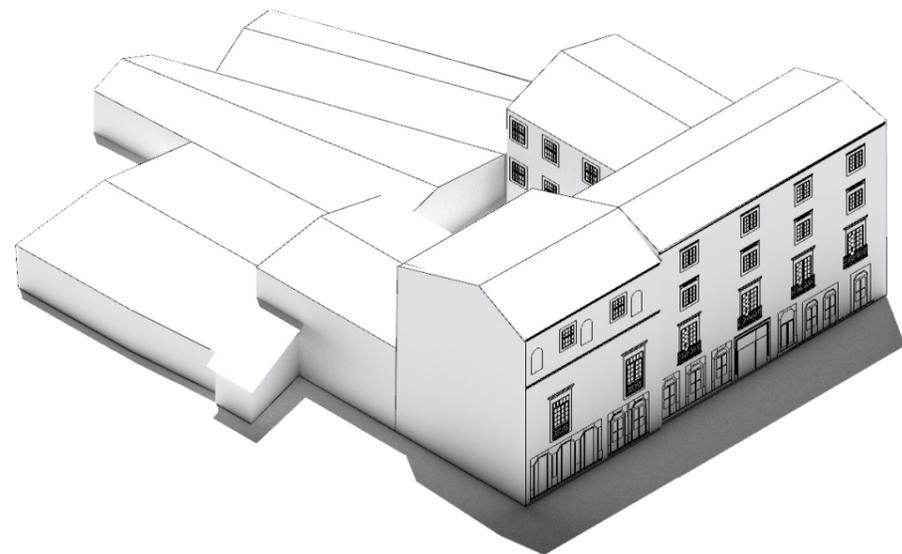
PLANTA PISO 3



*Projeto Pombalino 1779*  
*Escala 1/200*  
*Folha 5*







*Décadas de 1930-1940*  
*Escala 1/200*  
*Folha 6*



ALÇADO EM 1930



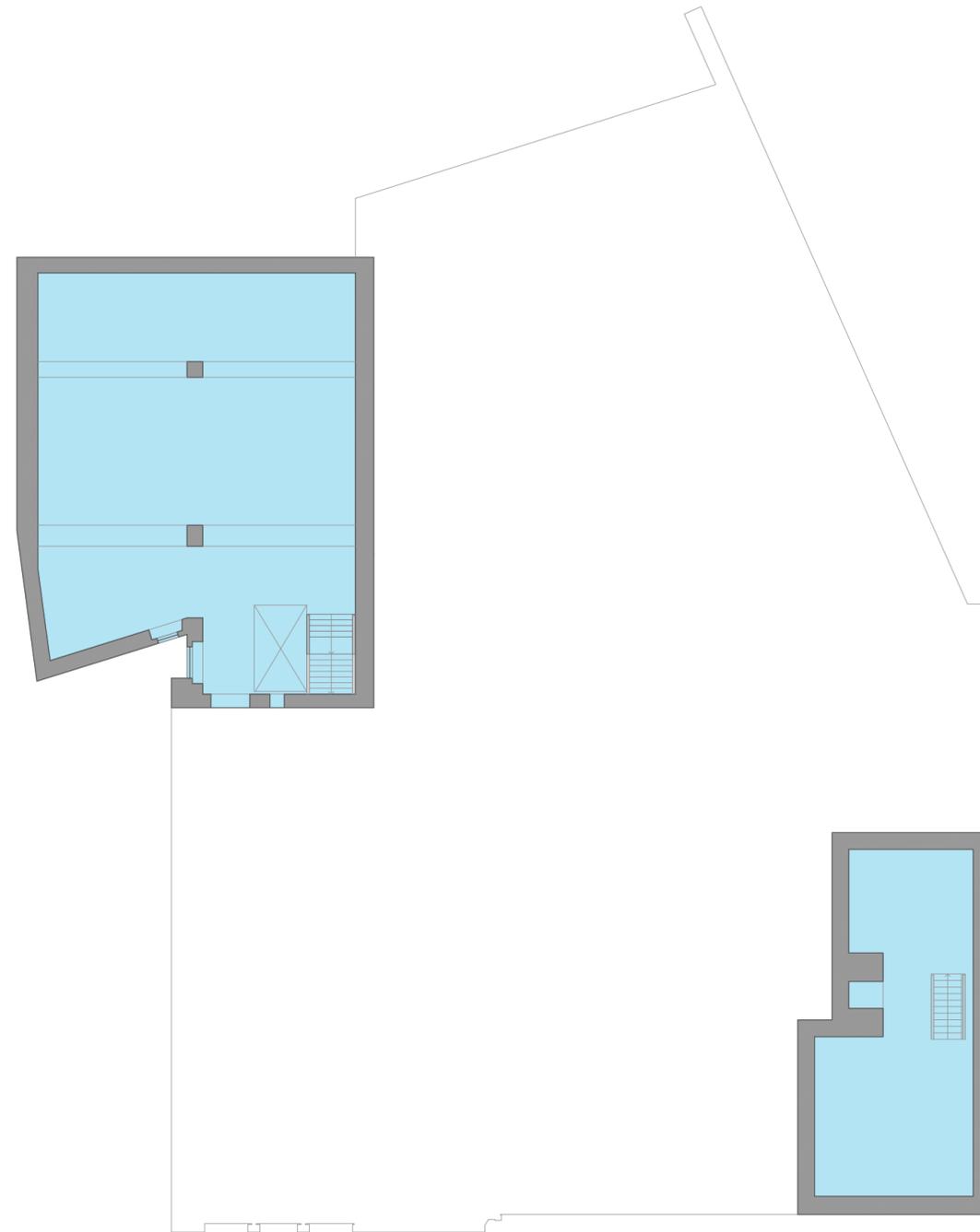
ALÇADO EM 1940



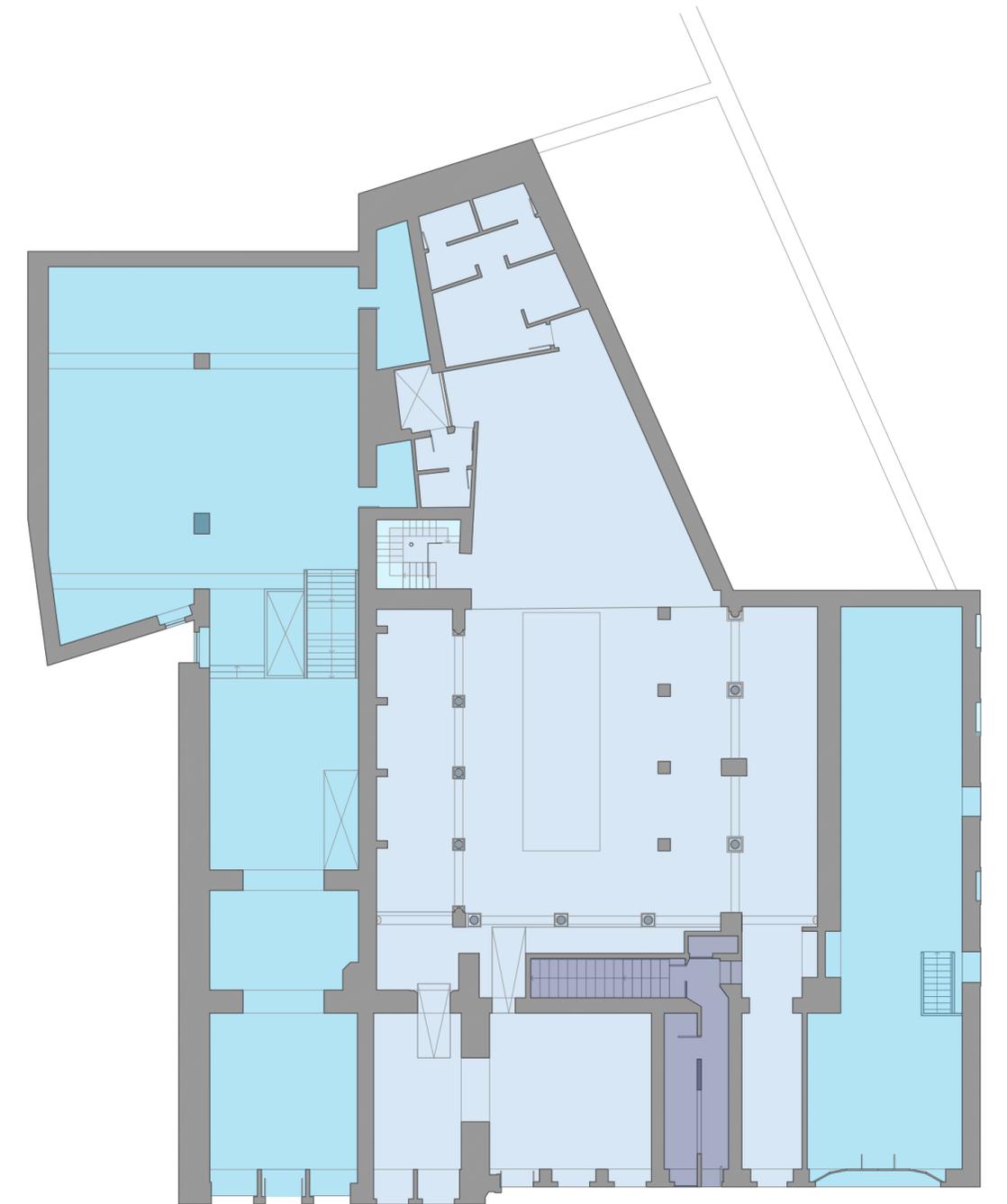
*Hospital Atualmente*  
*Escala 1/200*  
*Folha 7*



ALÇADO ATUAL. ESCALA 1/200.



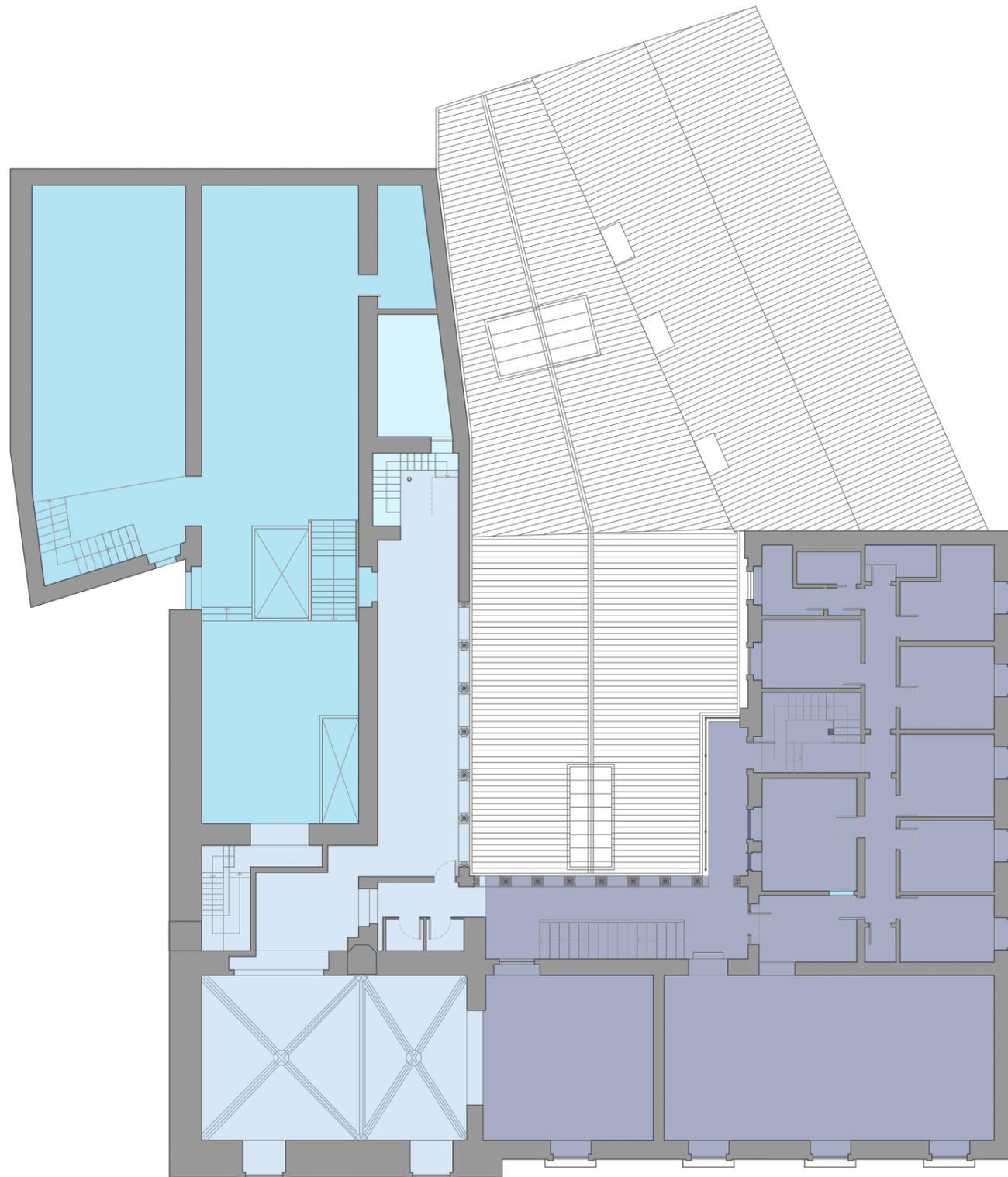
PLANTA PISO -1



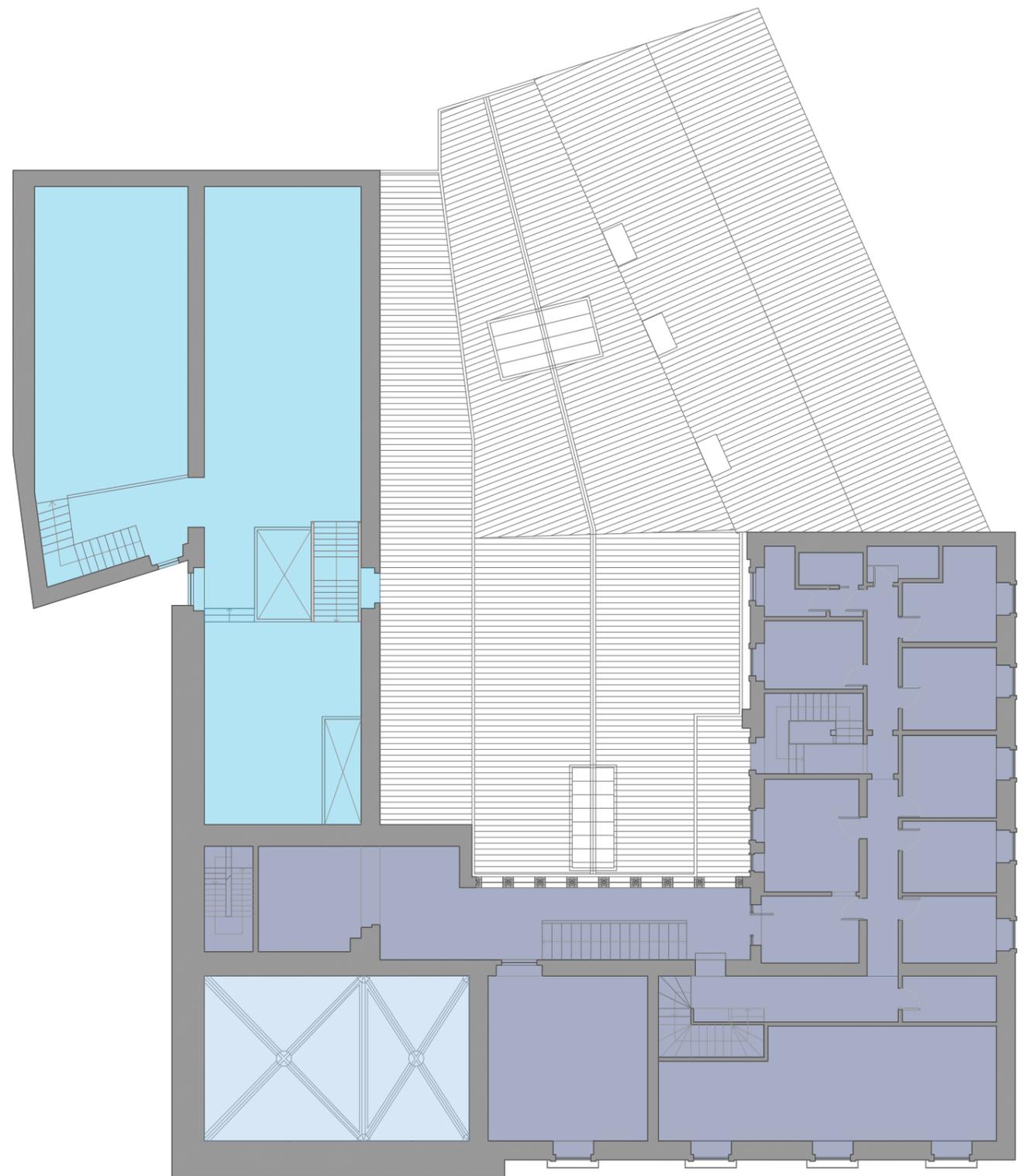
PLANTA PISO 0



*Hospital Atualmente*  
*Escala 1/200*  
*Folha 8*

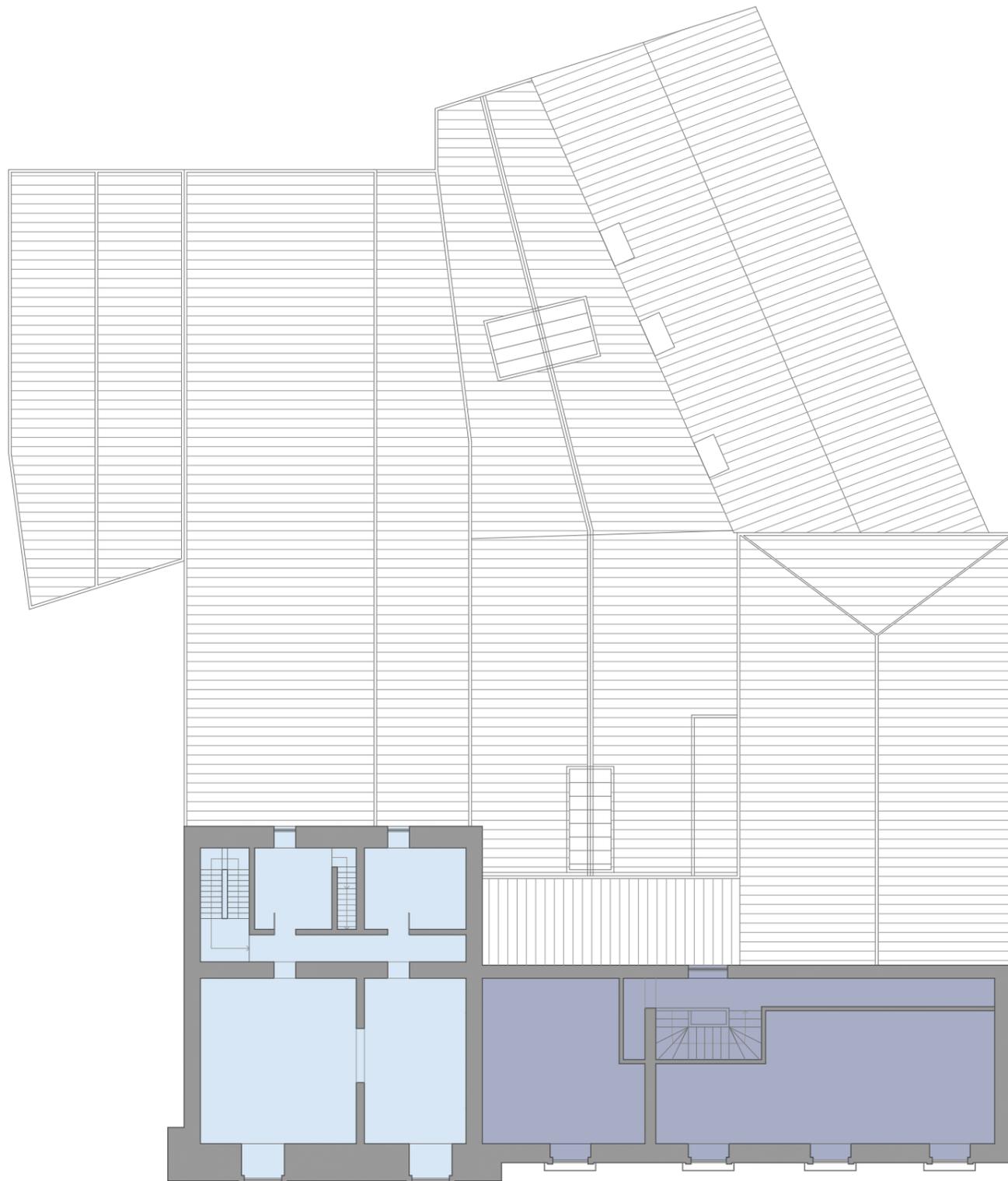


PLANTA PISO 1

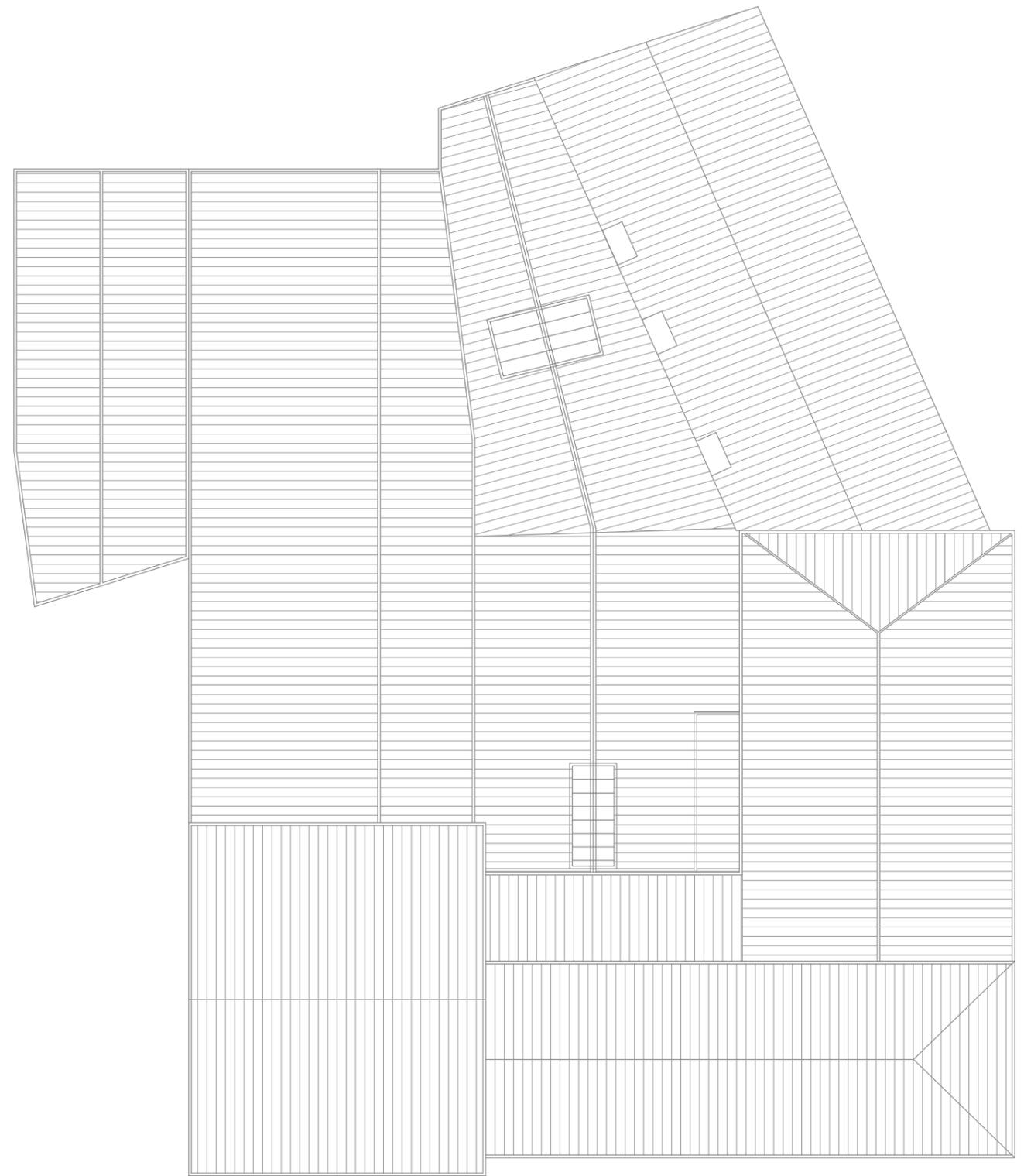


PLANTA PISO 2





PLANTA PISO 3



PLANTA COBERTURA

LOJA CHINESA

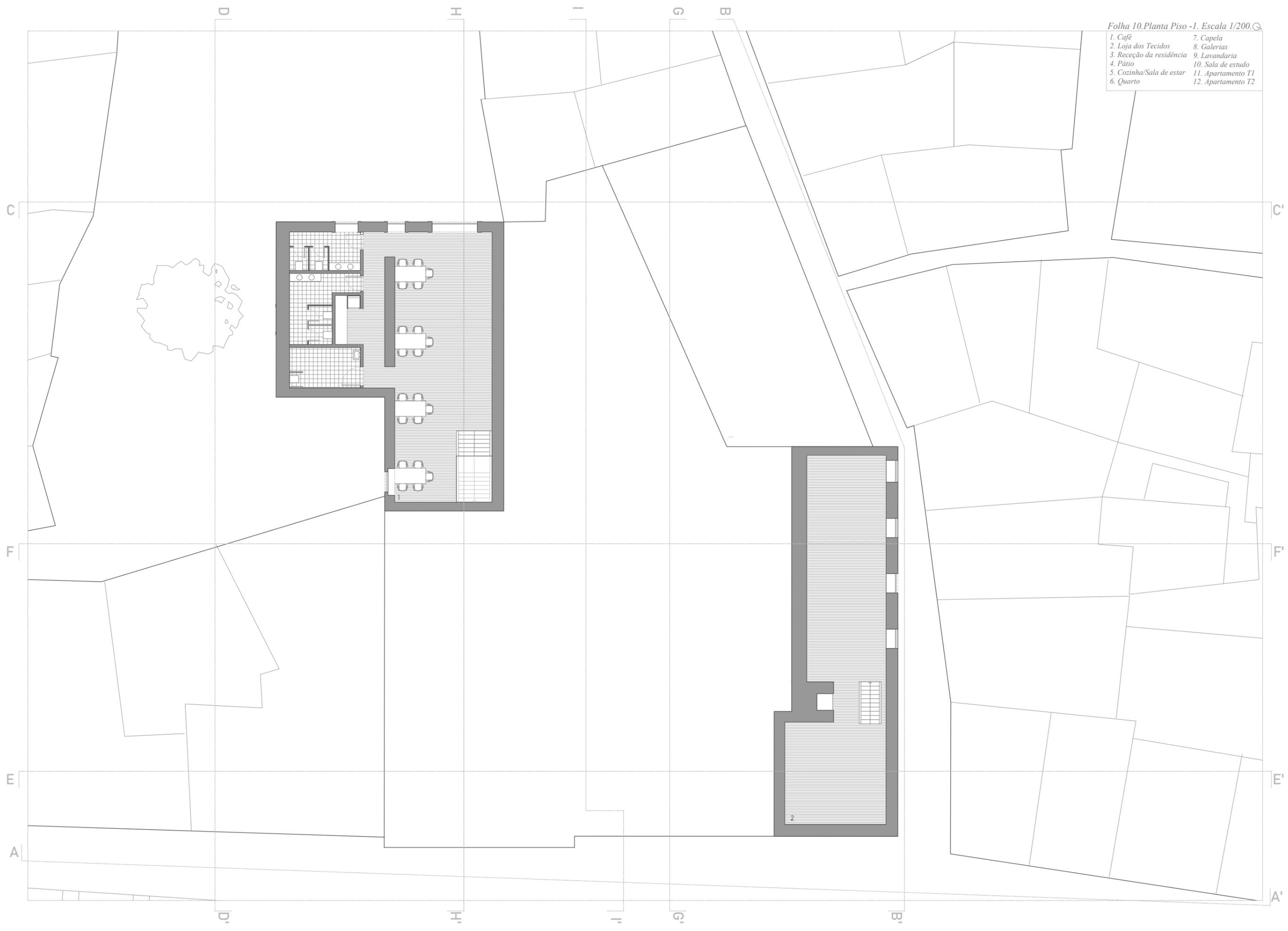
RESIDÊNCIA

LOJA DOS TECIDOS



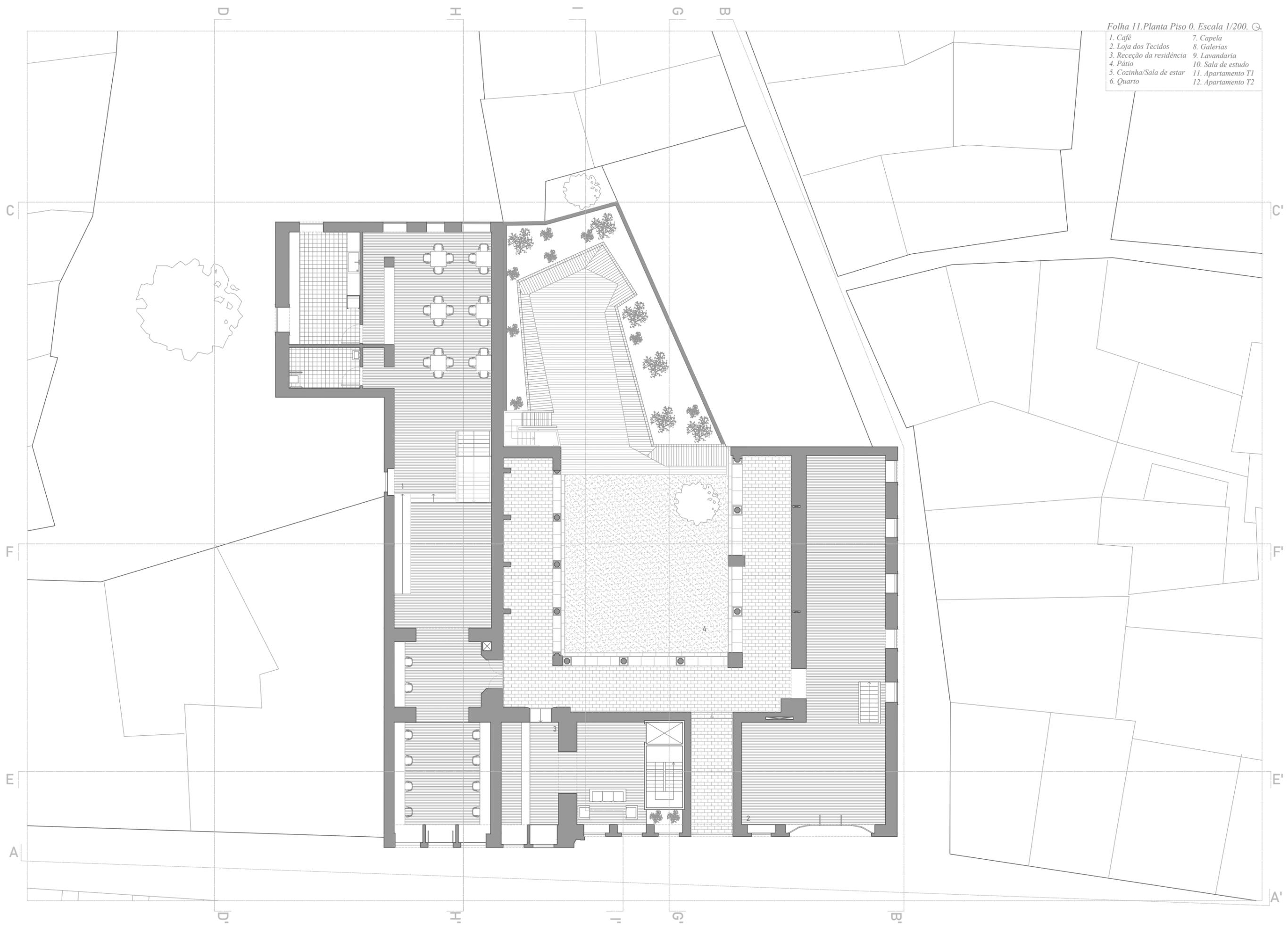
*Planta Piso -1*  
*Escala 1/200*  
*Folha 10*

- |                           |                    |
|---------------------------|--------------------|
| 1. Café                   | 7. Capela          |
| 2. Loja dos Tecidos       | 8. Galerias        |
| 3. Recepção da residência | 9. Lavandaria      |
| 4. Pátio                  | 10. Sala de estudo |
| 5. Cozinha/Sala de estar  | 11. Apartamento T1 |
| 6. Quarto                 | 12. Apartamento T2 |



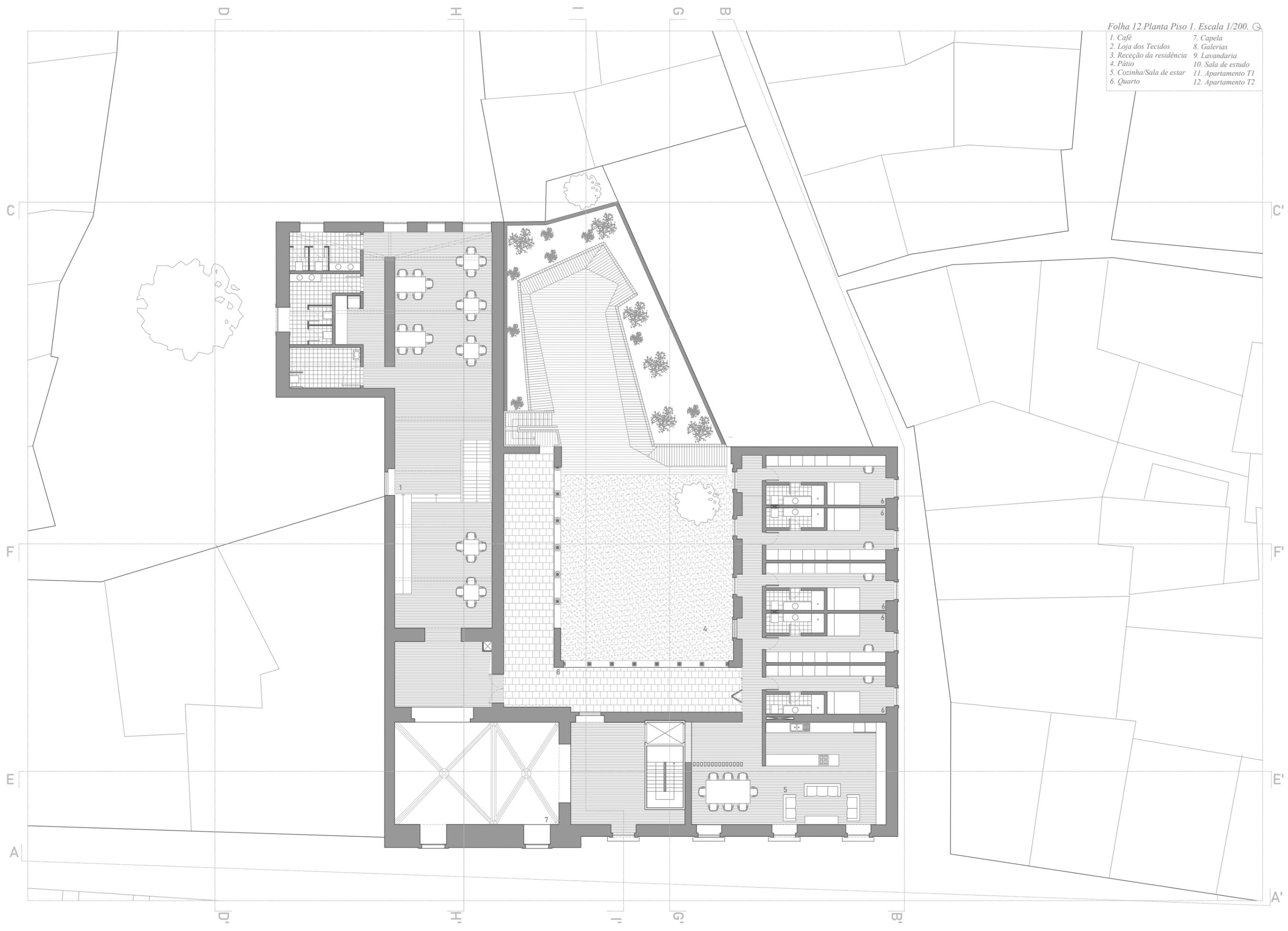
*Planta Piso 0*  
*Escala 1/200*  
*Folha 11*

- |                           |                    |
|---------------------------|--------------------|
| 1. Café                   | 7. Capela          |
| 2. Loja dos Tecidos       | 8. Galerias        |
| 3. Recepção da residência | 9. Lavandaria      |
| 4. Pátio                  | 10. Sala de estudo |
| 5. Cozinha/Sala de estar  | 11. Apartamento T1 |
| 6. Quarto                 | 12. Apartamento T2 |



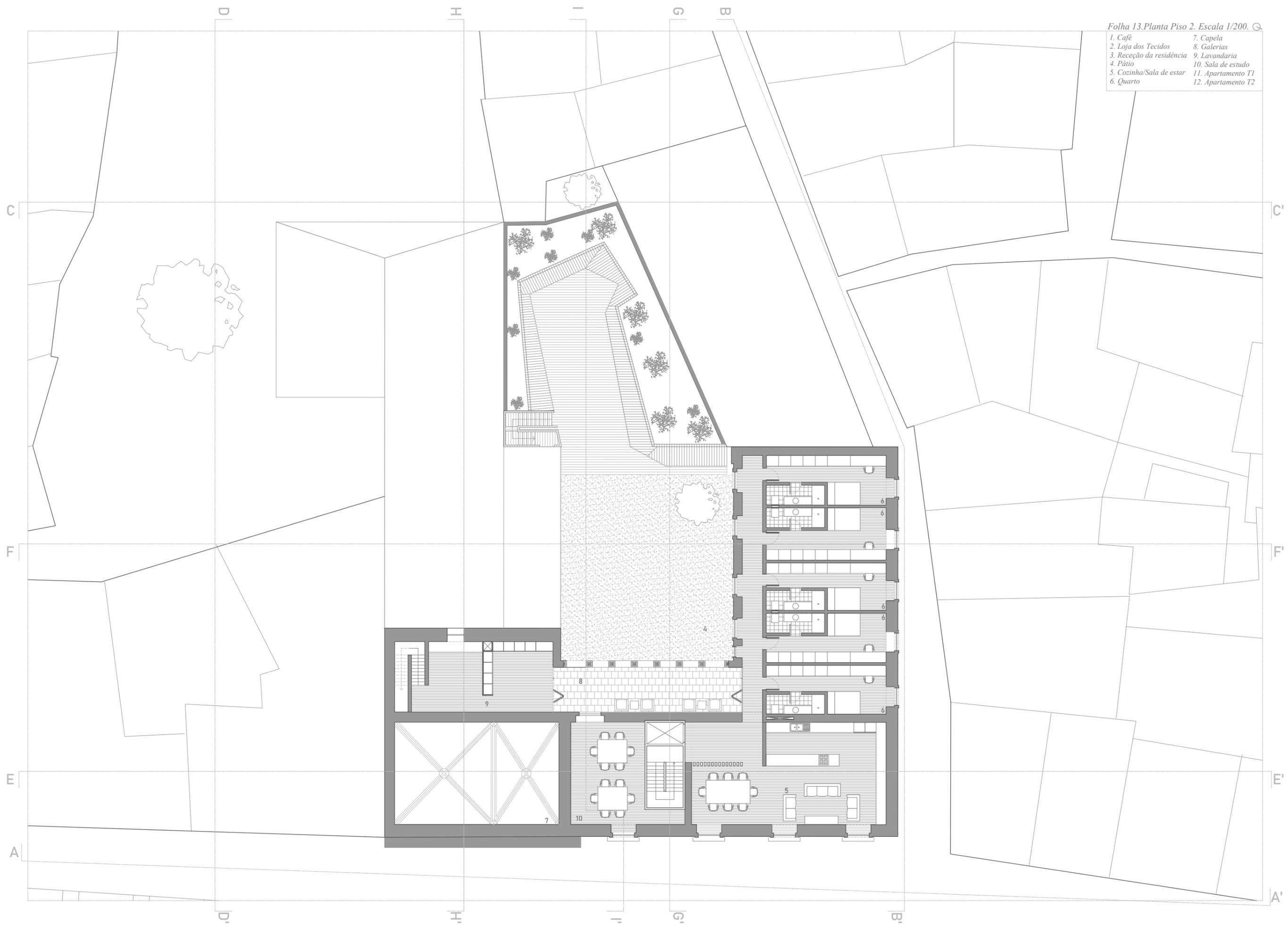
*Planta Piso 1*  
*Escala 1/200*  
*Folha 12*

- |                           |                    |
|---------------------------|--------------------|
| 1. Café                   | 7. Capela          |
| 2. Loja dos Tecidos       | 8. Galerias        |
| 3. Recepção da residência | 9. Lavandaria      |
| 4. Pátio                  | 10. Sala de estudo |
| 5. Cozinha/Sala de estar  | 11. Apartamento T1 |
| 6. Quarto                 | 12. Apartamento T2 |



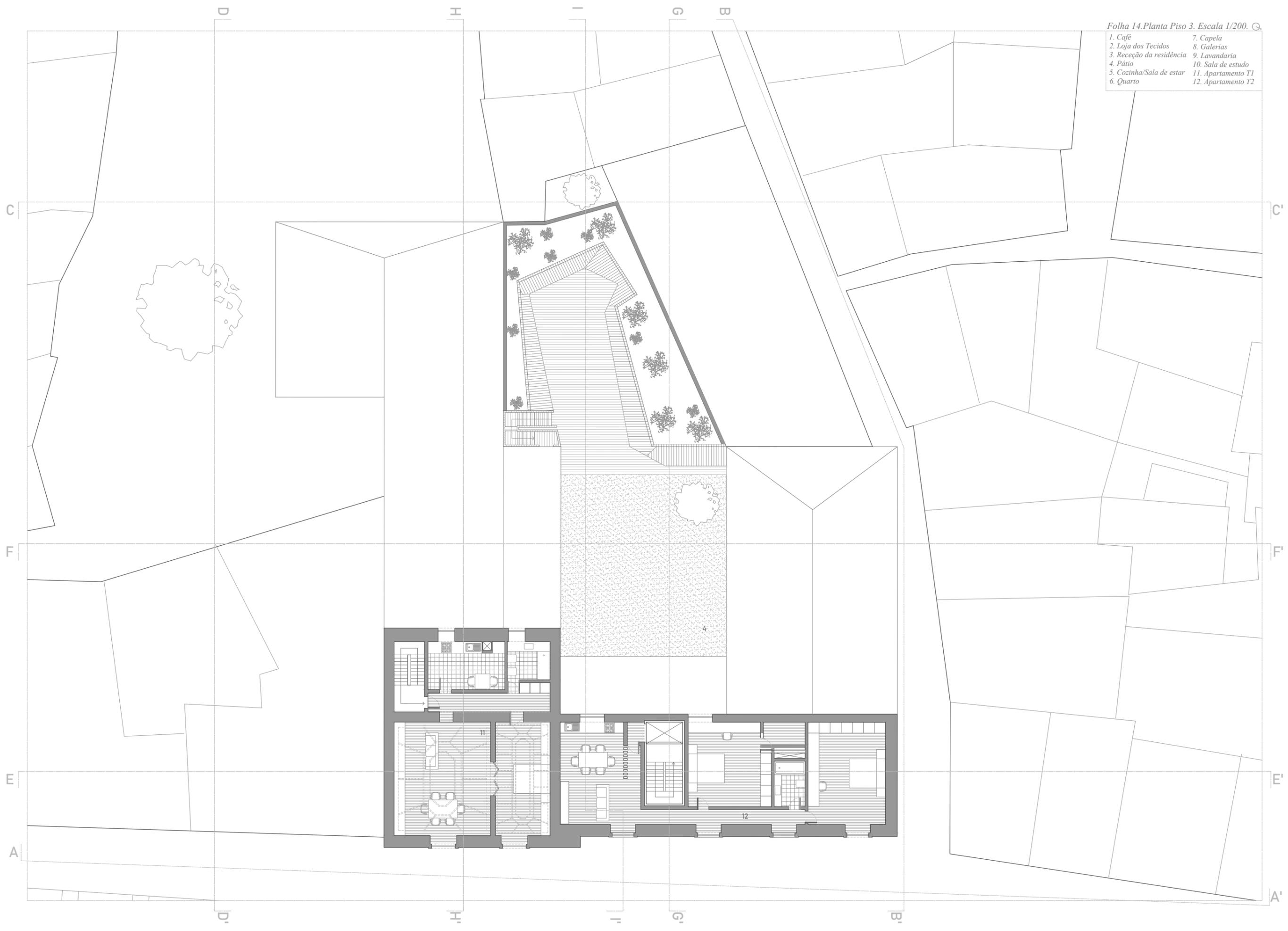
*Planta Piso 2*  
*Escala 1/200*  
*Folha 13*

- |                           |                    |
|---------------------------|--------------------|
| 1. Café                   | 7. Capela          |
| 2. Loja dos Tecidos       | 8. Galerias        |
| 3. Recepção da residência | 9. Lavandaria      |
| 4. Pátio                  | 10. Sala de estudo |
| 5. Cozinha/Sala de estar  | 11. Apartamento T1 |
| 6. Quarto                 | 12. Apartamento T2 |



*Planta Piso 3*  
*Escala 1/200*  
*Folha 14*

- |                           |                    |
|---------------------------|--------------------|
| 1. Café                   | 7. Capela          |
| 2. Loja dos Tecidos       | 8. Galerias        |
| 3. Recepção da residência | 9. Lavandaria      |
| 4. Pátio                  | 10. Sala de estudo |
| 5. Cozinha/Sala de estar  | 11. Apartamento T1 |
| 6. Quarto                 | 12. Apartamento T2 |



*Planta Cobertura*  
*Escala 1/200*  
*Folha 15*

- |                           |                    |
|---------------------------|--------------------|
| 1. Café                   | 7. Capela          |
| 2. Loja dos Tecidos       | 8. Galerias        |
| 3. Recepção da residência | 9. Lavandaria      |
| 4. Pátio                  | 10. Sala de estudo |
| 5. Cozinha/Sala de estar  | 11. Apartamento T1 |
| 6. Quarto                 | 12. Apartamento T2 |



*Alçados*  
*Escala 1/200*  
*Folha 16*

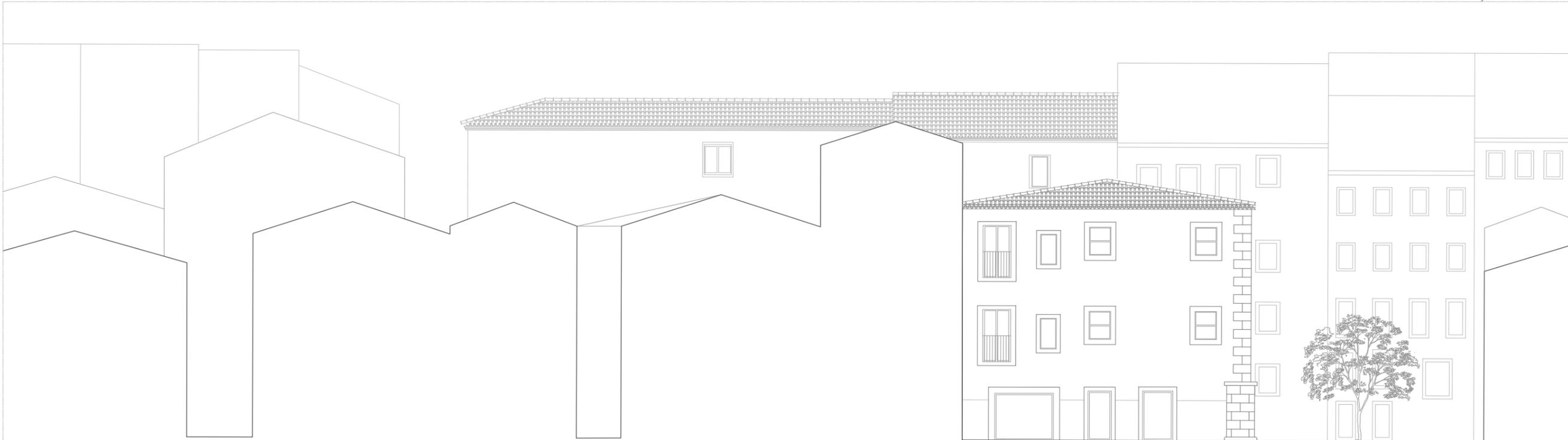


ALÇADO AA'

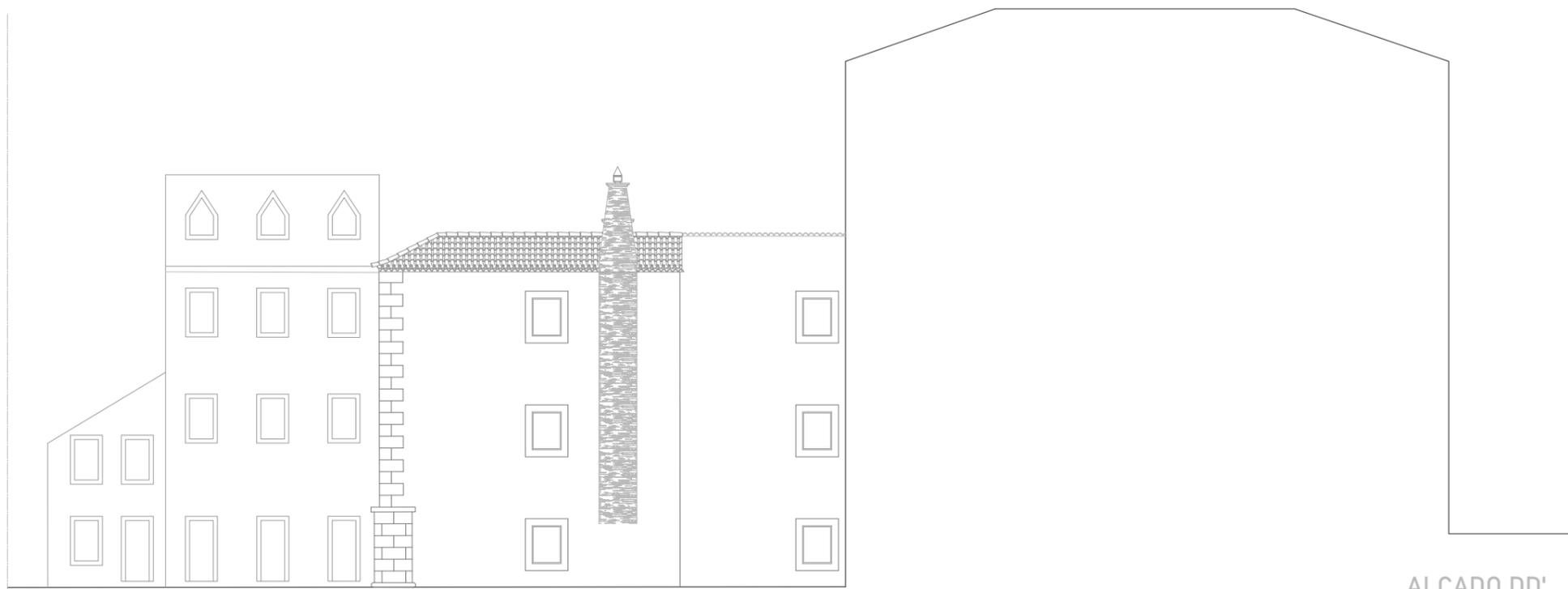


ALÇADO BB'

*Alçados*  
*Escala 1/200*  
*Folha 17*



ALÇADO CC'

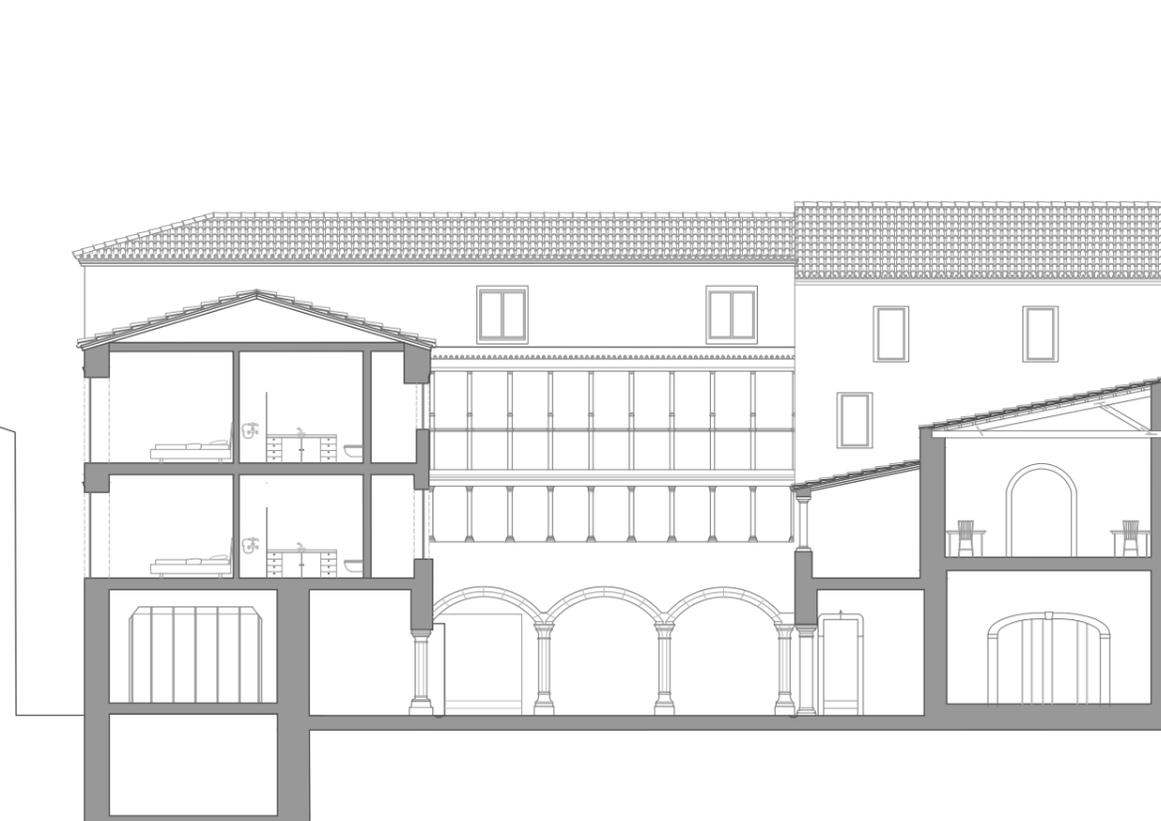


ALÇADO DD'

*Cortes*  
*Escala 1/200*  
*Folha 18*

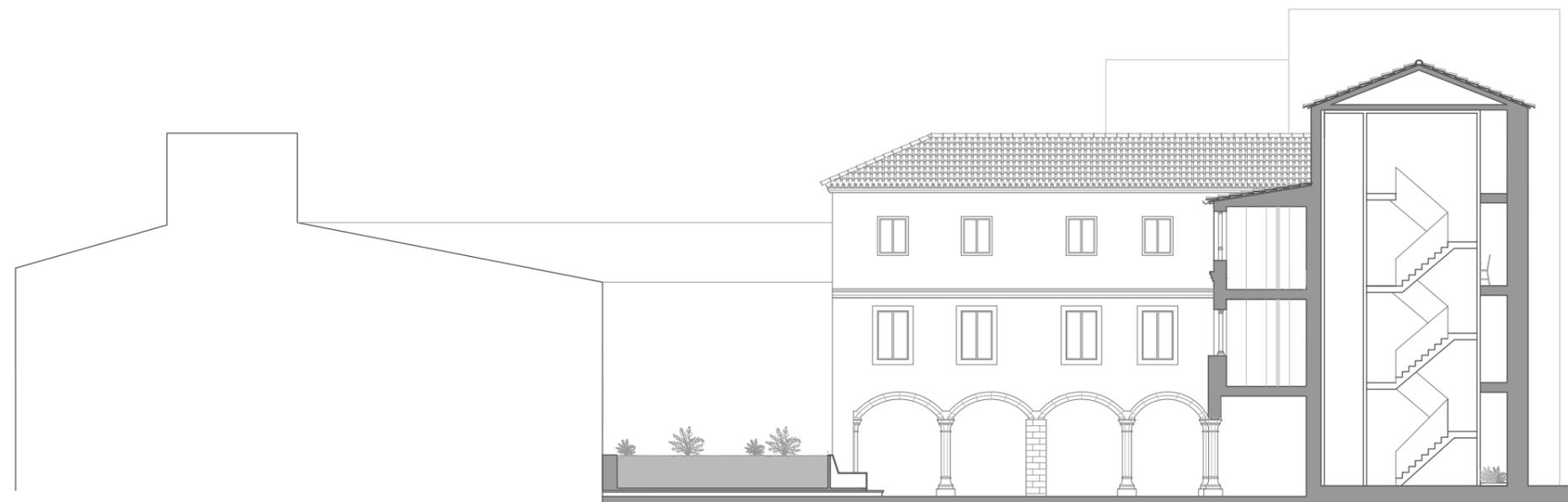


ALÇADO EE'

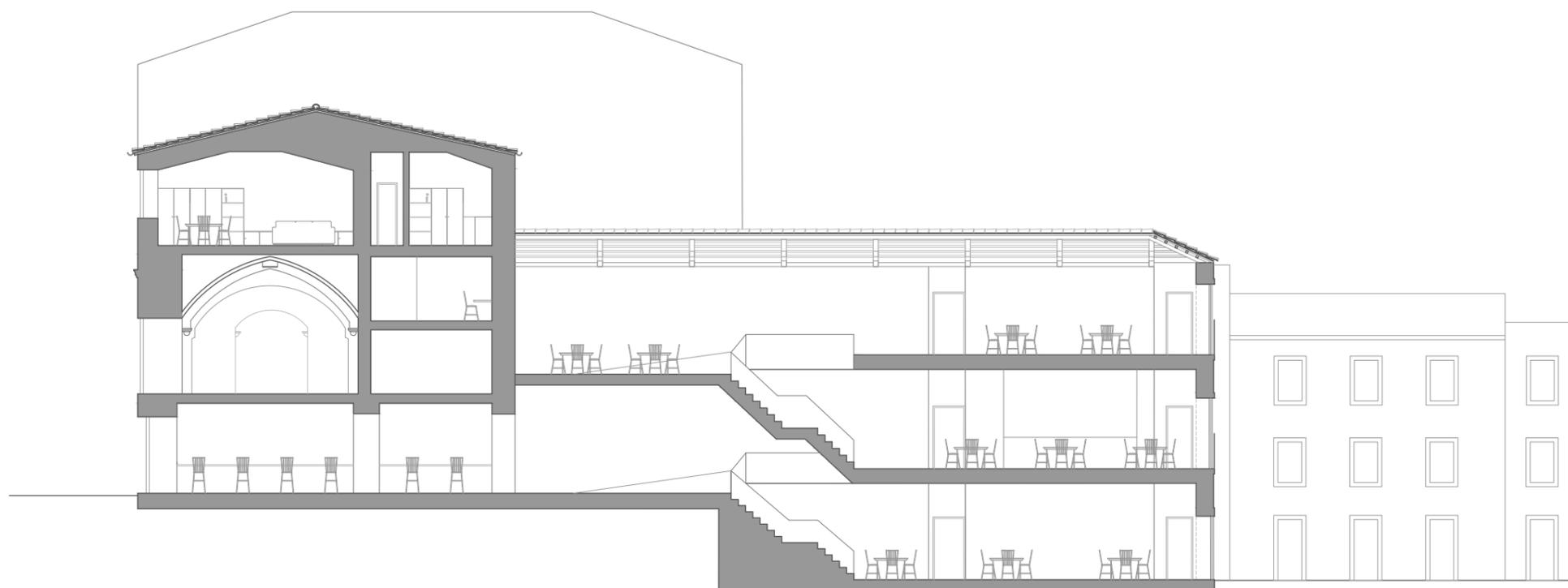


ALÇADO FF'

*Cortes*  
*Escala 1/200*  
*Folha 19*

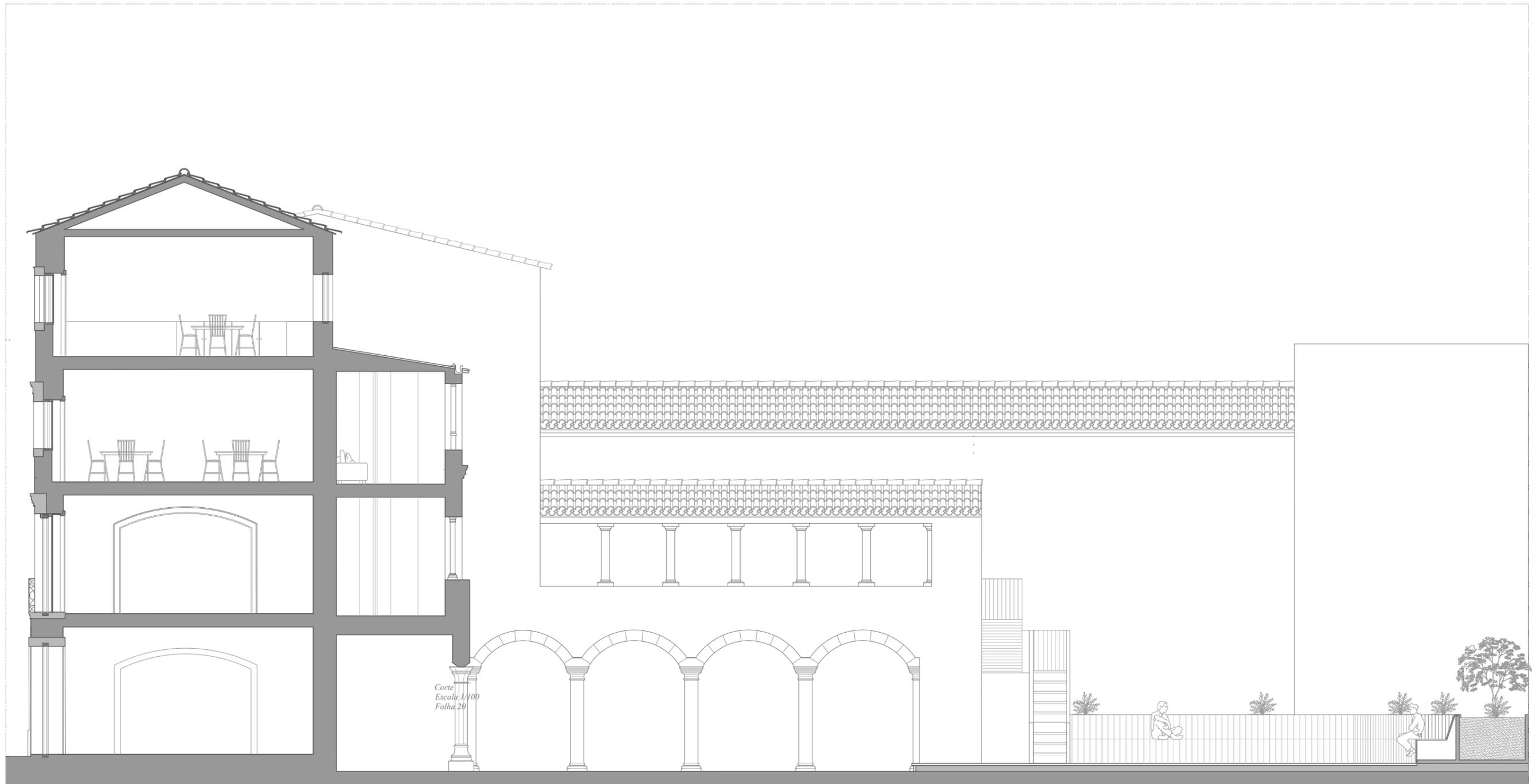


ALÇADO GG'



ALÇADO HH'

*Corte*  
*Escala 1/100*  
*Folha 20*



Corte  
Escala 1/100  
Folha 20

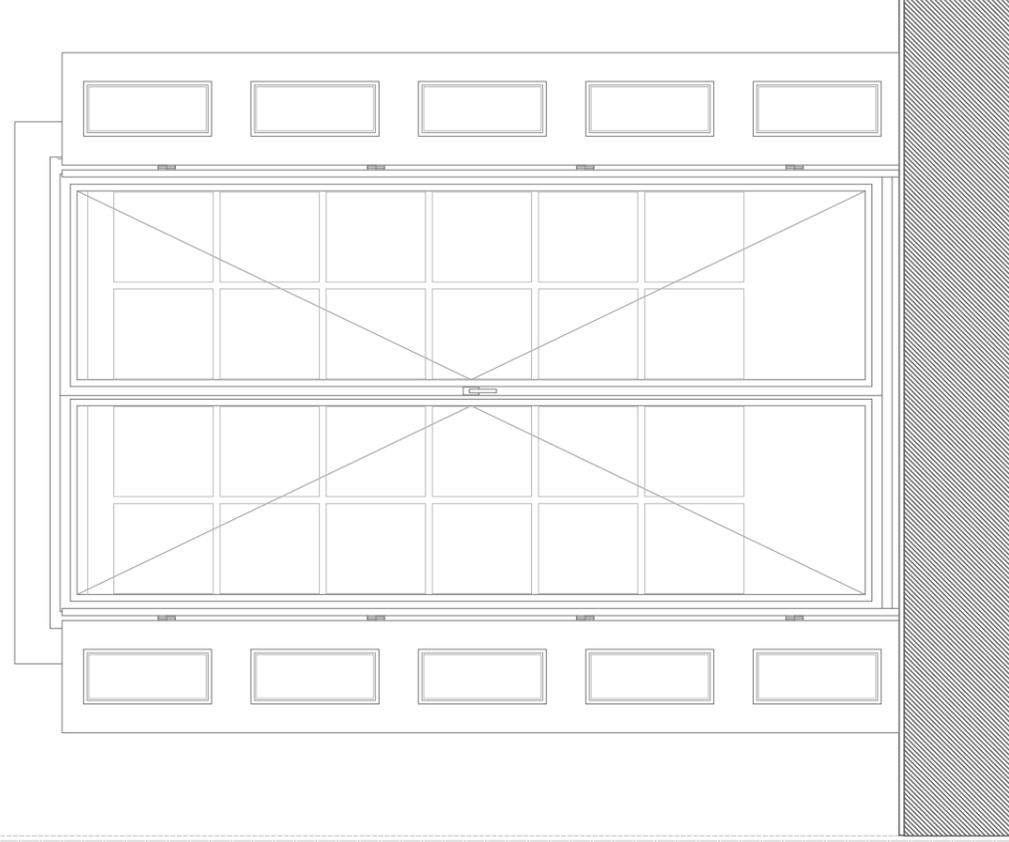
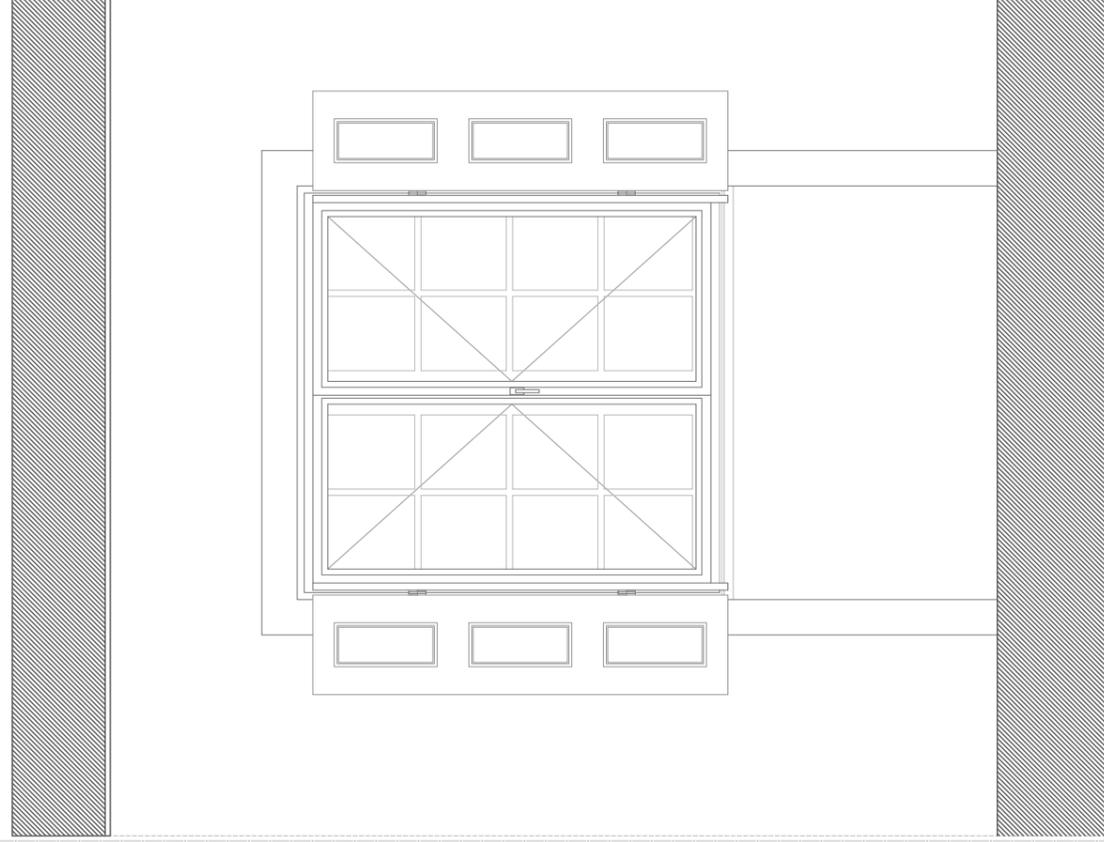
CORTE II'

*Alçado*  
*Escala 1/100*  
*Folha 21*

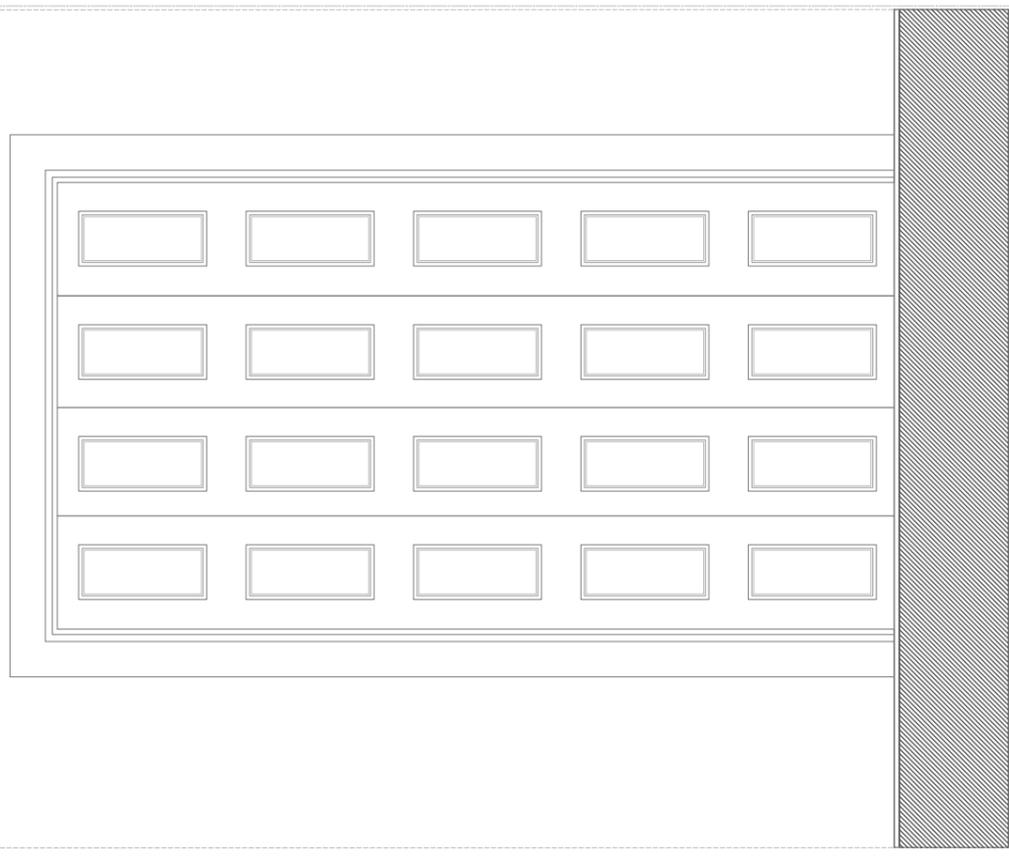
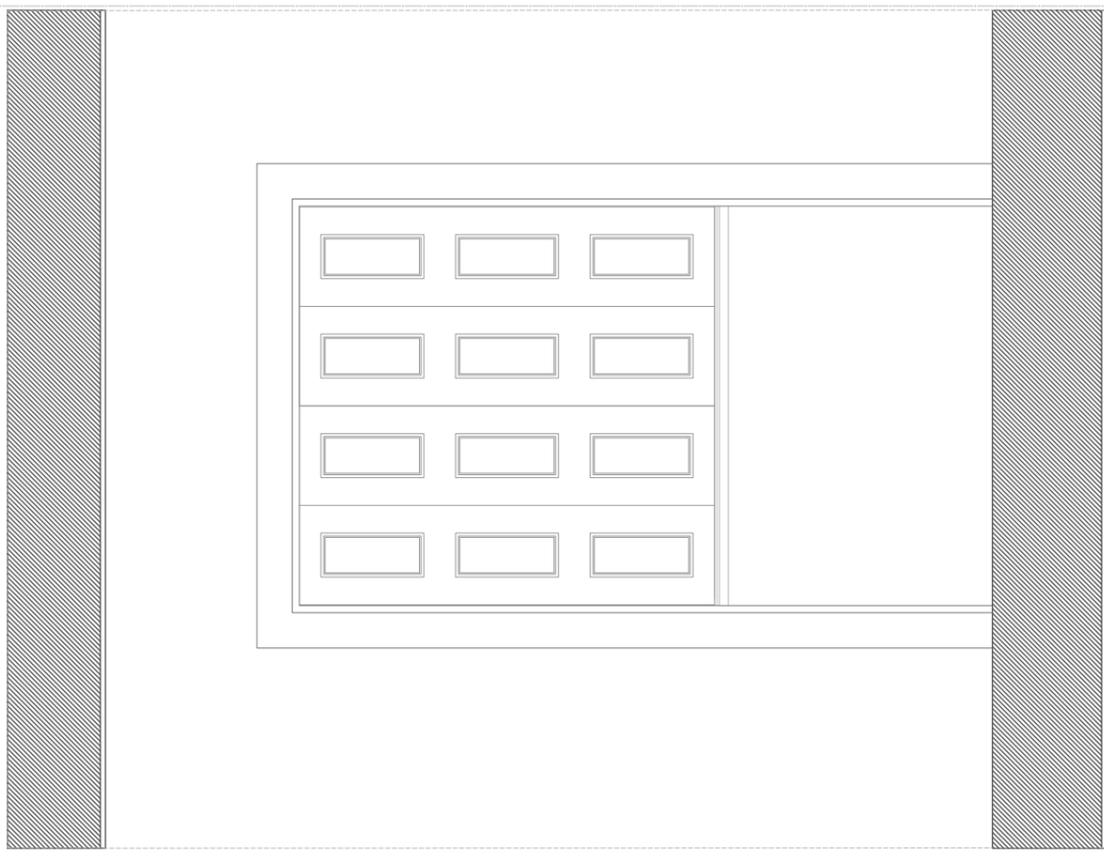


ALÇADO AA' COM CAIXILHOS ORIGINAIS

*Detalhes*  
*Escala 1/20*  
*Folha 22*

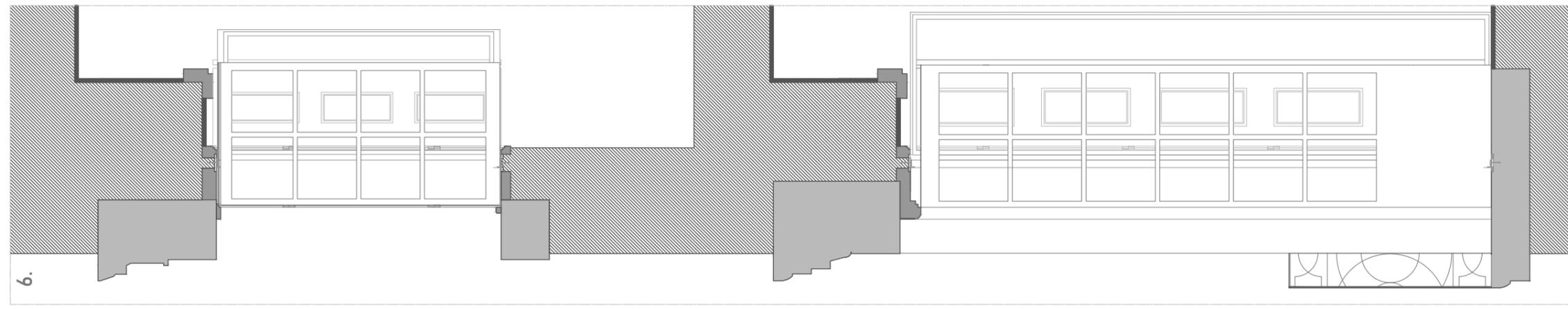
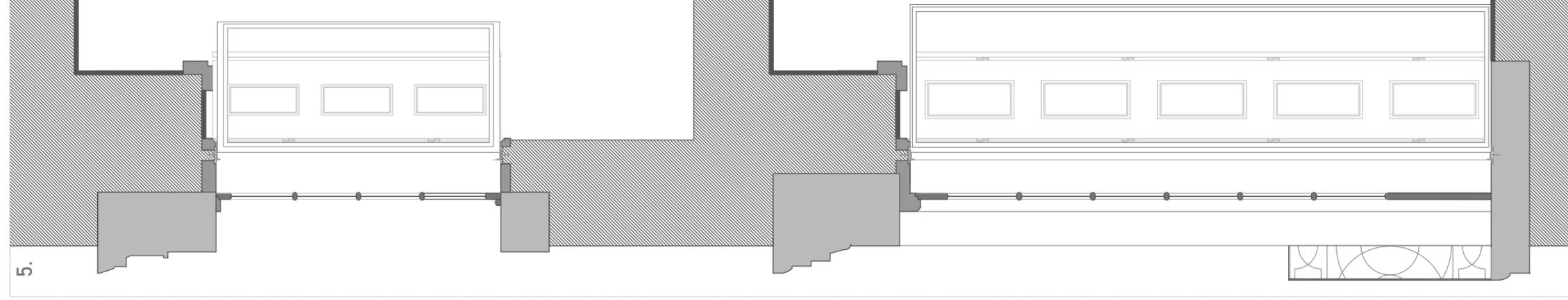
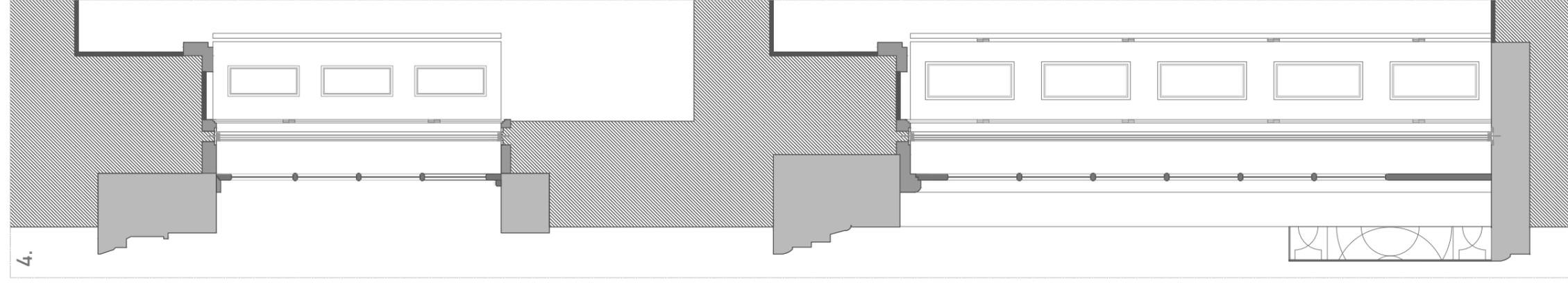
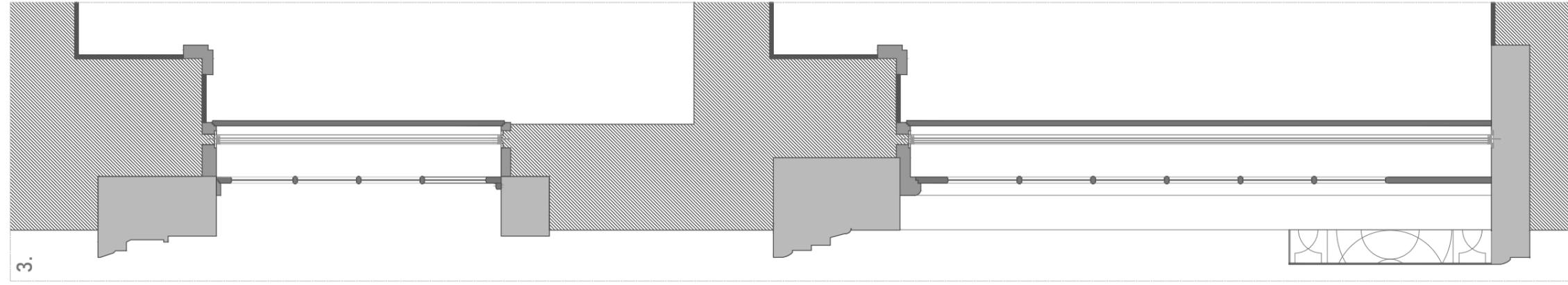


1. Alçado interior com portadas abertas



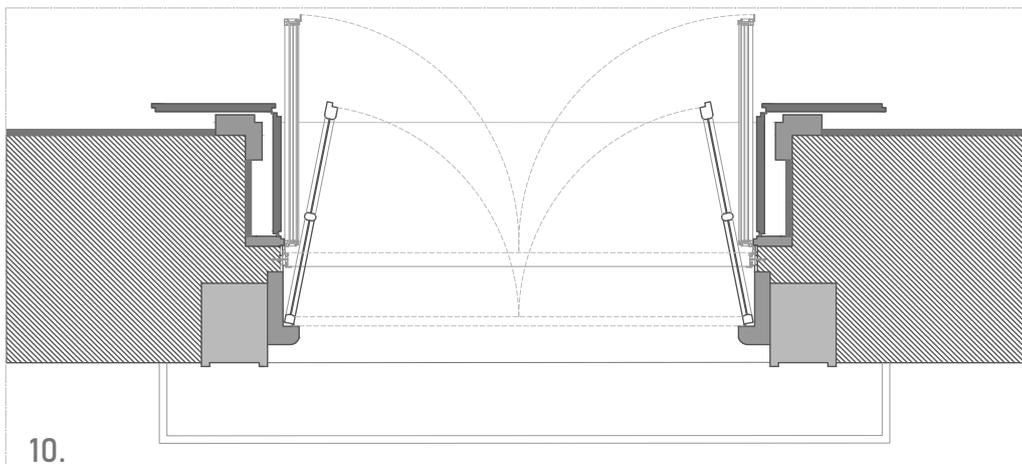
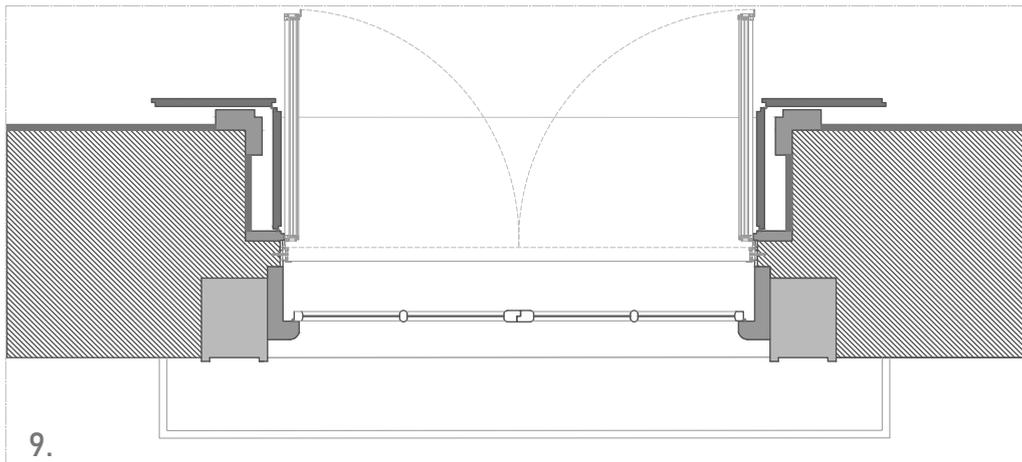
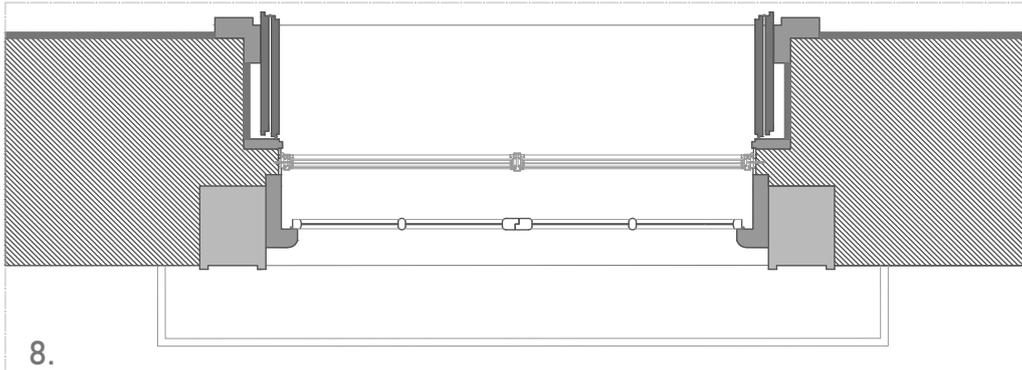
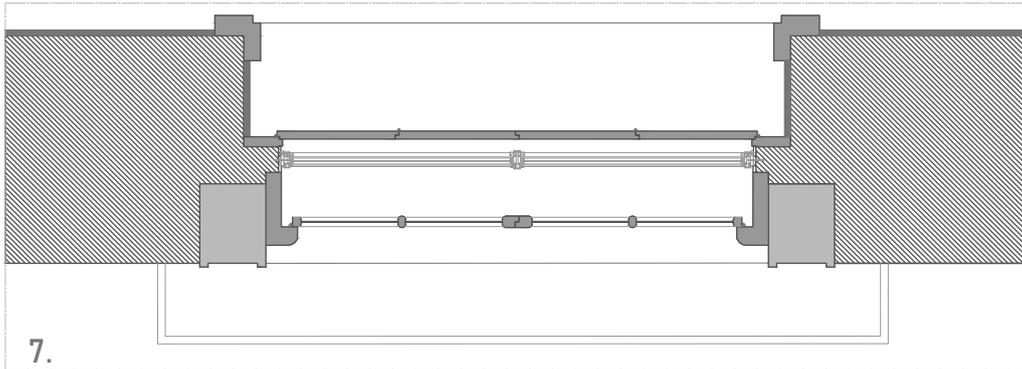
2. Alçado interior com portadas fechadas

*Detalhes*  
*Escala 1/20*  
*Folha 23*



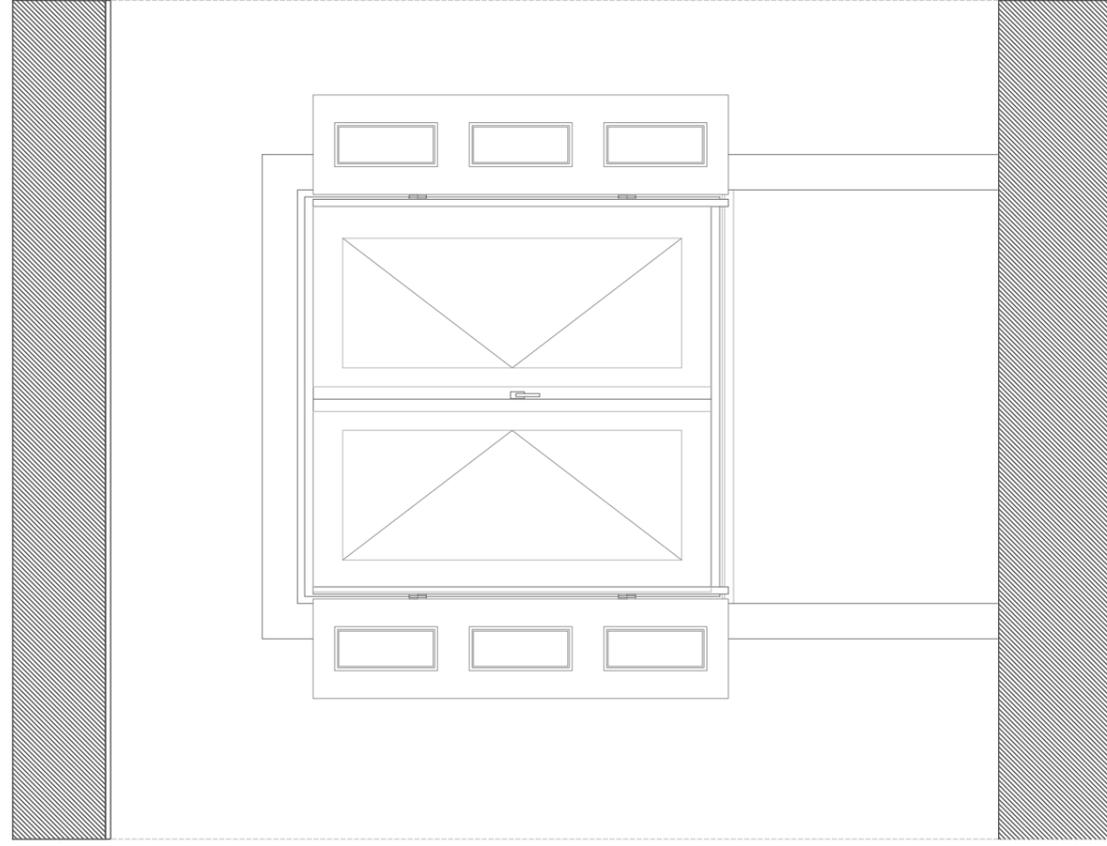
- 3. Corte vertical, portadas fechadas
- 4. Corte vertical, portadas abertas
- 5. Corte vertical, portadas e segunda caixilharia abertas
- 6. Corte vertical, portadas, segundo caixilho e existente abertos

*Detalhes*  
*Escala 1/20*  
*Folha 24*

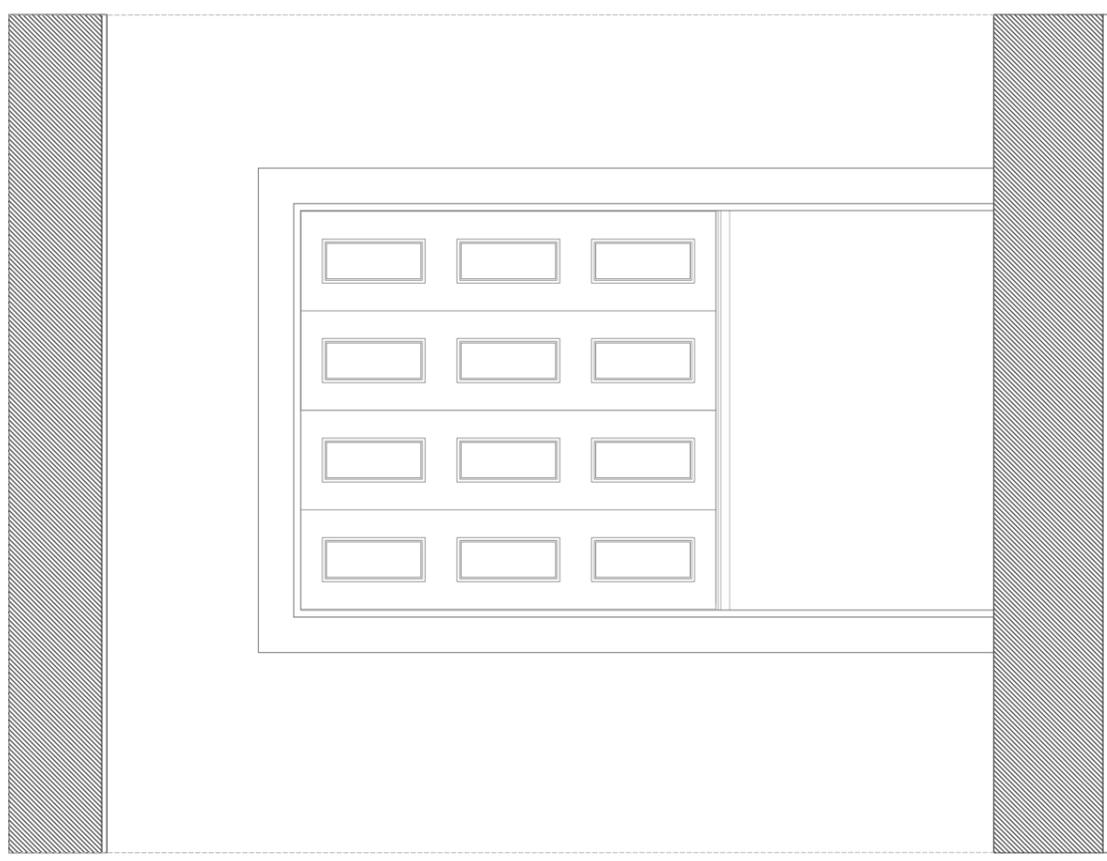


7. Corte horizontal, portadas fechadas
8. Corte horizontal, portadas abertas
9. Corte horizontal, portadas e segunda caixilharia abertas
10. Corte horizontal, portadas, segundo caixilho e existente abertos

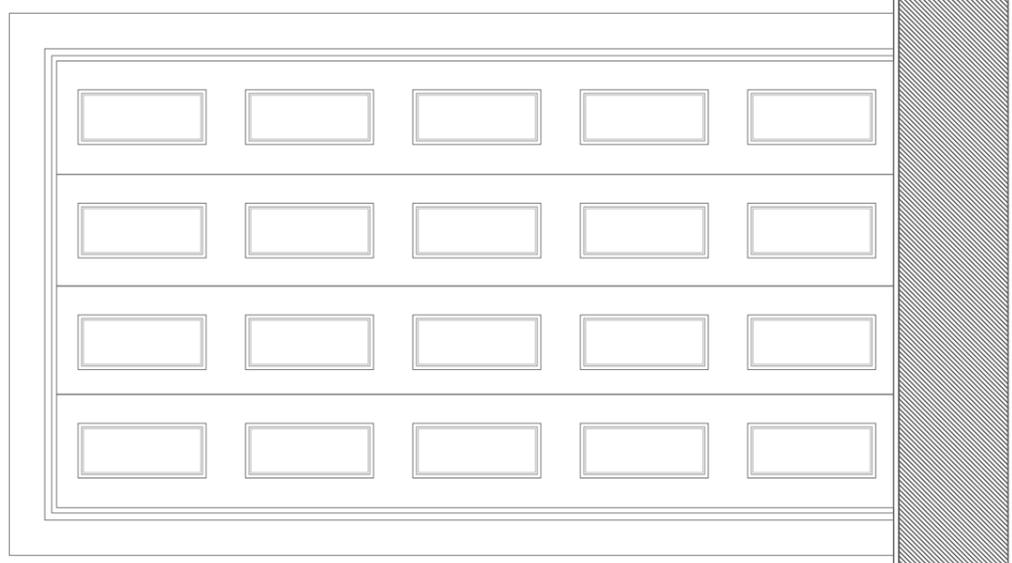
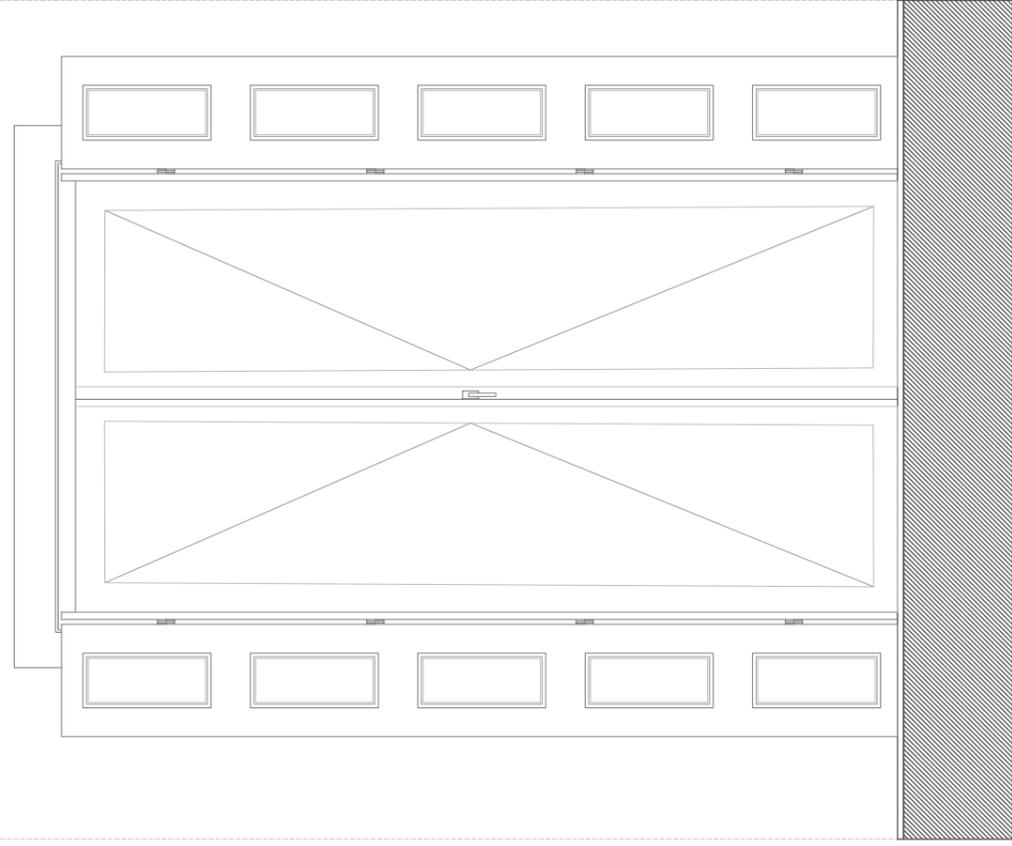
*Detalhes*  
*Escala 1/20*  
*Folha 25*



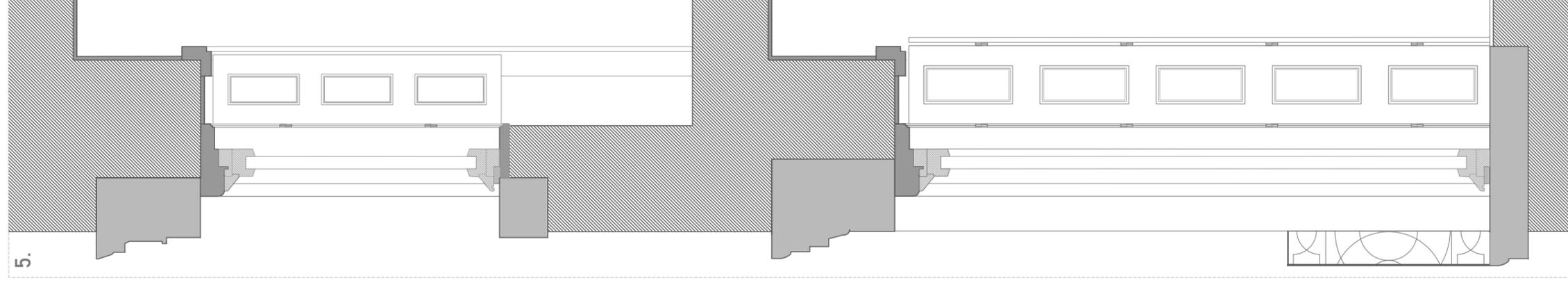
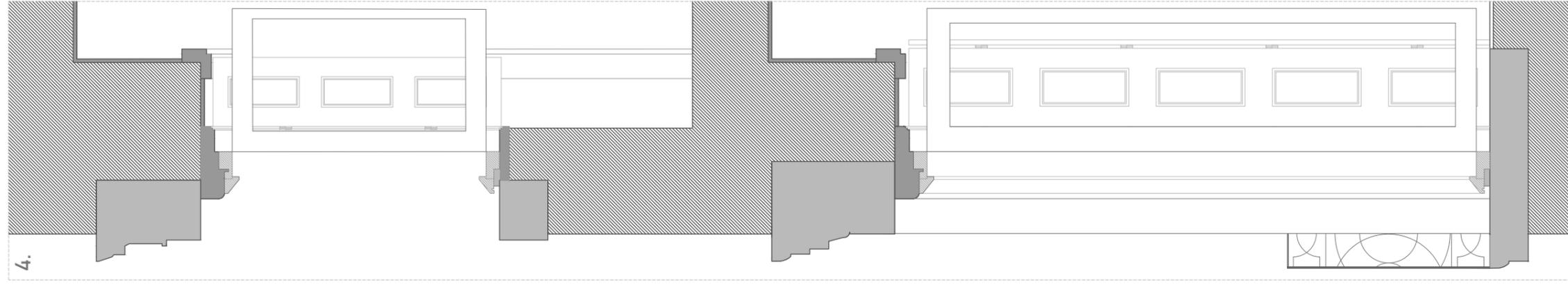
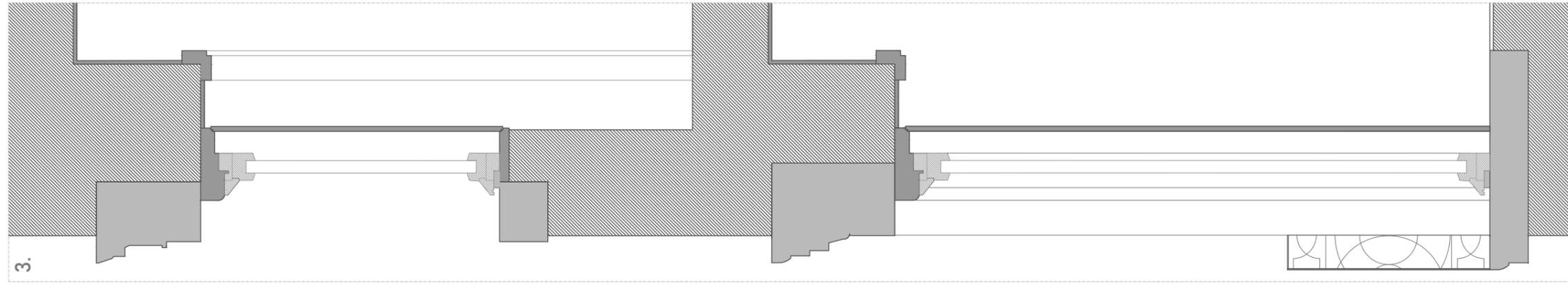
1. Alçado interior com portadas abertas



2. Alçado interior com portadas fechadas

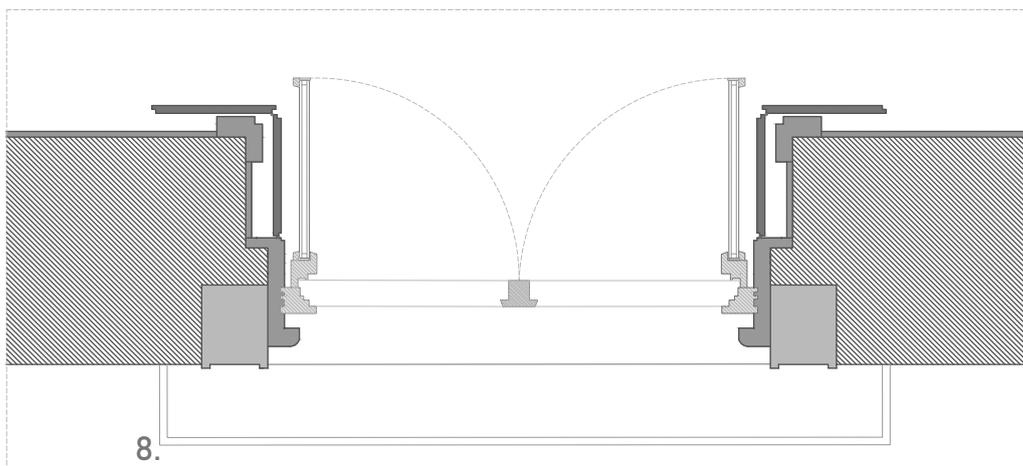
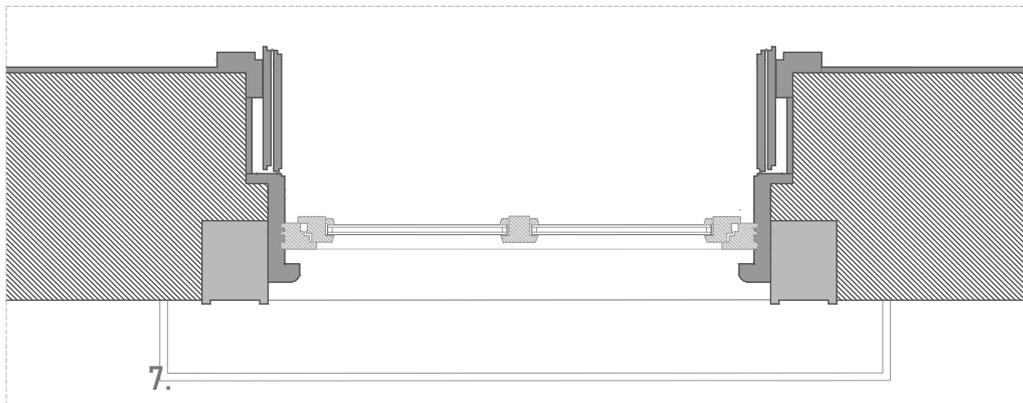
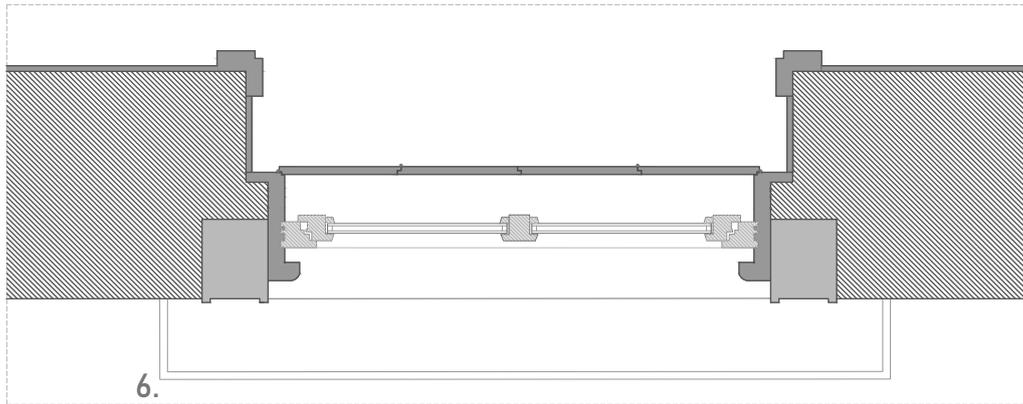


*Detalhes*  
*Escala 1/20*  
*Folha 26*



- 3. Corte vertical, portadas fechadas
- 4. Corte vertical, portadas abertas
- 5. Corte vertical, portadas e caixilharia nova aberta

*Detalhes*  
*Escala 1/20*  
*Folha 27*



6. Corte horizontal, portadas fechadas
7. Corte horizontal, portadas abertas
8. Corte horizontal, portadas e caixilharia nova aberta